



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JOSÉ DAVI LEITE CASTRO

**A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VIVÊNCIAS E FORMAÇÕES
QUE PERMEIAM A PRÁXIS PEDAGÓGICA**

FORTALEZA

2021

JOSÉ DAVI LEITE CASTRO

**A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VIVÊNCIAS E FORMAÇÕES
QUE PERMEIAM A PRÁXIS PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão do Curso submetido à Coordenação do Curso de Educação Física, do Instituto de Educação Física e Esportes, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Venâncio

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C351c Castro, José Davi Leite.
Capoeira na educação física escolar: vivências e formações que permeiam a práxis pedagógica / José Davi Leite Castro. – 2021.
119 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Luciana Venâncio.

1. Capoeira. 2. Histórias de vida. 3. Narrativas docentes. 4. Educação física escolar. I. Título.

CDD 790

JOSÉ DAVI LEITE CASTRO

**A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VIVÊNCIAS E FORMAÇÕES
QUE PERMEIAM A PRÁXIS PEDAGÓGICA**

Aprovação em: 16/04/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. LUCIANA VENÂNCIO (Orientadora)
Instituto de Educação Física e Esportes - UFC
Pós-Graduação em Educação Física/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Dr. LUIZ SANCHES NETO
Instituto de Educação Física e Esportes - UFC
Pós-Graduação em Educação Física/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Profa. Mtda. RAFAELLA BÔTO FERREIRA COSTA
Pós-Graduação em Educação Física/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Mtdo. JOSÉ OLÍMPIO FERREIRA NETO
Pós-graduação em Ensino e Formação Docente/Universidade de Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em associação com o Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por toda a força recebida e pelas vezes que em que não deixou que ela faltasse, mesmo nos momentos mais difíceis. Pela coragem que me deu pra enfrentar os desafios e instabilidades da vida. Pela sabedoria de tomar as melhores decisões que pude nos momentos mais desesperadores e incertos. Pela proteção e saúde de cada dia, que nos permite viver e experimentar do mundo que só me parece maior e mais rico a medida que estudo. E pela proteção e saúde daqueles que amo. Sem eles eu não seria nada.

Agradeço a Deus novamente, pela sorte, carma ou qualquer outra denominação que venham a acreditar, que me fez ter a honra de ter os melhores seres desse mundo como pais. Por eles eu estudei, trabalhei, levantei cedo e dormi tarde quando necessário, tentei ser alguém melhor a cada dia. Por terem me ensinado a diferença entre o “eu quero” e o “eu preciso” desde cedo, e a ser um ser humano decente antes de tudo (e não essa coisa de “seja homem”). Hoje, como jovem educador de outros seres, eu vejo a importância de tudo isso. Sem eles eu não seria metade de quem sou hoje.

Agradeço a professora Luciana Venâncio todos os dias, pela paciência, diálogo e empatia mesmo nos momentos mais delicados, e por me impulsionar sempre em busca de mais. Sem ela esse trabalho não seria nem sequer imaginado.

Agradeço a José Olímpio Ferreira Neto, Luciano Hebert de Lima Silva, Luciana Maria Fernandes Silva, Thayná Emily Soares de Sousa e a todos que um dia tomaram/tomam conta do projeto Debate com Ginga. O projeto e todos foram minha fortaleza e motivação dentro do percurso.

Agradecimentos mais que especiais a Amanda Mota, Isaac Dantas, Douglas Moura, Raquel Caetano, Matheus Cortez, Fabiano Veríssimo, Larissa Augusto, Laís Monteiro, Karoline de Souza, os “butantans”, pelos incentivos, puxões de orelha, e aprendizados. Sem eles a percurso na formação não teria tantos sorrisos e nem o mesmo sentido.

A todas e todos os demais que colaboraram com o percurso, eternos agradecimentos.

RESUMO

A capoeira está ligada ao processo de escravização dos seres humanos, desde o período colonial, aos processos de identidade racial/étnica, invisibilização e desigualdades, atravessa a constituição política, social e cultural e se faz presente em diversos contextos da construção urbano-social brasileira, do projeto de país, no mundo contemporâneo. O trabalho, de natureza qualitativa, utilizou de entrevistas narrativas como instrumento de coleta, com base em questionário semiestruturado, tendo o objetivo de investigar e compreender as influências da capoeira na vida e na prática pedagógica dos(as) professores(as) de Educação Física. As reflexões iniciais levaram a identificação que todos os processos de reconhecimento no contexto nacional e internacional ao longo dos anos, junto a ação de mestres(as) e pesquisadores(as), acarretaram diversas visões sobre a capoeira, sendo o caráter educativo um dos mais ressaltados na educação básica. A capoeira enquanto conteúdo de ensino fez parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) por duas décadas e está no texto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como exemplo da unidade temática lutas, sem estar explicitada como objeto de conhecimento. Com base na literatura, muitos são os fatores que colaboram para a inclusão, ou não, da capoeira como conteúdo da Educação Física escolar, visto que diversas questões perpassam tal entendimento até que este conteúdo seja intencionalmente ensinado e problematizado no contexto educacional. Um importante ponto está relacionado à formação inicial, momento do aprendizado e adequação dos acadêmicos ao tema e posterior mediação do conteúdo pelos(as) docentes de Educação Física na escola. Ainda com relação a formação acadêmica, as vivências e experiências formativas estão atreladas não somente ao ambiente acadêmico. Mas também a história de vida, aspectos emocionais e profissionais que convergem com a participação e envolvimento dos(as) sujeitos(as) e influenciam a construção identitária do ser professor(a). Por meio deste estudo, é perceptível a influência da capoeira nas histórias de vida dos(as) docentes, assim como nas diversas esferas e questões sociais vivenciadas, o que possibilitou, dentro das narrativas, o estabelecimento de uma via de mão dupla entre a capoeira e a academia, sendo pontuadas diversas características ligadas a questões didáticas e pedagógicas atreladas às relações com a capoeira, reafirmando a importância da existência e persistência do tema dentro da Educação Física escolar e das instituições de ensino, e de sua abordagem de forma crítica e reflexiva, contribuindo para o combate ao racismo, violência e desigualdades na escola.

Palavras-chave: Capoeira. Histórias de vida. Narrativas docentes. Educação física escolar.

ABSTRACT

Capoeira is linked to the process of enslavement of human beings, since the colonial period, to the processes of racial/ethnic identity, invisibility and inequality, it crosses the political, social and cultural constitution and is present in different contexts of Brazilian urban-social construction, of the country project, in the contemporary world. The work, of a qualitative nature, uses narratives as a collection instrument, based on a semi-structured questionnaire, with the objective of investigating and understanding the influences of capoeira in the life and pedagogical practice of Physical Education teachers. The initial reflections led to the identification that all recognition processes in the national and international context over the years, together with the actions of masters and researchers, led to different views on capoeira, with the educational character being one of most emphasized in basic education. Capoeira as the teaching content has been part of the National Curriculum Parameters (PCN - *Parâmetros Curriculares Nacionais*) for two decades and is in the text in the National Common Curricular Base (BNCC - *Base Nacional Comum Curricular*) as an example of the thematic unit fights, without being explicit as an object of knowledge. Based on the literature, there are many factors that contribute to the inclusion, or not, of capoeira as content of school Physical Education, since several issues permeate this understanding until this content is intentionally taught and problematized in the educational context. An important point is related to the initial formation, moment of learning and adaptation of the students to the theme and subsequent mediation of the content by Physical Education teachers at school. Still in relation to academic formation, how educational experiences are linked not only to the academic environment. But also the life story, emotional and professional aspects that converge with the participation and involvement of the subjects and influence the identity construction of being a teacher. Through the study, it is noticeable the influence of capoeira in the teachers' life histories, as well as in the various spheres and social issues experienced, which allowed, within the narratives, the establishment of a two-way street between capoeira and the academy, punctuating several characteristics linked to didactic and pedagogical issues linked to the relations with capoeira, reaffirming the importance of the existence and persistence of the theme within school Physical Education and educational institutions, and its critical and reflexive approach, contributing to the fight against racism, violence and inequalities at school.

Keywords: Capoeira. Life stories. Narratives of teachers. Scholar physical education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	OBJETIVOS.....	13
2.1	Objetivo geral	13
2.2	Objetivos específicos	13
3	QUADRO TEÓRICO.....	14
3.1	Capoeira no processo histórico, político e sociobrasileiro	14
3.2	Capoeira no(s) currículo(s) da Educação Física escolar	22
3.3	A capoeira como conteúdo da Educação Física escolar	25
3.4	Capoeira e a formação docente em Educação Física.....	28
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	32
4.1	Natureza do estudo	32
4.2	Etapas da pesquisa	33
4.3	Participantes.....	34
4.4	Instrumento de coleta de dados.....	34
4.5	Análise de dados	37
4.6	Procedimentos éticos	38
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	39
5.1	Relações entre a vida e a capoeira	40
5.1.1	<i>Professor Médio</i>	40
5.1.2	<i>Professor Gunga</i>	43
5.2	Dificuldades e auxílios na trajetória	45
5.3	A formação acadêmica em educação física escolar.....	50
5.4	As influências da capoeira na prática pedagógica	51

5.5	A capoeira como componente interdisciplinar e sua relevância para a Educação Física escolar	53
5.6	A prática pedagógica com a capoeira na sala de aula.....	58
5.7	Reflexões e mensagens finais	63
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS	70
	APÊNDICE A – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA NARRATIVA	75
	APÊNDICE B – INSTRUMENTAL ONLINE	77
	APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS.....	80
	APÊNDICE D - QUADRO SÍNTESE COM DADOS DO INSTRUMENTAL ONLINE.....	118
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	120

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo se desenvolve a partir do seguinte questionamento: como as vivências dentro do universo da capoeira em conjunto com a formação acadêmica podem influenciar à prática pedagógica dos(as) professores(as) de Educação Física ao abordarem esta temática? Essa questão abre também espaço para outras indagações como: na perspectiva dos(as) capoeiristas, que passaram pela formação em Educação Física, a formação inicial (embasada também no documento norteador mais recente, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC), durante a graduação, é suficiente para que os(as) professores(as) estejam aptos(as) e seguros(as) à abordar com coerência os aspectos relacionados à capoeira nas aulas de Educação Física Escolar? Na concepção destes(as), o que seria necessário para que isso ocorresse? Na tentativa de estruturar respostas plausíveis a estes questionamentos, será inicialmente realizada uma pesquisa bibliográfica, considerando um levantamento das principais fontes que possam fundamentar e nortear a deliberação de possíveis soluções.

Iório e Darido (2005), utilizando um panorama geral da área da Educação Física e da capoeira, estreitando o tema junto a Educação Física escolar e estabelecendo relações entre as três áreas, afirmaram, após análise desses cenários que, a relação capoeira e Educação Física escolar ainda se apresenta distante, e que dentre os diversos fatores enumerados, um deles seria o, ainda, vínculo do(a) professor(a) apenas com o “saber fazer”. Causa que, segundo Alves *et al.* (2019), está presente dentre as justificativas para não se abordar o tema, justamente por estes(as) não se sentirem seguro(as) para trabalhar a temática, além de elencarem como dificuldade a falta de apoio escolar.

Ao investigar como eram ministradas as aulas de Educação Física relacionadas à “Capoeira” Alves *et al.* (2019) constatou que, dentre o grupo de professores(as) pesquisados(as) que afirmaram trabalhar o tema, a maior parte deles(as) utiliza aulas teóricas como forma de contextualizar o histórico da capoeira, enquanto uma minoria utiliza jogos e brincadeiras buscando estimular os movimentos característicos da prática.

Ainda, segundo Alves *et al.* (2019), após análise de documentos da matriz curricular de cursos de Educação Física, mais especificamente de licenciatura, na cidade de Fortaleza, constataram que, dentre 12 instituições, como disciplina obrigatória, ela estava presente em apenas dois centros universitários, enquanto em um deles a temática parece estar inserida dentro de uma disciplina pertencente a grade obrigatória que trata sobre o conjunto de lutas afro-brasileiras e outras manifestações.

Em pesquisa realizada por Silva (2013), na qual participaram 30 professores(as) de Educação Física lotados(as) no ensino fundamental em escolas do município de Fortaleza, o autor buscou identificar em uma das perguntas realizadas se os(as) professores(as) tiveram alguma formação para abordar a temática da capoeira (praticando a modalidade, tendo contato com ela durante a formação acadêmica ou em ambas as situações). Dentre os achados, 19 afirmaram que não tiveram nenhuma formação, 6 afirmaram ver algo em meio a formação e 4 já praticaram e/ou praticam capoeira. Quando questionados sobre a abordagem do tema dentro de suas aulas o mesmo número se repete, 19 participantes afirmaram não abordar este conteúdo em sala de aula.

Não se sentir seguro(a) ou não dominar o tema, não conseguir adequar o tema de forma a promover a aprendizagem, principalmente ao que compete a área educacional do professor(a) em específico, são problemáticas relacionadas as “categorias do conhecimento do professor” propostas por Shulman (1986), que seriam habilidades e compreensões necessárias na atividade docente para atuar nas diversas situações de ensino de forma efetiva.

Algumas produções, como Alves *et al.* (2019) e Silva (2013), partem em busca da percepção de professores(as) de Educação Física que se encontraram no desafio de ministrar aulas sobre a capoeira na educação básica, ou sobre sua presença em meio a formação e/ou atuação dos mesmos. O presente trabalho conta com a perspectiva de professores de Educação Física que lecionam/lecionaram em escolas, mas que mesmo antes da formação acadêmica praticaram e/ou tiveram contato com a capoeira.

Tendo em vista alguns aspectos da abordagem da capoeira no ensino superior e considerando sua importância na educação básica, sobretudo nas aulas de Educação Física, o presente estudo tem o intento de identificar como a vivência da capoeira influenciou a prática pedagógica de professores(as) de Educação Física. O trabalho terá também como objetivo apresentar contribuições de capoeiristas formados em Educação Física – licenciatura sobre possíveis soluções para que lacunas relacionadas a inserção destas práticas no contexto escolar, possam ser resolvidas, bem como problematizadas e refletidas.

Todos os questionamentos inicialmente elencados, surgiram em meio a formação acadêmica do autor do presente estudo, praticante de capoeira, aluno do curso noturno de Licenciatura em Educação Física e bolsista do projeto de extensão Debate com Ginga: as multífaces da capoeira¹, atuando junto aos demais colaboradores do projeto. Dentro da

¹ O autor teve alguns contatos com o projeto em 2018, participando do processo seletivo para tornar-se bolsista remunerado no ano de 2019, quando foi selecionado e iniciou seus trabalhos no projeto. No ano seguinte, candidatou-se a vaga de bolsista voluntário, dando seguimento as atividades juntamente aos demais

universidade e do projeto de extensão, o bolsista pôde compreender ainda mais a intersecção entre a Educação Física, Educação Física escolar e a capoeira, assim como suas múltiplas interpretações, usos, organizações, dentre outros pontos relevantes. Por meio do estudo, do contato com outros pesquisadores(as), professores(as), colegas, alunos(as), das experiências vividas com a capoeira, com o curso e principalmente da atividade docente experienciada nos estágios e acompanhamentos de outros(as) docentes, diversos conhecimentos conflituaram com as vivências adquiridas ao longo da formação e repercutiram fortemente em sua atividade docente.

O curso de Educação Física – Licenciatura, da Universidade Federal do Ceará, oferta a disciplina obrigatória de “Artes marciais e Capoeira”, e uma optativa denominada “O ensino da Capoeira”. Diante do trabalho como bolsista, é possível perceber que muitos(as) alunos(as) buscam o projeto como forma de compreender melhor o universo da capoeira, uma vez que se encontram diante do desafio de organizar e planejar aulas e/ou apresentações envolvendo esta temática, assim, o projeto e as disciplinas tornam-se fortes agentes fomentadores deste tema.

De acordo com Alves *et al.* (2019) e Silva (2013), a abordagem da capoeira nas aulas de Educação Física escolar ainda sofre com *déficits* resultantes de diversos fatores, inicialmente encontrados na formação docente. Fatores esses que pela ótica dos(as) que já a praticaram possam ser melhor explanados, juntamente a proposição inicial de entender as convergências da prática da capoeira com a formação docente e o reflexo destes na atuação docente. Segundo Muylaert *et al.* (2014), esses discursos narrativos individuais ilustram também questões da realidade social e da construção do coletivo.

Uma vez que “[...] os professores, no âmbito da prática pedagógica, também produzem e mobilizam outros saberes para além dos conhecimentos acadêmicos ou científicos” (JARDIM; BETTI, 2014, p. 216), entende-se que, as vivências e experiências formativas estão atreladas não somente ao ambiente institucional, o âmbito acadêmico, pessoal, emocional e profissional convergem, e a participação e envolvimento do sujeito com esses campos influenciam na construção do ser como professor(a). Esses campos reforçam a importância do estudo de narrativas docentes e de sua compreensão quando atreladas às influências formativas. Sendo assim, as narrativas poderão tornar-se ricas fontes de

colaboradores. No ano de 2020 o projeto não fez parte dos selecionados a serem contemplados com as bolsas de extensão universitária, embora todos os requisitos para a continuidade da disponibilidade da bolsa tenham sido atingidos. O projeto foi criado em 2011 por Luciano Hebert de Lima Silva, presidente da Associação Sociocultural Viva Capoeira Viva. Em 2016 é firmada parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC), tornando-se projeto de extensão registrado junto a Pró-reitoria de Extensão da UFC (PREX/UFC), através de Luciana Maria Fernandes Silva, professora do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES). Atualmente o projeto aborda temáticas pertinentes sobre a capoeira através de eventos e ações dentro da universidade.

entendimento sobre os processos formativos para o exercício da docência e para as propostas curriculares dos cursos de licenciatura em Educação Física, o que poderá contribuir também para a fundamentação deste conteúdo na educação básica.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender as influências da capoeira na vida e na prática pedagógica dos(as) professores(as) de Educação Física.

2.2 Objetivos específicos

A) Identificar a relação estabelecida entre a prática de capoeira e a história de vida dos professores(as), e sua repercussão na formação inicial do(a) docente;

B) Analisar a relação das experiências de vida entre a capoeira e as práticas pedagógicas;

C) Investigar a metodologia utilizada pelos professores(as) ao ensinar o conteúdo referente à capoeira;

D) Investigar a existência de sugestões sobre possíveis alterações curriculares no que tange ao tema e a situação dos currículos em meio ao processo de formação docente.

3 QUADRO TEÓRICO

No decorrer do quadro teórico abordaremos sobre o percurso histórico da capoeira até sua inserção nos cursos de graduação em Educação Física. Inicialmente, partiremos de um breve entendimento da relação da capoeira nos processos históricos, políticos e sociais no contexto brasileiro, buscando compreender as mudanças sofridas e suas relações dinâmicas de adaptação e resistência à diversos contextos. Explanaremos os diferentes *status* que a capoeira recebeu, os mestres que mais a difundiram, marcos em seu reconhecimento, até o início de sua cogitação como tema da Educação Física escolar, onde, embasada por decretos e leis, sua presença se solidifica no currículo. Em seguida apresentaremos seus benefícios como conteúdo no que tange as práticas corporais oferecidas pela Educação Física escolar, finalizando com uma discussão sobre a oferta do tema dentro dos currículos no ensino superior.

3.1 Capoeira no processo histórico, político e sociobrasileiro

A capoeira tem feito parte do cenário brasileiro, tendo importante contribuição na construção histórica do país. Partindo do processo de escravização dos seres humanos na formação da então recente colônia, configurando-se como forma de resistência a ele, estando atrelada a todos os processos de caracterização, identidade racial, invisibilização e desigualdades, passando pela constituição política, social e cultural até a independência, e se fazendo presente até mesmo em diversos processos da construção urbano social da nação após ela.

Todos esses processos no contexto nacional e internacional ao longo dos anos, junto a ação de mestres(as) e pesquisadores(as), acarretaram em diversas visões sobre a capoeira, sendo o caráter educativo e pedagógico atribuído a ela, tornando propícia a sua inclusão no âmbito institucional.

Na formação do estado nacional, por meio da escravização de povos de origem africana, surge a luta corporal capoeira como uma forma expressiva de resistência contra a violência e opressão permanente a qual à sociedade escravizada era submetida (SOARES, 1999). Uma manifestação popular de um povo escravizado em busca de liberdade, enfrentando toda a violência e perseguição da época (CAMPOS, 2001).

O Brasil se destaca como uma das maiores sociedades multirraciais do mundo, contendo um grande número de descendentes de africanos (GOMES, 2011), caracterizando-se por uma população miscigenada. Tal processo, atrelado a construção do país no período

escravista, se demonstra presente através de uma metamorfose cultural/populacional que começa a ser percebida na formação da identidade étnica escrava, influenciando na presença de outros grupos dentro da nação em formação e da capoeira, passando a ser composta também por escravos crioulos, imigrantes, portugueses, homens livres, entre outros, e não mais apenas por africanos escravizados (SOARES, 1999).

Uma vez tida como “flagelo das autoridades responsáveis pela ordem social do incipiente império” (SOARES, 1999, p. 7), seus praticantes foram caçados, discriminados, e a prática é proibida, integrando o Código Penal Brasileiro, após a Proclamação da República, por meio do Decreto n.º 874 de 11 de outubro de 1890, capítulo XII, artigo 402 – Dos Vadios e Capoeiras (CAMPOS, 2001).

Em boa parte do século XIX, a capoeira foi vista de forma marginalizada, dependendo do saber letrado e da ação de vários praticantes para galgar espaço e adquirir lugar em meio ao mundo da cultura (SOARES, 1999). Dentre esses(as) praticantes e contribuintes destacaram-se dois mestres, Mestre Bimba e Mestre Pastinha. O primeiro, nascido em 1900, desenvolvedor da Luta Regional Baiana, fundando sua academia em 1937 em Salvador/BA, a qual tornou-se a Capoeira Regional. O segundo, nascido em 1889, desenvolvedor da Capoeira Angola desenvolvendo-a em 1941 (SILVA; DARIDO, 2017), tendo a criação do termo Capoeira Angola surgido em contestação à mudança sofrida pela capoeira, diferenciando-a assim da, até então chamada, Luta Regional Baiana (CASTRO JÚNIOR, 2004).

Na Capoeira Angola, há uma presença maior do uso do corpo em movimentos mais desarranjados, mais rasteiros, que visam a surpresa, em ritmo lento, enquanto na Capoeira Regional, o ritmo é mais rápido, os movimentos assumem diversas configurações com a intenção de aproximar-se, ter contato, sendo mais comumente jogada em um nível alto, de caráter mais combativo (MACUL, 2008). As formações da Capoeira Angola eram baseadas na observação do momento da roda e dentro do jogo, enquanto na Capoeira Regional, Mestre Bimba inova apresentando um “sistema de ensino”. Essas diferenças presentes tanto na forma de ministrar as “aulas” como na forma de praticar e ver a capoeira, criaram fortes divergências entre os capoeiristas seguidores dos referidos estilos, agora, considerados diferentes. Contudo, ambos estabelecem uma dinâmica, conectando-se e relacionando-se, fugindo da estaticidade, além de se relacionarem inevitavelmente às dinâmicas da sociedade humana (FERERIRA NETO, 2018).

Há comunidades de capoeiristas que consideram a Capoeira Angola como forma mais ancestral de luta (devido a permanência de algumas tradições da capoeira baiana² em comparação a Capoeira Regional), contudo, essa divisão de estilos não impediu o seu avanço nos diversos níveis sociais da época (ALVES *et al.*, 2019). Dentro desse cenário, muitos(as) mestres(as) que não se consideram pertencentes a nenhum dos dois extremos delimitados, afirmam praticar uma mistura dos dois estilos, autodefinindo a capoeira que fazem como “contemporânea” (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008).

Dentre as práticas de Bimba com a Capoeira Regional, ele adicionou e sequenciou golpes, criou formas de aprendizado para cintura desprezada (levando em consideração a iniciação e a utilização de duplas nesses treinos), desenvolveu eventos de formatura ou “graduação”, tornou o aprendizado metodológico e estabeleceu cerimônias (MACUL, 2008). Após esse sistema de ensino ser desenvolvido por Mestre Bimba, tem início um novo olhar sobre a capoeira, antes considerada “prática de rua”, mas que agora poderia ser ensinada, e até mesmo praticada fora das ruas, pela primeira vez é lançado sobre a prática um olhar pedagógico.

Diante do surgimento e grande ascensão da Capoeira Regional, Mestre Pastinha viu uma necessidade de inovar as tradições ancestrais que a Capoeira Angola tanto preza. Investindo ainda mais nos aspectos considerados perdidos na sistematização da Capoeira Regional, como a ritualística, espiritualidade e tradição, ele inseriu significativas mudanças no seu estilo, diferenciando-o da “vadiação” do início do século (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998).

Adotou uniformes, fomentou um espírito de grupo entre seus alunos e introduziu a graduação formal para mestre. À semelhança de Bimba e seus alunos, passou a se apresentar com o seu grupo na Bahia e no Brasil inteiro, nas décadas de 1940-60, garantindo assim à Angola um mínimo de espaço público. Conseguiu também a ajuda de alguns intelectuais influentes como Jorge Amado, que o ajudaram a receber um – sempre muito limitado – apoio institucional (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998, p. 25).

Com isso, a capoeira ganha atenção de boa parte da população, atraindo olhares até mesmo do alto escalão da época, e da comunidade capoeirista, criando uma discussão sobre a possível dicotomia dentro desta última esfera, e mais especificamente sobre os rumos pelos quais a Capoeira Regional seria guiada.

Vieira e Assunção (1998), ao analisarem mitos e controvérsias presentes em alguns discursos sobre a capoeira, observam que se apresentam duas visões sobre esse

² Os termos “capoeira baiana”, “capoeira baiana antiga”, “capoeira tradicional baiana” se referem a capoeira antes do desenvolvimento da Luta Regional Baiana (Capoeira Regional), e da Capoeira Angola. De acordo com Vieira e Assunção (2008), a capoeira baiana teria como fortes características a vadiação ou malandragem antiga, e carregaria algumas tradições e formas de se organizar diferentes dos dois estilos advindos dela.

desenvolvimento da Capoeira Regional. Como mencionado pelos autores, a primeira seria uma perspectiva negativa, relacionando-a a um processo de “embranquecimento” da capoeira, onde os(as) alunos(as) agora seriam de classes econômicas mais altas, apresentações e eventos seriam mais realizados, relações políticas seriam formadas como meios de obter poder econômico e influência, assim como ocorreria uma descaracterização de diversos rituais tradicionais. A segunda visão seria mais positiva, ligada a um sentimento de salvação frente a uma eminente extinção devido as novas exigências do mundo moderno, auxiliando também no seu processo de expansão com a criação de uma metodologia de ensino e sequência de aprendizagem.

Todos esses processos, criações e estruturações partiram de uma crítica de Bimba a eficácia da Capoeira baiana, considerada por ele de nível técnico insuficiente quando em relação a outras lutas marciais difundidas no Brasil (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998). Insuficiência essa que, junto a outros fatores da modernidade, levaria ao seu esquecimento e conseqüente desaparecimento.

Vale ressaltar que, segundo Vieira e Assunção (2008), a Capoeira baiana antiga, muito caracterizada e definida também pela presença da “malandragem antiga”, antes da modernização, não era uniforme, cada mestre(a) ensinava um conjunto de movimentos, práticas e rituais, muitas vezes, de forma distinta dos(as) demais, não permitindo o estabelecimento de apenas uma tradição única. Assim, a adição de novos elementos reforçou o processo de caracterização e diferenciação de cada estilo, contudo, tanto Regional como Angola representam uma “ruptura” com essa malandragem antiga, “transferindo a prática da capoeira da rua para uma academia, com treinos regulares, uniformes e regulamentos, expandindo o ensino a grupos maiores de alunos e recrutando novos segmentos da população brasileira: crianças e jovens da classe média e mulheres” (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008, p. 13).

Essa ruptura com a “malandragem antiga”, processos de diferenciação e nova configuração que a capoeira adquire em confronto às demandas da modernidade pode ser entendida também sob a ótica das exigências da “escravidão econômica” contemporânea.

Segundo Sanches Neto e Oyama (1999), analisando o período de transição da escravidão ao sistema capitalista industrial e até a contemporaneidade, com o fim do sistema escravista colonial e sem nenhum aporte governamental para garantir a educação e o exercício profissional formal pós abolição da escravatura, a população negra e seus descendentes passam a compor, em sua maioria, a classe mais ampla da sociedade brasileira, composta por pessoas com baixo poder aquisitivo, que desempenham funções informais e trabalho servil

mal remunerado, vinculando a necessidade dessa população por recursos que garantam sua subsistência à necessidade de mão de obra barata pela parcela que tem as rédeas do capital industrial.

Ainda segundo Sanches Neto e Oyama (1999), há possibilidade da existência de uma “escravidão econômica” contemporânea, que seriam resquícios da era escravista na sociedade contemporânea, ligadas a uma forte restrição econômica como fator limitante da liberdade, que agora está ligada a polarização social em função do poder econômico e ao número de opções e oportunidades diferentes determinadas de acordo com a posição social ocupada e/ou a quantidade de dinheiro que o indivíduo possui.

A busca por novos segmentos da população brasileira e a formalização de alguns rituais antigos podem ser vistos também como formas de adquirir mais “oportunidades” no cenário de atuação e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida através do trabalho com a capoeira. Contudo, embora todos os embates e discussões sobre os benefícios e/ou malefícios que essa nova “apresentação” da capoeira causou, nota-se uma real ampliação na atenção dada a ela e no número de ambientes e contextos nos quais ela tornou-se presente.

Vale nota que processos em busca da permanência de algumas práticas, e proteção contra investidas policiais na época da criminalização da capoeira, foram adotadas através da permuta de benefícios ou contratação, ilustrada na ligação de maltas³ com partidos políticos na época do Brasil Império, prestando serviços de proteção e instaurando violentos conflitos em eventos político-partidários contra grupos adversários (SOARES, 1999).

Os métodos ginásticos europeus já se encontravam no Brasil no início do séc. XX e já influenciavam fortemente a área da Educação Física, que estava ligada aos princípios da higienização e eugeniação (IÓRIO; DARIDO, 2005). Nesse período, a capoeira, sofrendo represálias desde 1890, adentrando na década de 30, sob o governo de Getúlio Vargas, recebe sua legalização, podendo ser praticada em ambientes fechados e, estando atrelada agora ao ideário nacionalista, recebe *status* de “ginástica nacional”, símbolo cultural brasileiro, e assim como a área a qual pertence, objetivava no momento a docilização, disciplinarização⁴ e moralização do corpo (NORONHA; PINTO, 2004).

³ As maltas se tratavam de unidades formadas por praticantes de capoeira, sendo uma forma associativa de resistência e disputa de poder durante o Brasil Império. Segundo Soares (1999), na segunda metade do século XIX as maltas já possuíam organização geográfica bem definida, compondo marcos de referência territorial.

⁴ A docilização e disciplinarização mencionadas teriam como ordem a estruturação das concepções de “corpo dócil”, de Foucault (1987), para quem o corpo dócil seria o “corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1987, p.118), reconhecendo ele como objeto e alvo de poder, a quem são impostas proibições, limitações e ditados comportamentos, no qual seria criada “uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil [...]” (FOUCAULT, 1987, p.119), tornando-o produto submisso de um processo de disciplinarização.

Na década de 1970, a capoeira recebe o *status* de esporte, ligada a competições e fazendo parte da Confederação Brasileira de Pugilismo, tornando-se institucionalizada através da homologação do Conselho Nacional de Desporto, possuindo, mais tarde, filiações com a Confederação Brasileira de Capoeira, fundada em 1992 (CAMPOS, 2001).

Segundo Silva (2007, p. 69), a “[...] criação da Capoeira Regional e seu reconhecimento como esporte nacional propiciou, simultaneamente, maior inserção da capoeira no contexto social, abertura a novas configurações e maior suscetibilidade aos atravessamentos e capturas do poder”.

A perda da característica principal da capoeira da época de ser uma “manifestação de rua” devido o surgimento da Capoeira Angola e Regional e o conseqüente abandono da prática nas ruas para, marjoritariamente, ser praticada nas academias (SILVA, 2001), contribuiu para que ela se mantivesse distante da Educação Física escolar, mesmo com todas as tentativas de esportivizá-la, e com fortes influências do Método Desportivo Generalizado – MDG sob a Educação Física da época, que visava ainda mais o ideário esportivo (IÓRIO; DARIDO, 2005).

As novas aberturas possibilitadas pelos destaques recebidos, auxiliaram no crescimento do número de adeptos e ambientes onde a capoeira se tornou presente, promovendo ressignificações sobre sua prática, permitindo que ela galgasse espaço, também, no mundo da arte:

A saída da capoeira do seu contexto original e seu ingresso em academias, escolas, universidades, palcos de dança, competições de luta livre e até salas de terapia multiplicou sentidos, significados, formas, maneiras de treinar e de jogar. Em outras palavras a transformação da capoeiragem – entendida aqui como o contexto social da capoeira – também impactou o conteúdo da arte (VIEIRA; ASSUNÇÃO 2008, p. 15).

Ainda dentro da contribuição da Capoeira Regional, Campos (2001) ao mencionar alguns relatos de alunos de Bimba participantes de uma demonstração de capoeira para o Presidente Getúlio Vargas, no Palácio da Aclamação, em 1953, afirma que a data é um marco de aproximação da arte com a sociedade, e que com essa convergência a capoeira adentrou ainda mais em diversas áreas.

A partir do final da década de 1980, de acordo com Vieira e Assunção (1998), é observado um maior interesse em pesquisar sobre a capoeira, assim como uma renovação dos estudos sobre ela, que contariam agora com uma maior especialização dos estudos em áreas diversas relacionadas com a manifestação, como a área da Educação Física, história, sociologia e antropologia.

Mais tarde, em 2008, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, reconhece a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira (IPHAN, 2008), e em 2014 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, reconhece a Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (UNESCO, 2014).

No que tange a inclusão de temáticas relacionadas a cultura afro-brasileira dentro da organização e estrutura das instituições de ensino nacionais, e sua conseqüente contribuição para a abordagem da capoeira na escola, Ferreira Neto e Cunha Filho (2013) ressaltam a importância da, sancionada pelo então Presidente Lula, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996:

A mesma inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, sendo substituída por lei mais atual que adiciona a cultura indígena, mas a que se apresenta é um marco na luta pelos direitos da cultura afrodescendente (FERREIRA NETO; CUNHA FILHO, 2013, p. 16).

Ressaltamos também a lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008) que altera a LDB (Lei nº 9.394/1996) e inclui a cultura indígena, tornando obrigatório o ensino da temática: “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Ainda segundo os pesquisadores a capoeira é uma “ferramenta educacional que pode ser utilizada para a efetivação da lei supramencionada. Pode ser trabalhada em diálogo com diversas disciplinas do contexto escolar, com a ajuda de diversos profissionais que compõem” (FERREIRA NETO; CUNHA FILHO, 2013, p. 17).

Segundo Shulman (1986), as “ferramentas de ensino” são retiradas do currículo, e através delas o professor(a) apresenta determinado conteúdo e auxilia na adequação dos estudantes aos temas. Logo, o uso da capoeira como “ferramenta educacional” ou “ferramenta de ensino”, como tema facilitador, mediador dos conteúdos atrelados a lei mencionada e ao currículo educacional, não elimina a existência de outros temas pertencentes a “História e Cultura Afro-Brasileira”, mas ressalta a presença de elementos únicos pertencentes a cada manifestação cultural, que as tornam extremamente significantes em meio ao bloco de conteúdos. Assim, no caso da capoeira, devendo ser trabalhada de forma que:

[...] deve-se enfatizar todo potencial educativo desta manifestação cultural, principalmente, no que se refere à sua participação no processo de educação das relações étnico-raciais e valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro (MELO, 2012, p. 197).

Contudo, salientamos que esse processo de inclusão formal em ambientes educacionais foi longo e dependente de vários fatores, havendo sempre um fator

social/político em comum que abrange tanto a capoeira como o componente escolar ao qual ela veio a fazer parte.

Esse fator social/político, sobre a capoeira, é observado também por Falcão (2006), que ao analisar os discursos de alguns mestres que exploraram o trabalho com a capoeira para além das fronteiras brasileiras, identifica as contribuições e características desse movimento de internacionalização (iniciado a partir da década de 1970) no processo de ressignificação do “jogo da capoeira”, constatando que:

Pode-se verificar que, tal como outras práticas significativas, o jogo da capoeira é condicionado por valores e regras sociais que influenciam na materialização de sua forma/conteúdo. Como construção social, que permanentemente se manifesta, e como manifestação cultural que permanentemente se constrói, o jogo da capoeira é influenciado pelo tempo histórico em que se situa, e também, edificado a partir dos interesses e das ações dos sujeitos que, por meio dele, atuam e disputam poder na sociedade (FALCÃO, 2006, p. 72).

Vale ressaltar que a ideia apresentada por Falcão (2006) sobre o “jogo da capoeira”, é referente, em sua análise, a uma construção social constante, onde aos valores de um determinado jogo se relacionam, inevitavelmente, com os dilemas presentes na sociedade. O próprio autor menciona o conflito existente entre essa visão com relação a de outros pesquisadores que abordam o jogo, sem excluí-las, para os quais o jogo seria “uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material” e “exterior à vida habitual” (HUIZINGA, 1990, p. 16).

Já entrando na presença desse fator comum e sua relação nas esferas acima mencionadas, segundo Iório e Darido (2005), a Educação Física, a Educação Física escolar e a capoeira sempre foram influenciadas e tiveram relações com o pensamento político-ideológico de cada período histórico vivido. O autor e a autora tracejaram um paralelo sobre o percurso histórico e relacional entre as esferas e, constataram que no período ginástico/eugenista teria surgido as primeiras menções, dentro de ambientes militares, sobre a capoeira como ginástica nacional, sendo, essa aproximação com o pensamento patriótico e disciplinar dos corpos, desvinculada de um contexto histórico e tornando a capoeira um instrumento da Educação Física (na época, ligada aos ideais dos modelos ginásticos europeus), contudo, mesmo com a liberação de algumas manifestações (por Getúlio Vargas) antes proibidas, e o surgimento das primeiras academias de capoeira, a capoeira ainda se encontra distante da escola.

Ainda segundo Iório e Darido (2005), com a adoção do método desportivo generalizado (MDG) e aderindo ao modelo esportivo/técnico, a Educação Física escolar preza pela utilização dos esportes, visando seu uso nas melhorias físicas, sociais, morais e psíquicas,

sendo, a capoeira, desenvolvida em academias com mais frequência e aproximando-se do ideário esportivo, tendo uma abertura de seu mercado consumidor para os indivíduos que durante o Golpe Militar de 1964 no Brasil, ansiavam pelos discursos de liberdade e democracia, chegando na década de 1970 ainda associada ao discurso esportivo (mais comumente a Capoeira Regional), porém, ainda distante do ambiente escolar, onde só começa a ser cogitada a sua inclusão como uma temática escolar da Educação Física em meio ao discurso de alguns autores (por volta da década de 1980) com perspectivas críticas e voltadas às mudanças sociais, em oposição a características do modelo esportivo da época.

Segundo o Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992), os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros, são de responsabilidade da Educação Física, área que trata dos temas referentes a “cultura corporal de movimento”, que são representações simbólicas da realidade vivida pelo homem, atividades expressivas, resultados de conhecimentos produzidos culturalmente, social e historicamente acumulados. Os autores da obra citada, ao mencionarem a capoeira como conteúdo da Educação Física escolar, afirmam que os gestos da capoeira, que é rica expressão de desejo de reconquista de uma liberdade perdida, não podem ser desvinculados de sua história, ou ser tratada apenas como uma modalidade esportiva, logo, “a Educação Física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou” (SOARES *et al.*, 1992, p. 53).

3.2 Capoeira no(s) currículo(s) da Educação Física escolar

Como parte do currículo educacional, a capoeira foi inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) e recentemente na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), fazendo parte dos documentos normativos e norteadores dos processos formativos de professores(as) sobre os objetivos a serem alcançados em cada faixa de ensino na educação básica brasileira.

Nos PCN (BRASIL, 1997), ainda na mensagem inicial presente no documento norteador, é mencionado seu objetivo de, em conjunto com o trabalho docente, auxiliar os(as) alunos(as) na formação cidadã consciente e reconhecida. Desta forma, permitindo ao discente “enfrentar a realidade como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres” (BRASIL, 1997, p. 4). Para tal, seriam oferecidos “o pleno acesso aos recursos culturais relevantes para a conquista de sua cidadania” (BRASIL, 1997, p. 4), que

envolvem os saberes escolares, ambientais, sexuais, constitucionais, humanitários, solidários, entre outros relacionados principalmente às discussões contemporâneas.

Como parte dos PCN, no volume 7 - Educação Física (BRASIL, 1998), a temática “capoeira” se encontra dentro do bloco de conteúdos “Esportes, jogos, lutas e ginásticas”, integrando as práticas corporais referente às lutas.

Já no que tange a BNCC (BRASIL, 2017), dentro do que compete a Educação Física no Ensino Fundamental (do 1º ao 9º ano), ela está inserida dentro da unidade temática de Lutas, sendo citada como pertencente ao grupo de “lutas brasileiras” juntamente a huka-huka e luta marajoara. A BNCC (BRASIL, 2017) divide os objetos de conhecimento de cada ano, delimitando por blocos os anos de ensino. As “lutas de matriz indígena e africana” são delimitadas ao 2º bloco dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que compreende do 3ª ao 5ª ano, enquanto, nos anos finais do ensino fundamental, as “Lutas do Brasil” estão previstas para o 1ª bloco, 6º e 7º anos.

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro e posicionar-se frente a quaisquer discriminações com base nas diferenças culturais, sociais etc. é um dos objetivos da Educação Física apresentados pelos PCN (BRASIL, 1998). A BNCC tem o movimento humano como pertencente ao âmbito da cultura, não se limitando a simples deslocamentos corporais, entendido como manifestação expressiva do ser produzida ao longo da história por diversos grupos sociais (BRASIL, 2017). Apresentando, até mesmo no que se refere ao ensino infantil, uma necessidade de trabalhar e conhecer culturas plurais em diálogo com a diversidade presente na escola/comunidade (BRASIL, 2017).

Dada a sua presença dentro dos documentos norteadores da educação brasileira, mencionados anteriormente, e a forte relação com os pressupostos do ensino da capoeira para com os objetivos inicialmente almejados nesses documentos, entende-se a capoeira como um conteúdo pertencente às lutas brasileiras, de origem africana e com ampla ligação histórica nacional, a qual, quando mediada pelo(a) professor(a) de Educação Física é capaz de proporcionar além da compreensão, a reflexão, pertencimento, engajamento e atuação perante as realidades vividas no meio escolar e social.

Entretanto, segundo pesquisa realizada por Silva (2013), onde analisa o conhecimento de um grupo de professores(as) de ensino fundamental do município de Fortaleza sobre a capoeira, a ocorrência de seu ensino e outros fatores relacionados a formação acadêmica, após a análise de alguns resultados (dentre eles a prevalência de 63,3% dos(as) participantes que responderam não abordar a capoeira em suas aulas), o autor abre a reflexão sobre a baixa quantidade de estudos sobre manifestações afro-brasileiras nas escolas, sendo a capoeira

pertencente a esse grupo, e provavelmente prejudicada pela não abordagem dos temas, mesmo com a Lei nº 10.639/03 tendo tornado obrigatória a abordagem dos conteúdos referentes a essa cultura. E com a Lei 11.645/08, mais atual, que inclui também o ensino da cultura indígena (BRASIL, 2008).

As leis mencionadas, alteram a Lei nº 9.394/96⁵ (LDB), e adicionam a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino fundamental e médio, sejam elas oficiais ou particulares (BRASIL, 2008). Ainda dentro da redação da lei mais atual:

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008, p. 1).

A redação ainda expressa que esses conteúdos devem ser ministrados em todo o currículo escolar, destacando áreas da educação artística, literatura e histórias brasileiras (BRASIL, 2008). Contudo, como mencionado na lei, e como destacamos, esses temas encontram-se em outras áreas responsáveis pela sua abordagem, tendo em vista os diversos aspectos mencionados no texto do documento.

Como marco aos temas inicialmente propostos pela Lei nº 10.639/03, que até então trazia a inclusão apenas da história e cultura Afro-Brasileira, é adicionado a LDB e aos calendários escolares o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” (BRASIL, 2003).

A não abordagem de temas relacionados a pluralidade cultural nacional representa uma contradição diante das leis e as propostas curriculares norteadoras que abrem espaço a regionalização, apropriação cultural e demonstram preocupação com o atendimento a diversidade cultural brasileira. De acordo com essas ideias, segundo Alves *et al.* (2019), o não ensino da temática capoeira ainda é presente dentro das aulas de Educação Física escolar, possuindo vários fatores formativos e conceituais que explicam essa ocorrência, contudo, fatores esses que não justificam o não tratamento de uma temática tão rica para a cultura corporal de movimento dos(as) alunos(as).

⁵ BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

3.3 A capoeira como conteúdo da Educação Física escolar

A arte de rua se desdobra pelos mais diversos ambientes, adentrando nos currículos e somando seus conteúdos e práticas aos objetivos da Educação Física e do ambiente escolar. Agora, a visão pedagógica da capoeira como prática corporal ganha destaque e importância em meio ao currículo escolar das instituições de ensino na educação básica.

Como destacado anteriormente, a capoeira se faz presente na Educação Física escolar pelos temas de “lutas brasileiras e de matriz indígena e africana” (BRASIL, 2017), e no componente de “lutas” (BRASIL, 1997), estando atrelada ao que permeia as temáticas da “história e cultura afro-brasileira”, com diversas menções sobre suas formas de abordagem e seus respectivos benefícios e sistematizações.

A Educação Física tematiza as “práticas corporais” diversas, tendo elas como “textos culturais passíveis de leitura e produção” (BRASIL, 2017, p. 214), as quais permitem, por meio da prática, acesso a conhecimentos inacessíveis se não pelo movimento, e tornando-as significativas através da problematização e evidência dos múltiplos significados de diferentes manifestações da cultura corporal de movimento, atribuídos por diferentes grupos sociais (BRASIL, 2017).

Campos (2001), divide em sete as formas de contemplar a capoeira na escola, salientando que, por meio dessa prática corporal, os(as) alunos(as) poderão se identificar em uma das formas abordadas, sendo elas: luta, dança e arte, folclore, esporte, educação, lazer, filosofia de vida. Ainda ligado à diversidade de possibilidades de ensino e problematização do conteúdo, as temáticas de identificação do(a) aluno(a), o autor salienta que:

A Capoeira é uma excelente atividade física e de uma riqueza sem precedentes para ajudar na formação integral do aluno. Ela atua de maneira direta e indireta sobre todos os aspectos cognitivo, afetivo e motor. A sua riqueza está nas várias formas de ser contemplada na escola, onde o aluno, através de sua prática ordenada, poderá assimilá-la e atuar nas linhas com as quais se identifica: [...] (CAMPOS, 2001, p. 23).

Segundo Silva e Darido (2017), a capoeira é uma representante da diversidade afro cultural presente no país devido a sua origem afro-brasileira, ligada a história de luta da população negra no Brasil e, se vivenciada e “refletida” na Educação Física escolar, pode proporcionar uma ampla discussão e reflexão sobre as desigualdades sociais envolvendo várias etnias e povos.

E para além do que é visto nos ambientes de aula, e como mencionado por Campos (2001), a capoeira também permite que o(a) aluno(a) se identifique em quaisquer das esferas

que ela contemple, possuindo também presente um caráter filosófico dentro de suas perspectivas atreladas a culturas africanas:

Na Capoeira a valorização do desenvolvimento do ser humano, sem fragmentações está presente. Oriunda da cultura dos povos africanos no Brasil, a Capoeira tem em suas bases a valorização do universo, do ambiente e do próprio corpo como uma manifestação do divino e do espiritual, concebendo uma visão holística do universo e de suas relações. Dessa maneira, sua prática e dinâmica, nos permite abordá-la por meio do conceito de corporeidade. É na Roda de Capoeira que o jogo acontece, e ela representa o mundo em que vivemos (POLY, 2015, p. 23).

A capoeira é uma arte de constante mutação, não se permitindo padronizações instituídas, garantindo a liberdade e criticidade sobre a corporeidade, oralidade e ancestralidade para além da educação firmada na disciplina do corpo (FERREIRA NETO, 2018).

Essa corporeidade deve ser entendida em um amplo aspecto, como possuidora de um longo histórico e que perpassa, sobretudo, o corpo negro. As compreensões e diálogos sobre o corpo negro são cruciais para compreensão de processos enraizados até hoje na sociedade brasileira, dentre eles todos os processos dialéticos de regulação (onde o corpo negro seria colocado em uma posição sub-humana, tido como mercadoria passível de ser vendida e comprada, e detentora de padrões estéticos rejeitados) e emancipação (onde o corpo negro assume uma construção política, que foge da exotização e busca a libertação de suas expressões, direitos e posicionamentos nos estratos sociais diversos), que se modificam a depender dos tempos e contextos políticos e históricos em que se situam (GOMES, 2019).

A criticidade quanto aos temas referentes a corporeidade ramificam-se para as questões sociais pertinentes vivenciadas por todos fora e dentro do ambiente escolar, dentre eles a presença das desigualdades sociais na atualidade que, segundo Sanches Neto e Oyama (1999), ainda apresenta resquícios da escravidão de épocas atrás refletidos na chamada “escravidão econômica” contemporânea, na qual a mudança na qualidade de vida do ser está fortemente associada ao poder aquisitivo de pagar por serviços ou bens. Ainda dentro dessa questão atual, e com foco nos efeitos que as demandas mercadológicas tiveram na atuação do(a) profissional de Educação Física, Sanches Neto e Oyama (1999) chegam a conclusão de que até a própria prestação de serviços pelos(as) profissionais de Educação Física também estaria vinculada a esse sistema contemporâneo resultando em uma diminuição das “perspectivas mercadológicas”, uma vez que a atuação desse(a) profissional tende a ocorrer em um segmento específico (aqueles que detém maior poder econômico e podem custear os serviços), reforçando o papel da Educação Física escolar, responsável pelo ensino,

transmissão, aplicação e concentração de conhecimentos teóricos e práticos referentes ao movimento, e de todos os segmentos da área responsáveis por:

[...] posicionar-se frente a esse panorama social, no sentido de assumir um compromisso político com a superação de um modelo econômico político que fere a dignidade humana (SANCHES NETO; OYAMA, 1999, p. 66).

Essa múltipla abordagem da capoeira a torna um rico componente a ser trabalhado dentro do âmbito escolar, podendo ser explorada por diversas disciplinas. Dentro do contexto das práticas corporais, o(a) professor(a) de Educação Física, ao ensinar e problematizar as temáticas que implicam a capoeira, poderá proporcionar reflexões enquanto amplia laços sociais entre os(as) alunos(as) e garante uma maior experiência motora (ALVES *et al.*, 2019). Como destaca Ferreira Neto (2018), a riqueza de temáticas presentes na capoeira tem o objetivo de formar cidadãos críticos e gerar diversas formas de experimentação, facilitando o desenvolvimento integral do aluno, adaptando-o a perceber e aceitar as diferenças em si e nos outros, auxiliando no processo de inclusão.

Sendo, nas atividades práticas, o momento do “jogo da capoeira”, um momento democrático, onde todos podem participar, dividindo um mesmo espaço, compartilhando experiências espontaneamente, o que contribuiria com o respeito dos participantes por seus colegas e aumentaria o vínculo entre eles (SILVA, 2005).

Com relação a essa aceitação as diferenças e ao respeito, é importante salientar que, embora a população brasileira possua um caráter miscigenado, esse fator não nos permite afirmar que somos uma nação aberta à diversidade, e muito menos que somos incapazes de odiar os diferentes indivíduos presentes nela (GOMES, 2019), uma vez que posturas racistas, machistas e preconceituosas emergem dos mais diversos setores sociais. Logo, não cabe aos educadores(as) reproduzir essa “noção imaginária” de mundo, mas sim conflitá-la a realidade dos sujeitos e coletivos e as questões pertinentes dentro dos campos de ensino, sendo a capoeira uma temática que possibilitaria esses conflitos e compreensões históricas das lutas desses seres afetados.

Silva e Darido (2017) elucidam uma série de seis aspectos que consideram fundamentais a serem ensinados sobre a capoeira na escola: i) Origem e histórico da capoeira: da proibição ao patrimônio cultural; ii) A contribuição dos negros na sua construção cultural; iii) Elementos constituintes: movimentos básicos da capoeira; iv) Vertentes da capoeira angola (Mestre Pastinha) e regional (Mestre Bimba); v) A roda de capoeira: regras básicas; vi) Instrumentos e musicalidade.

Pautados nesses aspectos os autores afirmam que a preservação e transmissão desse patrimônio humano é indispensável a todas as gerações a partir das aulas de Educação Física (e até mesmo fora dela), tendo a capoeira ligação com diversos acontecimentos, vivências, marcos históricos, e ser forte ferramenta de ilustração no que tange as modificações nos valores constituídos e transformados com o passar dos tempos, necessitando de docente capacitado para intermediar e perpetuar esses conhecimentos em sala de aula (SILVA; DARIDO, 2017).

3.4 Capoeira e a formação docente em Educação Física

A capoeira se encontra espalhada por todo o mundo, saindo da esfera brasileira e dos guetos e terrenos de onde nasceu, adentrando nos mais diversos ambientes sociais, dentre eles a escola e a universidade (CAMPOS, 2001).

Campos (2001), ao afirmar que a capoeira é praticada por todas as camadas sociais, atribui esse acontecimento a dois fatores: 1) caráter econômico – sendo a capoeira facilmente implementada em espaços, sem a requisição de sofisticação; 2) aspecto lúdico/cultural – que possui forte ligação com seus praticantes, remetendo a pontos de vista sobre manifestações culturais, estimulando ao estudo. Sobre esse último aspecto e essa alegação sobre o “estímulo ao estudo” diversos autores, Poly (2015), Ferreira Neto (2018), Silva (2013) entre outros, mencionam e alertam sobre a falta de estudos no que tange a capoeira em alguns ambientes, em específico no âmbito da educação física escolar.

Como vimos, leis, propostas pedagógicas, a riqueza do conteúdo, a facilidade de adequação ao ambiente, a ligação destes com a sociedade brasileira, muitos são os fatores que corroboram para a aplicação da capoeira como conteúdo da Educação Física escolar, porém, diversas esferas perpassam o conteúdo até que realmente seja ministrado no meio institucional da Educação Física. A começar pela formação acadêmica, seguida pelo aprendizado e adequação dos acadêmicos ao tema e a posterior mediação do conteúdo pelos(as) docentes de Educação Física responsáveis pelo componente.

Um importante ponto dessas dificuldades de inclusão dentro de um programa escolar é o conhecimento dos(as) professores(as) que ministram as aulas desse componente. Para isso, o(a) docente que ministrar o componente, não necessariamente deverá dominar todos os golpes e saber todos os aspectos técnicos, mas sim ter conhecimento da diversidade que o tema oferece além de proporcionar uma vivência da arte, atentando-se as discussões e ramificações temáticas emergentes em meio a aula (ALVES *et al.*, 2019). “Dessa maneira, a

formação, seja ela inicial ou continuada, torna-se imprescindível no intuito de diminuir esse distanciamento professor/conteúdo” (ALVES *et al.*, 2019, p. 189) e, conseqüentemente, assim espera-se, diminuir o distanciamento entre aluno(a) e conteúdo.

No entanto, para além de apenas o vínculo professor/conteúdo, segundo Shulman (1986), dentro do processo formativo, devem receber atenção tanto os elementos referentes ao conteúdo do ensino quanto os elementos do processo de ensino, uma vez que, para o exercício docente uma série de elementos, capacidades e habilidades são necessárias. Dentro desse panorama de habilidades, o autor propõe as categorias do conhecimento do professor, sendo elas: conhecimento do conteúdo, conhecimento pedagógico do conteúdo e conhecimento curricular.

O conhecimento do conteúdo está relacionado não somente ao conhecimento sobre o tema ou área na qual o(a) professor(a) atua, ele está ligado ao entendimento dos métodos de validação, relação do conteúdo com outras ideias e áreas, envolvendo os conhecimentos teóricos e práticos.

O conhecimento pedagógico do conteúdo diz respeito às formas de representar e reformular o conteúdo de forma que o torne compreensível para outros e permita seu aprendizado. Isso inclui desde o uso de analogias, demonstrações, exemplos e refere-se também ao conhecimento do(a) professor(a) quanto ao que dificulta ou facilita a aprendizagem de determinado conteúdo para os(as) alunos(as), englobando até mesmo a compreensão das influências dos preconceitos quanto aos temas que cada aluno(a) tem, devido a seus respectivos meios culturais.

O conhecimento curricular seria a reunião de conteúdos e programas a serem ensinados de acordo com a faixa etária, os materiais a serem utilizados, instruções, indicações e contraindicações. É do currículo que o(a) professor(a) retira “as ferramentas de ensino que apresentam ou exemplificam um determinado conteúdo e corrigem ou avaliam a adequação dos avanços estudantis” (SHULMAN, 1986, p. 10).

Ainda dentro dessas habilidades, o(a) professor(a) não seria apenas um(a) detentora(a) de conhecimento ou conhecedor(a) dos métodos, mas alguém que compreenderia a lógica envolvendo ambos e com capacidade de explicar os “porquês” e “como” envolvidos, conduzindo a reflexão e ao autoconhecimento, chaves na distinção entre os(as) participantes do processo de ensino e os(as) não participantes (SHULMAN, 1986).

Isso porque o “mero conhecimento do conteúdo, é geralmente tão inútil pedagogicamente quanto a habilidade sem conteúdo” (SHULMAN, 1986, p. 8). Logo, seria necessário a combinação dos dois elementos, junto ao conhecimento curricular do conteúdo,

através do qual o(a) docente teria um amplo conhecimento das alternativas curriculares disponíveis para o ensino, evitando limitar-se apenas a uma forma de agir e organizar os componentes, possibilitando o ensino e relação dos conteúdos com outras discussões presentes no ambiente escolar. Assim, o(a) professor(a) seria o(a) indivíduo(a) dominante dessas habilidades e que teria a capacidade de “transformar o conhecimento em ensino” (SHULMAN, 1986, p. 14).

Dentro dessa questão do ensino, tão mencionado como uma capacidade do(a) professor(a) e parte da atividade docente, vale ressaltar que o termo “ensino”, ou “ensino aprendizagem”, que seria adotado pelo(a) professor(a) frente aos temas nos PCN (BRASIL, 1998), onde o conteúdo seria abordado e refletido, é modificado/substituído dentro da BNCC.

Na BNCC, a Educação Física é definida como “o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social [...]” (BRASIL, 2017). Esse caráter “tematizador” das manifestações corporais é ressaltado dentro do documento e entendido como uma ação docente em meio as aulas com a disciplina e seus conteúdos. O aprendizado dos conhecimentos da Educação Física, estaria atrelado a experimentação, vivência e discussões geradas nos diversos processos nas aulas em que essas manifestações culturais fossem tematizadas (BRASIL, 2017).

Dentro da unidade temática de jogos, temos uma exemplificação para ilustrar a distinção entre a concepção de “conteúdo propriamente dito”, adotada pela BNCC, e entre o uso desse “conteúdo como ferramenta auxiliar de ensino”. No último caso, este seria entendido como meio para se aprender outra coisa, e não como no primeiro caso, onde o conteúdo teria valor em si (BRASIL, 2017). Logo, notamos a diminuição da terminologia e de características que definam o ensino, associando-o à atividade docente do professor de Educação Física, o que permite a abertura de dúvidas quanto ao papel de “ensinar” presente nesse componente de ensino e adotado dentro do documento curricular atual.

Em pesquisa realizada por Silva (2013) com 30 professores(as) de Educação Física do município de Fortaleza, com atuação no ensino fundamental, 63,3% afirmaram não abordar a capoeira em suas aulas, esse mesmo percentual se apresenta quando afirmaram não possuir nenhum tipo de formação com a capoeira (tendo apenas 20% do total de pesquisados(as) mencionado que viram a capoeira dentro da formação acadêmica). Dentro do mesmo estudo, quando questionados(as) sobre o porquê de não abordarem a temática, 42% alegaram não ter tido formação ou curso específico com a capoeira, sendo outras causas também mencionadas: não se sentir preparado(a) para abordar o conteúdo, não abordar por nunca ter praticado, entre outras que seriam a junção de mais fatores já expostos aqui.

O saber fazer é ainda muito mencionado dentro das pesquisas e relatos, como ressalta Poly (2015, p. 11):

Como professor de Educação Física e capoeirista, no cotidiano do ambiente escolar, deparei-me inúmeras vezes com o preconceito e a resistência por parte dos professores/as e da comunidade escolar, para a aplicação da Capoeira, como conteúdo curricular. Muitas vezes escutei, e ainda ouço as seguintes frases: “[...] não tenho conhecimento prático desta modalidade, então não vou trabalhar este conteúdo [...]”. Entretanto, uma mesma questão permeava meus pensamentos: “Se Quantos professores/as, acadêmicos/as, não dominam o conhecimento teórico ou prático de inúmeras modalidades, tais como, a dança, os esportes coletivos, a ginástica, entre outros, e ainda assim os incluem em suas práticas pedagógicas? Por que não podemos incluir a capoeira, como conteúdo curricular, sem sermos capoeiristas?”

Essa busca pela formação e conhecimento sobre o tema é imprescindível na atividade docente, permitindo uma ampla abordagem do componente em questão em toda as possibilidades que apresenta. Promove também uma fuga do vínculo do(a) professor(a) com o saber-fazer, e com a dúvida sobre quem pode ministrar aulas de capoeira, estreitando a relação entre o componente e a escola por meio das aulas de Educação Física escolar, a qual é responsável pela cultura corporal, e não apenas por meio de atividades extracurriculares (IÓRIO; DARIDO, 2005).

No que tange ao seu ensino muitas dúvidas sobre como abordá-la ainda surgem. Com base nisso e na própria pluralidade de manifestações que a capoeira possui, determinar um “jeito certo” de praticá-la se torna por vezes confuso. Ferreira Neto (2018), ao mencionar sobre a “relação de forças opostas” entre as duas vertentes da capoeira, afirma que esse embate não se prende a estaticidade dos movimentos como desconexos ou singulares, e sim na dinâmica entre ambos, sujeitos as dinâmicas impostas também pela sociedade humana. Silva e Darido (2017) explicam que atualmente muitos grupos não denominam suas práticas como Capoeira Angola ou Regional, firmando sua prática em meio a conciliação de elementos de ambos estilos (apresentando inclusive um capítulo com intuito de promover a capoeira e sua prática de maneira geral).

Coadunando com todas as perspectivas organizadas, e chegando no pilar inicial: a oferta da capoeira dentro das unidades acadêmicas de Educação Física, Alves *et al.* (2019), analisando os cursos de licenciatura em educação física de 12 instituições em Fortaleza, identifica apenas duas onde o componente se apresenta dentro do currículo obrigatório, enquanto em uma delas a temática parece estar dentro dos conteúdos referentes a lutas afro-brasileiras. Reforçando a ideia de que a mesma ainda não é tão ofertada nos cursos de Educação Física, conseqüentemente, não sendo abordada em âmbito escolar ou, quando ministrada, de forma ineficiente.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

A seguir será apresentada a natureza do estudo, o que ele se propõe a investigar, alguns dos materiais e instrumentos de pesquisa, a estruturação das etapas ou fases pelas quais a pesquisa será realizada, assim como, os(as) participantes do estudo, os critérios de seleção do grupo e os elementos de análise de dados a serem obtidos, contendo ao fim, menção à parte dos processos éticos envolvidos na pesquisa.

4.1 Natureza do estudo

A pesquisa tem caráter qualitativo, que “investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem” (CHIZZOTI, 1995, p. 84), permitindo a pesquisa, observação e reflexão sobre os problemas enfrentados pelo ser humano e presentes no mundo do qual faz parte, abrindo possibilidades de se trabalhar em uma proposta e/ou ação interventiva.

A escolha do tipo de pesquisa se apresentou como a mais adequada frente ao objetivo de investigar a relação da capoeira com a atividade docente de professores(as) de Educação Física e suas trajetórias de vida. Partindo de simples fenômenos, as pesquisas qualitativas expõem a complexidade da vida humana, se propõem a analisar os significados que os indivíduos dão aos seus atos e compreender os vínculos indissociáveis dessas ações individuais com o contexto social (CHIZZOTI, 1995).

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTI, 1995, p. 80).

Uma vez que, no método qualitativo, todos os sujeitos são considerados únicos, com suas representações e conceitos elaborados, o foco para análises e interpretações da pesquisa qualitativa seriam as manifestações e experiências relatadas (CHIZZOTI, 1995).

Assim, como forma de observar e coletar com qualidade tais pontos de análise, optamos pela utilização das narrativas docentes que, segundo Huberman (2000), são de suma importância, afinal, quem vivenciou a trajetória docente detém maior conhecimento sobre ela, assim como, possui maior capacidade de definir as situações enfrentadas no decorrer dela.

Segundo Alves e Silva (1992), dentro do processo de obtenção de dados qualitativos com o uso da entrevista narrativa, a utilização de um roteiro semiestruturado auxiliaria na obtenção de dados, uma vez que, seria construída com tópicos que fariam parte dos núcleos de interesse do(a) pesquisador(a), mas que permitiriam uma aplicação flexível, a depender do

discurso dos sujeitos e da fluidez da verbalização nas perguntas de cunho aberto, surgindo então a oportunidade investigativa.

O enfoque de pesquisa se restringe a pessoas que tivessem praticado capoeira em algum momento antes da formação inicial de licenciatura em Educação Física, e que estivessem exercendo ou já tivessem exercido a docência em Educação Física escolar. Como meio de obter informações referentes às histórias de vida desses indivíduos ligadas a capoeira bem como as influências dessa ligação com a prática docente dos mesmos, o estudo terá como viés metodológico as narrativas individuais dessas histórias de vida.

Segundo Chizzoti (1995), por meio das histórias de vida, seria possível observar, nos relatos, sentimentos e percepções atreladas a determinadas experiências, contextos dentro das trajetórias de vida, significações e compreensões de mundo que favoreceriam o entendimento da construção de certos comportamentos e atitudes do ser.

Assim, o trabalho contará com o uso de um questionário semiestruturado como instrumento de pesquisa, com a gravação e conseguinte transcrição das mesmas, permitindo a estruturação e geração dos dados da pesquisa, criando destaques quanto aos pontos de interesse de pesquisa juntamente a sistematização das falas na tentativa de compreender os fenômenos em suas relações e conexões.

4.2 Etapas da pesquisa

Jovchelovich e Bauner (2002), ao sistematizarem as fases da pesquisa narrativa, sendo elas: 1) preparação; 2) iniciação; 3) narração central; 4) fase de perguntas; 5) fase conclusiva; mencionam sobre o tempo que a fase 1 toma (período de familiaridade com o campo de estudo), sendo momento onde os interesses do pesquisador vão de encontro com os interesses ou lacunas encontradas dentro do campo de estudo. Momento vivenciado no início do presente estudo, onde buscas em diversas fontes foram feitas como forma de fundamentar e nortear a deliberação de possíveis soluções aos questionamentos levantados.

Dentro do contexto das pesquisas qualitativas, Chizzoti (1995) ressalta que a pesquisa qualitativa age em conjunto a técnicas que priorizem a descoberta dos fenômenos em pauta. Logo, as estruturações das fases da pesquisa seguirão em conjunto com a especificidade dos objetivos a serem investigados no presente estudo.

Dividimos o estudo em 6 etapas detalhadas a baixo:

- 1) Escolha dos docentes que participarão do estudo seguindo os critérios de seleção pré-estabelecidos;

- 2) Preenchimento de instrumental *online*, como forma de colher alguns dados pessoais e possibilidades de agendamento para a realização das entrevistas, junto ao preenchimento e assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), disponibilizado dentro do instrumental, pelos participantes após prévia explanação sobre a natureza e objetivo do estudo;
- 3) Realização das entrevistas;
- 4) Transcrição do material advindo da etapa anterior;
- 5) Devolução da entrevista para os(as) entrevistados(as);
- 6) Análise das entrevistas e exposição dos resultados em conjunto aos objetivos estabelecidos inicialmente.

4.3 Participantes

Tendo como critério de seleção dos(as) entrevistados(as), professores e professoras licenciados(as) em Educação Física, que estivessem exercendo ou já tivessem exercido à docência na Educação Física escolar e, antes da inserção no meio acadêmico, que tivessem praticado capoeira ao longo de sua trajetória de vida, foram selecionados 3 professores dentro dos requisitos citados, e devidamente apresentados a pesquisa, aceitando participar da mesma. Contudo, mesmo após a devolutiva das entrevistas aos participantes, a obtenção da autorização de um deles não foi fornecida a tempo de entrar nos achados da pesquisa, participando do estudo dois professores.

A busca por professores que atendessem aos objetivos da pesquisa ocorreu através da divulgação dos critérios de seleção a amigos(as) e colegas do pesquisador praticantes de capoeira, e em grupos de capoeira diversos dos quais o autor do estudo teve contato. Sendo, por fim, selecionados os professores que fizeram parte do trabalho, tendo, cada um deles, inícios na capoeira e na universidade em tempos distintos, assim como, formações e experiências diversas, que ajudaram nas respostas aos questionamentos inicialmente feitos e no desenvolver dos objetivos do estudo.

4.4 Instrumento de coleta de dados

Com o objetivo de obter informações relevantes desse público delimitado, assim como permitir a ampla abordagem sobre os questionamentos levantados, optamos pelo uso das entrevistas narrativas, além de sua gravação que, como salienta Muylaert *et al.* (2014), objetiva a reconstrução dos acontecimentos a partir da ótica de seu informante, permitindo a

combinação de histórias que tornem compreensíveis as mudanças, sentidos e valores mencionados.

Para a realização das entrevistas, foi utilizado questionário semiestruturado contendo dezesseis (16) perguntas abertas/pontos investigativos, divididas em 4 seções: sobre trajetória de vida e capoeira, sobre a formação acadêmica, sobre a prática pedagógica e reflexão final. A seção “sobre trajetória de vida e capoeira” contará com perguntas referentes ao contato que o indivíduo teve com a capoeira, sobre esse processo dentro da prática e sobre a significância da capoeira em sua visão, para a construção de quem ele(a) é hoje. A seção “sobre a formação acadêmica” contará com perguntas referentes ao contato com a temática capoeira dentro da formação em licenciatura em Educação Física e opiniões sobre a forma que a capoeira é abordada nas instituições de ensino superior em Educação Física. A seção “sobre a prática pedagógica” abordará perguntas relacionadas à prática pedagógica do docente ao ministrar o tema, sua percepção sobre a aceitação dos(as) alunos(as) diante da proposta, e quais embasamentos didáticos e legais o(a) docente recorre ao ministrar o tema. A última seção, “reflexão final”, contará com dois questionamentos, uma mensagem dada pelo(a) docente, para os demais estudantes/professores que se interessem pelo tema capoeira, e uma palavra para definir a capoeira, se possível for.

A narrativa desses(as) profissionais, segundo Muylaert *et al.* (2014), revelam as experiências vividas e adquiridas, auxiliam na compreensão do contexto em que vivem e/ou estavam inseridos, no entendimento sobre os indivíduos entrevistados, e conseguem ir além da simples transmissão de informações.

A fase do presente estudo destinada as entrevistas acabou sofrendo alterações devido a ocorrência de uma pandemia global em decorrência do alastramento da Covid-19⁶. Dentro das medidas de segurança buscando evitar a propagação do vírus em questão está o distanciamento social, medida atendida em toda a pesquisa. Com isso, medidas paliativas foram tomadas, modificando a aplicação das entrevistas que seriam feitas presencialmente e do termo de consentimento livre e esclarecido para a realização de ambos através do uso de plataformas digitais.

Mediante os encaixes causados pelo deslocamento de parte da rotina de trabalho, estudo, lazer etc. terem se transferido para o ambiente domiciliar (FRÚGOLI JÚNIOR, 2020),

⁶ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), no Brasil, de 3 de janeiro de 2020, a 12 de abril de 2021, 13.445.006 casos de Covid-19 foram confirmados, com 351.334 mortes reportadas à OMS. Sobre o município de Fortaleza, segundo a plataforma IntegraSUS do Governo do Estado do Ceará, com informações coletadas em 12 de abril de 2021, referentes às duas semanas epidemiológicas (13 e 14), a incidência de casos de Covid-19 por dia/100 mil habitantes seria de 423,5, representando risco altíssimo. Enquanto o percentual de leitos UTI-Covid ocupados seria de 92%.

foi elaborado um breve questionário *online* (instrumental), feito na plataforma *Google Forms*, previamente feito com a intenção de coletar informações quanto à disponibilidade de horários e preferências quanto à plataforma a ser utilizada para realização das entrevistas. Além disso, dentro desse questionário foram coletadas informações pessoais sobre os indivíduos, referentes à identificação dos mesmos, formação acadêmica e atuação profissional, assim como, disponibilizado o termo de consentimento e realizada sua coleta assinado.

Tendo em vista que a narrativa também é uma “representação” da subjetiva externalizada por meio da oralidade de quem discursa (SCHRAIBER, 1995), sendo até mesmo considerada mais uma reinterpretação do que um relato (HUBERMAN, 2000), o pesquisador sempre tem que atentar-se ao uso de linguagem cotidiana visando ao máximo a não interferência ou influência nas narrativas (MUYLAERT *et al.*, 2014). Existindo outros fatores que possivelmente interfiram na própria aquisição qualitativa das informações.

Dentre esses fatores, há os relacionados ao registro das entrevistas narrativas, como menciona Schraiber (1995) sobre o uso do gravador, embora ele introduza a presença de um “terceiro participante”, podendo inibir os entrevistados, seja devido a preocupação com o desempenho pessoal, o sentimento de compartilhamento e/ou perpetuação de sua fala, essas poucas adversidades não alteram significativamente a gravação e os benefícios de seu uso. Até então, os processos a serem realizados pelo presente estudo foram explicitados aos participantes previamente, além de garantido o anonimato dos mesmos, assim como forneceremos uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido e da transcrição das entrevistas, possibilitando assim, maior segurança e confiabilidade sobre o uso e divulgação dos dados e, conseqüentemente, maior liberdade de fala e expressão.

Como mencionado, adaptações foram feitas na aplicação das entrevistas, sendo utilizado a plataforma virtual de vídeo conferência *Google Meet* (escolhida pelos participantes). Enquanto a gravação das entrevistas foi feita com a utilização de um aparelho celular *smartphone* (modelo LG K9). Diversas são as adversidades possíveis no momento da utilização de plataformas como essa: falhas na conexão com a *internet*, imprevisibilidades nos ambientes domiciliares nos quais os participantes estão, problemáticas nos aparelhos tecnológicos utilizados etc. Contudo, o método tem potencialidades nos estudos qualitativos realizados no contexto do distanciamento social necessário como forma preventiva ao Covid-19 (SCHMIDT; PALAZZI; PICCININI, 2020).

Um pressuposto adotado em meio a aplicação do instrumental *online*, com o objetivo de proporcionar maior segurança e liberdade nas falas, foi a investigação sobre em qual plataforma o indivíduo gostaria de realizar a entrevista. Cabendo ao pesquisador adequar-se a

tais preferências sem alterar o seguimento do roteiro de entrevista, em prol da familiaridade e confiança do entrevistado com a plataforma escolhida.

4.5 Análise de dados

A análise de dados obtidos através das narrativas será iniciada após a devida transcrição das mesmas, processo que “deve ser feito com as mesmas palavras que o entrevistado usar, evitando-se resumi-las” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 200), posterior apresentação dos textos aos entrevistados e, de acordo com a aprovação dos mesmos, inicia-se a fase de análise.

A devolutiva da transcrição das entrevistas objetiva a obtenção da autorização dos participantes para a continuidade do processo. Tal fase é considerada como condição de êxito da entrevista (LAKATOS; MARCONI, 1991).

Após obtida a autorização serão feitas leituras das entrevistas. Contudo, assim como salienta Huberman (2000) quanto a questão do profissional docente e sua trajetória na carreira, concordamos com o autor ao afirmar que buscar zonas de intersecção entre os ciclos de vidas docentes ou fatores em comum, é aceitar a existência de zonas de diferença, e que ambas se interligam e se relacionam inevitavelmente, sendo por vezes complexo enxergar tais relações. Logo, entender, através das falas docentes a estruturação dessas vivências e o significado delas para cada um, é de suma importância.

Tendo em vista isso, as primeiras leituras do material obtido terão como objetivo verificar pontos pertinentes dentro de cada resposta e que se assemelham nas falas obtidas. Essas aproximações permitiram a delimitação de seções temáticas de análise, tornando mais claras as confluências dentro de cada percurso narrado e as individualidades atreladas a cada trajetória.

A segunda leitura terá caráter mais analítico. Nesta, será realizado o levantamento de respostas aos questionamentos inicialmente propostos e aos objetivos do estudo, assim como as novas confrontações surgidas em cada narrativa, uma vez que, segundo Sousa e Cabral (2015), o trabalho com entrevistas narrativas, abre espaço para o surgimento de questões não previstas pelo pesquisador.

A terceira e última leitura terá caráter confrontador e relacional das respostas e trajetórias de vida obtidas, das análises realizadas em busca das repostas aos questionamentos, do que emergiu dentro das narrativas, junto ao referencial teórico do estudo.

4.6 Procedimentos éticos

A participação dentro do estudo foi de livre escolha e com prévio consentimento estando, parte das informações sobre o estudo no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) fornecido na realização do instrumental online, junto à disponibilização dos contatos do pesquisador e orientadora para sanar possíveis dúvidas sobre o estudo, procedimentos e participação. Foi explicitado aos participantes a livre escolha de retirar sua participação a qualquer momento, se assim desejassem, assim como a garantia do respeito quando aos direitos de imagem e privacidade.

O preenchimento e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido foi realizado junto à aplicação do instrumental *online*, onde os participantes deveriam baixar o arquivo, preencher, assinar, e fazer o *upload* ainda dentro do formulário disponibilizado.

Ainda dentro das perguntas do instrumental *online*, como forma de preservar a privacidade e manter em anonimato a identificação de cada entrevistado dentro do estudo, foram solicitadas três opções de pseudônimos. Na pergunta referente a essa solicitação foi explicitado que os pseudônimos poderão ser relacionados à escola, capoeira, exceto apelidos ou "nomes de capoeira", sendo de livre escolha pseudônimos de outras áreas ou nomes de sua preferência.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos após as entrevistas narrativas, realizado com base no questionário semiestruturado que se encontra no APÊNDICE A. A partir disso, as falas obtidas foram analisadas em confronto ao referencial teórico estruturado. As transcrições das entrevistas narrativas que utilizamos e referenciamos em conjunto as análises se encontram no APÊNDICE C do presente trabalho.

Foram criadas seções temáticas de análise, como forma de estruturar os dados e discussões obtidos. As seções serão divididas em: 1) Relações entre a vida e a capoeira; 2) Dificuldades e auxílios na trajetória; 3) A formação acadêmica em Educação Física escolar; 4) As influências da capoeira na prática pedagógica; 5) A capoeira como componente interdisciplinar e sua relevância para a Educação Física escolar; 6) A prática pedagógica com a capoeira na sala de aula; 7) Reflexões e mensagens finais.

Os trechos narrativos transcritos podem ter sido realocados para uma seção em específico, sem relação com a pergunta feita no momento, uma vez que apresentarem traços do tema a ser organizado e discutido na seção. Essa ação será realizada apenas para possibilitar a identificação de pontos de convergência entre alguns relatos, sendo respeitados e apresentados os aspectos centrais mencionados diante das perguntas como forma de preservar as inquietudes narradas, lembradas e geradas com o questionamento em específico, estando presentes também trechos das narrativas transcritas como forma de ressaltar as individualidades nas falas de cada um dos professores.

Ainda sobre os trechos e narrativas, vale ressaltar que, as realocações foram uma forma de auxiliar a compreensão das narrativas, uma vez que trabalhar uma temática buscando a compreensão de sua relação íntima com a vida e profissão desses docentes exigiu maior cuidado com a diferenciação entre as experiências envolvendo a capoeira, sejam elas advindas dos ambientes escolares e institucionais ou dos ambientes da capoeira. Essa diferenciação ou dupla perspectiva da presença da capoeira no ambiente escolar é evidenciada por alguns autores, como Ferreira Neto e Silva (2017), ao mencionarem a existência de uma capoeira “na” escola (desenvolvida no ambiente escolar através de projetos, trabalhada por capoeiristas, com ou sem formação acadêmica) e a capoeira “da” escola (ministrada nas aulas de Educação Física por docente capacitado, que não necessariamente seria capoeirista). Embora o presente estudo não tenha utilizado essas diferentes terminologias, utilizamos de outras formas para evidenciar a diferenciação entre os dois campos dentro das falas dos

participantes, como forma de permitir uma melhor estruturação, entendimento e discussão sobre as narrativas.

Do instrumento tão característico, que dá musicalidade e sonoridade ao jogo e a roda da capoeira, pegaremos emprestado seus nomes, como forma de representar os professores que deram sonoridade as suas falas e permitiram a entrada delas na “roda das discussões acadêmicas” que o estudo faz parte. Os professores entrevistados receberam codinomes como forma de garantir o anonimato dos mesmos, sendo referenciados dentro do estudo como: Professor Gunga e Professor Médio.

5.1 Relações entre a vida e a capoeira

Nesta seção, serão tratados aspectos relacionados a trajetória de vida dos professores pesquisados, junto aos apontamentos feitos por eles sobre a participação da capoeira ou não, na construção de quem são hoje. Devido ao caráter individual das vivências e perspectivas, essa seção será dividida, permitindo a apresentação das trajetórias de vida de cada um dos 2 professores.

5.1.1 Professor Médio

Professor Médio, nascido em 28 de setembro de 1974, atualmente com 46 anos, gênero masculino, casado, autodeclara-se preto, é formado em Educação Física pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), na qual ingressou em 2004. O professor trabalha a 15 anos com Educação Física escolar, tendo lecionado em escolas públicas e privadas, e experiências no ensino infantil, fundamental e médio. Teve seu primeiro contato com a capoeira aos 14 anos de idade. Morava em Caucaia, e ao se mudar para Fortaleza, para o bairro Quintino Cunha, em uma volta pelo bairro, acompanhado do pai e do irmão, viu pela primeira vez a capoeira e teve o seu primeiro encantamento com ela. Ele afirma que na época, diferentemente de hoje, não se tinham muitos meios de pesquisa, como a internet ou outras mídias. Devido a isso, ele demorou para descobrir do que se tratavam aqueles “movimentos corporais” praticados por jovens, sem a presença de instrumentos ou outras características comumente associadas à capoeira. Após um período, “de acordo” com seu pai e “desacordo” com sua mãe, ele e o irmão iniciaram na capoeira, juntamente a uma série de colegas que os mesmos influenciaram a participar.

O professor afirma que havia muito preconceito ligado à capoeira na época. Ele atribui, dentro de suas vivências, a alguns motivos. Um deles seria a ligação da capoeira com a cultura africana, mas o mais impactante na situação vivida por ele, seria devido a conduta de alguns praticantes de capoeira do bairro, que segundo ele, eram envolvidos com entorpecentes e violências, gerando temor dentro da comunidade.

Ele só teria tomado ciência das práticas incorretas de alguns participantes do grupo quando notou que, dentro de algumas ocasiões, esses indivíduos se ausentavam e retornavam alterados, apresentando “cheiros” diferentes. Professor Médio afirma que esse início na capoeira foi muito complicado devido a esses acontecimentos, mas que ele, seu irmão e seus amigos, não se envolveram com nada semelhante, tendo sempre se voltado ao aprendizado e a luta.

O professor ressalta a presença do irmão nesse contexto, o qual o auxiliou muito nesse início, e das visitas que iam ao espaço no qual ocupavam. Mas, dentro do grupo de jovens com os quais o professor permaneceu por 2 anos em seu início com a capoeira, algumas características são ressaltadas:

Eles tinham iniciado a um tempo e tinham sido abandonados por um rapaz lá. E eles permaneceram e foi indo. [...] Que a gente não tinha um professor, a gente tava lá. Tava lá. O que os caras faziam a gente tentava fazer. Tinha dia que tinha vontade de ministra uma aula, ministrava. Ou então eles ficavam jogados lá... (PROFESSOR MÉDIO).

Embora a permanência na prática até hoje, afirma que devido à falta de tempo, articulações lesadas, e a rotina cansativa, ele não tem mais o mesmo vigor dentro dos treinos como antes, e que a capoeira exige uma rotina de treino e preparo físico constante seja nas rodas em meio as aulas ou devido aos eventos. Contudo, o professor afirma também que a prática da capoeira tem papel importante na manutenção de sua saúde, e cita o exemplo de seu mestre, Mestre Pedro, que permanece em boa forma mesmo aos 60 anos, apenas através da prática da capoeira.

A relação com os estudos no decorrer da vida, também tiveram a participação da capoeira. O professor teria desenvolvido o interesse em estudar capoeira ainda muito novo, assim como, pela busca de documentos e materiais por Fortaleza e em outros locais que o auxiliassem nesse estudo para além das transmissões orais.

O interesse de estudo se estendeu para a compreensão da história do Brasil e ao processo de escravização no decorrer de sua constituição, tema que ainda lhe causa comoção nos dias de hoje ao lembrar-se dos “maus tratos que foram infringidos a muitas gerações só pela questão da cor” (PROFESSOR MÉDIO).

Eu acho que o ser humano, quando trata outro ser humano mal, independentemente da cor, isso aí é repugnante. Mas, culturalmente, a gente tem essa parte da história que mostra isso. Que só por ser negro, por ser... Entre aspas, de uma cor inferior, o outro tem que dominar né (PROFESSOR MÉDIO).

Ainda dentro dos estudos, a iniciativa pela busca em dar seguimento a eles e o investimento na formação em Educação Física, teriam tido início dentro de inquietações geradas pela capoeira:

E disse assim, “cara, tenho que ir embora. Tenho que ir embora.” Aí eu já tava ali com eles né. “Por que Mestre, o senhor tem que ir embora e tal? A melhor parte do evento é amanhã. A gente já tá aqui, num sei o que...” “Não. Porque amanhã eu vou ter que fazer uma prova pra faculdade tal. Pra ser professor de faculdade.” Cara aquilo ali... Eu acho que era o quê... 98, 99... Aquilo ali mexeu muito com a minha cabeça. Eu só tinha o ensino médio naquele tempo. Que já era muito pra realidade que a gente vivia. E aquilo ali me chamou muito atenção. “Cara, eu tenho que fazer educação física também. Eu tenho que continuar. Tenho que continuar estudando” (PROFESSOR MÉDIO).

A partir daquele momento uma mudança nos pensamentos do professor é relatada. Embora trabalhasse com a capoeira a algum tempo e fosse bem remunerado, chegando a ganhar cerca de 6 salários mínimos na época (final da década de 90), o professor começa a pensar sobre seu futuro, e que talvez suas condições se tornem mais difíceis com o passar do tempo. Através de incentivos de sua esposa e de um professor com quem trabalhou, Professor Médio deu seguimento na busca pela formação acadêmica. Ingressando na UVA em 2004 após uma série de buscas, tentativas, planejamentos e dificuldades.

Segundo o professor, sua inserção dentro da universidade seria com o objetivo de melhorar seu trabalho com a capoeira através da obtenção do conhecimento acadêmico. Contudo, dentro da universidade, esse foco apenas na capoeira acabou mudando, tendo retorno junto a uma disciplina de lutas ministrada por professor Heraldo Simões, na qual conduziu o professor a diversos estudos sobre a capoeira e o levou a desenvolver todos os seus trabalhos da universidade com temas relacionados a ela.

Primeiro, a capoeira me levou pra educação física. Na educação física, eu deixei a capoeira um pouquinho de lado. E depois eu retornei, com a percepção de focar novamente na capoeira com a educação física. Não diferente, não separadamente, mas focar com a educação física na capoeira (PROFESSOR MÉDIO).

Quanto às mudanças causadas pela capoeira na construção identitária do professor, o mesmo afirma que a capoeira teve forte influência na formação do ser que ele é hoje, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. Inclusive, o professor chega a pensar como seria sua vida se não tivesse tido contato com a capoeira ou caso tivesse desistido.

Esse contato é considerado como gerador inicial de diversas percepções sobre a cultura negra e reflexões sobre sua vida, principalmente com relação aos preconceitos,

incluindo o “preconceito por ser capoeira” (PROFESSOR MÉDIO). Concluindo que o processo de ressignificação causado continua acontecendo:

E foi a capoeira. Foi a partir da capoeira, que me trouxe essa percepção né. Foi o primeiro contato com a cultura negra. Primeiro contato com a questão do preconceito, por ser capoeira. Então, começa por aí, começou por aí. Realmente eu sou um antes e outro depois né. E eu ainda continuo sendo. Renovando aí. Ressignificando aí, a cada momento (PROFESSOR MÉDIO).

5.1.2 Professor Gunga

Professor Gunga, nascido em 14 de março de 1981, atualmente com 40 anos de idade, gênero masculino, divorciado, autodeclarou-se preto, iniciou na capoeira em 1991, com 10 anos, completando 30 anos ininterruptos na capoeira em 2021. Embora no momento afastado das salas de aula devido ao cargo de coordenador de um programa, o professor trabalhou 11 anos com Educação Física escolar, tendo lecionado em escolas públicas e privadas, e experiências no ensino fundamental e médio. O professor começou a dar aulas de capoeira, já em 1998, período no qual buscou qualificação profissional através da universidade. Ingressou na Universidade Estadual do Ceará (UECE) em 2002, fez parte da terceira turma do curso de Educação Física (2002.2), na época licenciatura plena.

Segundo o professor, a busca pela Educação Física foi para dar continuidade aos trabalhos realizados com a capoeira, como forma de qualificar-se ainda mais, e não com a finalidade de trabalhar com outras coisas. Contudo, o professor teve uma identificação dentro das disciplinas que trabalhavam questões da educação:

Claro que é bem importante a outra parte, o outro currículo da área de educação física. Também gostava. Gosto. Mas, o currículo da licenciatura ele era... Me chamava muito a atenção devido ao que eu já trabalhava com a capoeira, os ensinamentos que a capoeira me trazia [...] (PROFESSOR GUNGA).

Devido aos trabalhos com a capoeira o professor já viajava para outros estados e países, tendo trabalhado na Europa com a capoeira por três meses, dando aulas em escolas, experiência onde afirma ter obtido ainda mais perspectivas sobre a área da educação.

Em 2004, o professor troca de graduação na capoeira, de “instrutor” para “professor”, seguindo a hierarquia do grupo no qual faz parte. Quatro anos depois, em 2008, o professor conclui a graduação em Educação Física. Pontuando ainda sobre as duas greves enfrentadas no decorrer da primeira graduação.

Após concluída a graduação, o professor relatou outros vínculos empregatícios não vinculados com as aulas para formação de capoeiristas, como trabalhar na secretaria de esportes, e ministrar aulas de capoeira em escolas por dois anos. Chegando em 2010, onde,

através de um concurso para professor de Educação Física da prefeitura de Fortaleza, tornou-se servidor municipal. Retornando as aulas de capoeira ministradas para formação de capoeiristas (fora da escola) e entrando na especialização em Educação Física escolar em 2011.

A escolha por atuar dentro da educação básica seria devido ao gosto de trabalhar com crianças e pela experiência. A entrada do professor, dentro das escolas municipais, ministrando aulas de Educação Física escolar, demonstra ter sido acompanhada da capoeira:

Então, a partir das escolas que eu entro, eu trabalho com a educação física escolar e capoeira. E muita das vezes, educação física escolar junto com a capoeira. São várias formas que a gente trabalha. Eu de alguma forma, trabalhava capoeira. Ou junto... Dentro do currículo. Ou escolinha lá dentro da escola. Ou juntava tudo. E aí continuei. Continuei fazendo isso. E comecei a fazer experiências com minhas aulas, tentando trabalhar a capoeira de uma forma, dentro da educação física, que eu não utilizasse as técnicas... De fundamentos da capoeira, fundamentos técnicos (PROFESSOR GUNGA).

Dentro da atuação profissional como professor de Educação Física, o professor buscava meios didáticos de trabalhar a capoeira, sem a exigência técnica, diferenciando-a para o ambiente escolar, assim como sua abordagem. Tais tentativas resultaram em um sistema próprio de dar aula de Educação Física e capoeira. Inclusive, no mestrado finalizado em 2020, abordou sobre sua trajetória na capoeira e na formação, até culminar no preparo de uma possibilidade metodológica para a capoeira na Educação Física escolar.

Com relação aos trabalhos relacionados a preparação de capoeiristas, o professor demonstra forte compromisso, relatando ter aberto mão da possibilidade de ser servidor estadual para continuar com as aulas.

Eu dispensei um concurso pra ficar dando aula de capoeira, pra formação de capoeirista. [...] Pra tu ver o nível que eu sou com capoeira (PROFESSOR GUNGA).

Quando questionado sobre a transformação da capoeira dentro do contexto da formação de sua identidade, o professor menciona que é difícil afirmar a existência de um “eu” antes da capoeira devido a sua inserção muito jovem na prática. Afirma ainda que sua formação ocorreu dentro da capoeira, junto as demais influências e vivências fora dela, como as relacionadas a: escolas, amigos e experiências trocadas nos diversos ambientes. É atribuída a essa transformação um aspecto de continuidade:

[...] dentro da capoeira ainda está sendo uma eterna formação. Continuo me formando todo dia dentro da capoeira. Mas o que eu posso falar é que eu não sei como eu seria se eu não tivesse na capoeira. Não sei (PROFESSOR GUNGA).

Outro destaque nas falas do professor retorna a memórias familiares na constituição de um lar tranquilo, sobre o qual não lhe restam lembranças negativas quanto aos seus pais. Sendo essa questão familiar, ainda na infância, uma “base” muito importante para ele.

5.2 Dificuldades e auxílios na trajetória

Nessa seção, ressaltaremos as dificuldades e auxílios destacados pelos professores dentro de suas trajetórias de vida com a capoeira, sejam elas atribuídas a fatos, acontecimentos ou indivíduos.

Segundo Professor Médio, todos aqueles que fizeram parte de sua formação, mestres, alunos, as lideranças que teve, os(as) professores(as), tiveram papel importantíssimo dentro da questão dos auxílios em sua história. O irmão seria um destaque com relação as ajudas dentro da capoeira devido a proximidade com ele no ambiente familiar diário.

Sobre essa participação familiar nos auxílios e/ou dificuldades, mesmo a família sendo considerada como uma base para ele, Professor Gunga relata que o sonho de sua mãe é que ele deixe a capoeira:

Que não entende né. Não entende, tipo assim, ela é minha mãe, ela a... Eu me formei em educação física, fiz isso, fiz o mestrado. Pra ela... Ela não sabe que tudo isso é por causa da capoeira e para a capoeira. Mas... Isso era só... Isso eu entendo bem. Não é só a visão dela, é da sociedade. Então a gente tem essa barreira né. Tem essa difícil... Eu acho que a maior dificuldade é essa (PROFESSOR GUNGA).

São ressaltados ainda alguns “privilégios” por Professor Gunga, como a oportunidade de estudo em instituições particulares quando ainda era criança, através do custeio por seus pais e que em seguida foi mantida pelo fornecimento de bolsas de estudo para praticantes de esportes. Assim como a questão da cor da pele:

Não é tão escura. [...] é um privilégio. Queira ou não queira, eu tive mais facilidade de penetrar em alguns espaços, que uma pessoa, de repente, de uma pele mais escura, não teve. Ou teve mais dificuldades (PROFESSOR GUNGA).

Um destaque é dado as inspirações com base em outros indivíduos. Dentro da capoeira, no caso de Professor Médio, o conhecimento sobre a história e trajetória de Mestre Camisa é referenciado:

Quando eu ouvi as falas dele, a postura dele, a concepção que ele tem de capoeira. [...] a nível de você perceber o alcance que a capoeira pode possibilitar pra você, foi a partir do Mestre Camisa. “Vish, a capoeira pode ser longe.” [...] Acho que ali eu, “poxa vida. É daí pra melhor. Menos que isso não” (PROFESSOR MÉDIO).

Com relação a outros incentivos que o impulsionaram em busca da graduação em Educação Física, temos a menção de sua esposa nos encorajamentos diários, e de outro profissional com o qual o professor trabalhou, o qual ao falar sobre diversos temas da Educação Física o instigaram a realmente buscar tais conhecimentos oferecidos pela formação na área.

Professor Médio ressalta que, independentemente de grupos ou formas de divulgação da cultura da capoeira, se feita por profissionais corretos, que possuam embasamento e estrutura para ministrar aulas, a capoeira ganharia. Contudo, os anseios por uma melhora na questão profissional daqueles(as) que trabalhavam com capoeira é ilustrado através das falas do professor junto um amigo:

E eu falei assim pra ele, a 25 anos atrás né. Aí eu disse, o apelido dele era índio, “Índio, vai chegar o dia que a capoeira vai ser uma profissão e a gente vai ganhar para ministrar aulas de capoeira.” E ele ficou ali, “não sei o quê e tal. Tem preconceito e tudo mais.” “Escute só, vai chegar o dia...” Quando foi uns 15 anos depois, ele me ligou, “É Médio, realmente, tu disse naquele tempo...” Mas aquilo ali já acontecia, a gente não tinha ciência. Já acontecia fora né. Que aqui pro Ceará, Fortaleza, você ser pago pra ministrar aula de capoeira, é uma coisa inédita a 20 anos atrás. Quem é que vai pagar você pra... Hoje a gente... tem até personal de capoeira né (PROFESSOR MÉDIO).

Essa questão do preconceito ansiado pelo colega do professor, vem ao encontro das afirmações de Professor Gunga, quando menciona que dificuldades sempre estarão presentes em qualquer atividade, e a busca de cada um é pela superação delas. Mas, trabalhar com a capoeira, prática que carrega uma história de preconceitos, parece aumentar as dificuldades enfrentadas. Sendo relatadas partes dessas dificuldades, como as enfrentadas dentro das instituições de ensino particulares:

Tive muitas portas fechadas pra capoeira, por “n” motivos. As escolas... Algumas escolas de Fortaleza, de grande porte, de nome, me barraram. Chegou a uma época que... “Ah não, tem que ser formado em educação física.” Aí eu apresentei o meu currículo, e “ah, você é formado?” “Sou.” “Não, mas tem que ter especialização.” “Não, eu tô no mestrado...” “Ah, você ta no mestrado? Não, mas...” “Ah, tá bom...” (PROFESSOR GUNGA).

Sobre o trabalho com a capoeira associada a ambientes escolares, muitas vezes a existência ou permanência da capoeira nesses locais é dependente da familiaridade de alguém dentro do grupo escolar com ela ou com a certeza dos benefícios que ela traria para a instituição e seus participantes (SILVA, 2007).

As dificuldades na tentativa de inserir o trabalho com a capoeira em ambientes formais ou até mesmo nos não formais, seria uma consequência na jornada desse novo “trabalhador da capoeira” que, como salienta Falcão (2006), utilizaria o jogo cultural das mais diversas formas

criativas em busca de oportunidades mercadológicas que garantissem o seu sustento e a garantia de uma qualidade de vida diferente daquela vivenciada pelos(as) primeiros(as) percussores(as) da capoeira. Sendo, essa inserção no mercado capitalístico, parte de uma trama complexa com diversos processos ainda em consolidação, mas que ainda haveriam poucos(as) capoeiristas trabalhando por meio de contratos formalizados (SILVA, 2007).

O preconceito e as dificuldades, segundo Professor Gunga, estão sendo melhorados, superados, mas ainda continuarão presentes. Em outro trecho dos relatos, o professor destaca ter presenciado dificuldades sofridas por outros capoeiristas, que não passaram pela formação acadêmica, diante das exigências das instituições de ensino nas quais trabalhavam. O professor menciona que, embora o outro professor soubesse sobre desenvolvimento infantil, sobre a cultura popular, sobre a organização das aulas, tudo aprendido com base nas vivências, ele não teve a habilidade de passar tudo isso para o papel de forma estruturada como as exigências da escola. A justificativa apresentada para o caso dessa inaptidão na elaboração desses textos/documentos, seria que o professor, diferentemente de Professor Gunga, não teve oportunidades de estudar.

Essas oportunidades de estudos mencionada começa a ser mais exemplificada dentro das vivências de Professor Médio, ao relatar sobre seu ingresso dificultoso na universidade. Inicialmente, a dificuldade estaria relacionada as poucas possibilidades de ingresso no ensino superior. O ingresso nas instituições públicas, embora as tentativas realizadas, teria sido dificultada pelas carências de uma formação dentro do ensino público e da falta de orientações vindas daqueles a sua volta:

Aí eu era um adolescente ali, estudante, mas ainda tava naquela do [...] “deixa a vida me levar, vida leva eu.” Então eu deixava acontecer. Então faltou orientação e eu não tinha um embasamento, pra concorrer na UFC né. Porque eram poucas vagas (PROFESSOR MÉDIO).

Já com relação às universidades particulares, dificuldades financeiras são relatadas. Dentre as duas instituições que possuíam o curso de Educação Física, a Universidade de Fortaleza (UNIFOR) não se enquadrava dentro das condições financeiras do professor, levando-o a optar pela segunda instituição, a Faculdade Integrada do Ceará (FIC). Após ser aprovado para ingressar na FIC, sendo o primeiro da lista dos classificáveis, o professor relata que, embora mais barata do que a anterior, ainda assim, o levaria a fazer ajustes dentro de sua vida:

Aí eu já tinha me preparado. Me preparei com a minha esposa. Eu disse, “oh, eu tenho moto. Eu vou vender a moto. Paga os 6 primeiros meses.” E aí esquece a moto né. A gente só tinha a moto nesse tempo. “E os 6 meses depois a gente vai vendo ai. Vamo ver no que é que dá” (PROFESSOR MÉDIO).

Antes de dar seguimento na venda de sua moto, um polo da UVA abriu em Caucaia, oferecendo um preço que se encaixaria dentro do orçamento financeiro do professor, sem a necessidade da venda de seu veículo, o que possibilitou seu ingresso dentro da formação superior em Educação Física.

Até mesmo dentro das universidades outro ponto de destaque dentro das barreiras na trajetória com a capoeira foi relatado por professor Gunga ao mencionar que alguns alunos(as) e até mesmo professores não acreditavam/acreditam no valor acadêmico da capoeira, o que dificultariam apresentações sobre o tema, a oferta de disciplinas, assim como aumentaria a ocorrência de casos onde os(as) próprios(as) orientadores(as) barram as temáticas e/ou as alteram, impedindo a elaboração de pesquisas referentes ao tema.

Sobre a importância da realização dessas obras e trabalhos universitários que corroboram para a reafirmação da capoeira e seu valor dentro dos saberes acadêmicos, vale ressaltar a menção de algumas obras realizadas por alunos(as) do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará e suas contribuições. No trabalho de Ferreira Neto (2018), ao apresentar o documentário “a capoeira na escola”, apresentando relatos de alguns participantes de um projeto voluntário de capoeira realizado no ambiente escolar, diversas possibilidades de diálogo entre a escola e a capoeira, assim como entre as demais disciplinas dos currículos escolares, são ilustradas através das falas dos(as) participantes e professores(as). Já com relação a pesquisa de Sousa (2018), que se propôs a analisar a presença da capoeira dentro do currículo de algumas instituições e a opinião de alguns alunos e alunas que passaram por uma disciplina contendo a capoeira, os achados apresentados corroboram para o entendimento da oferta dessa disciplina e esclarecimento sobre a visão e opinião desses(as) docentes diante do tema. No estudo de Dutra (2020), a partir de inquietações originadas no âmbito da capoeira que vieram de encontro aos aprendizados dentro da graduação em Educação Física, o pesquisador faz uso da visão de capoeiristas para tentar discutir as óticas presentes sobre o “jogo” da capoeira, além de discutir ela dentro de suas diversas manifestações, contribuindo para a compreensão da capoeira como uma forte manifestação cultural e do seu constante processo de ressignificação.

Já dentro de um âmbito pessoal, sobre essas preferências temáticas de pesquisa, uma problemática foi associada a separação exigida entre o ser acadêmico e o ser capoeirista:

[...] “não Gunga. Tu tem que tem que deixar a emoção de lado...e lá. E ir pelo lado científico.” Ai eu, “rapaz, não tem condição não. Se o ser humano se tirar a emoção ele é o quê?” E eu sou emoção pura dentro da capoeira. Então não tem como. Então... Mais uma dificuldade que a gente tinha (PROFESSOR GUNGA).

Esse forte direcionamento a temas que envolvessem capoeira é considerado pelo professor como algo negativo em algumas ocasiões, uma vez que, sua imagem acadêmica estaria relacionada apenas quando algo envolvesse capoeira, assim como suas preferências temáticas ao realizar pesquisas. Contudo, segundo Professor Gunga, sua pretensão nunca foi pela carreira acadêmica, e sim pela carreira capoeirística. Tendo colocado “a academia dentro da capoeira” (PROFESSOR GUNGA).

Esse aspecto do direcionamento a temas relacionados à capoeira, embora não tenha sido relatado com essa mesma percepção, é apresentado na fala de outro profissional entrevistado. No caso de Professor Médio:

O meu artigo foi psicomotricidade e a capoeira. Minha pós-graduação foi os benefícios da capoeira. E se um dia eu chegar no mestrado eu também vou trabalhar nessa vertente aí, que é trabalhar com a capoeira. Mas, basicamente, foi essa parte aí da... Questão da influência da capoeira com a questão da educação física. [...] Não diferente, não separadamente, mas focar com a educação física na capoeira (PROFESSOR MÉDIO).

Esse vínculo entre a academia/ Educação Física dentro/na capoeira como mencionado por parte dos profissionais, teria gerado bons resultados para a atividade profissional (como evidenciaremos em outras seções), sendo também mencionado como um auxílio por Professor Gunga ao afirmar que os estudos realizados ao longo da graduação, sobre as abordagens da Educação Física, foram marcos de identificação (principalmente as abordagens progressistas) e ao mesmo tempo marcos de auxílio dentro da capoeira e dentro da Educação Física escolar. A necessidade de estudo aumentou quando se tornou monitor da disciplina de lutas, ministrada por professor Heraldo Simões⁷, ficando encarregado da parte direcionada à capoeira. Professor Gunga menciona que o desafio dentro da monitoria, de pensar no que deveria ensinar para que alguém conseguisse trabalhar com a capoeira em diversos ambientes, o fez desenvolver um pensamento mais sistemático e começar a pensar em formas de trabalhar a capoeira para a formação de professores(as).

Pontos de auxílio e dificuldade foram relatados até mesmo dentro da capoeira, quando relacionadas ao ingresso dos professores dentro das universidades. Professor Gunga relata que o fato de estar dentro de uma universidade fazia com que, em certas ocasiões, percebesse um “olhar de canto de olho” (PROFESSOR GUNGA).

E a capoeira é uma dificuldade em relação a isso também. Que... Uma visão de tradição muito ligada dentro da capoeira, e é onde alguns conceitos de tradições, que eu acredito serem equivocados né. A tradição se reinventa (PROFESSOR GUNGA).

⁷ Prof. Dr. Heraldo Simões Ferreira, atualmente professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Centro de Ciências da Saúde, Curso de Educação Física.

5.3 A formação acadêmica em educação física escolar

A seção tem o objetivo de apresentar, de acordo com as diferentes vivências, a presença ou não da capoeira durante a formação em Educação Física dos professores investigados. Vale ressaltar que, os professores possuem períodos de ingresso na universidade diferentes (como apresentado na seção inicial), o que pode influenciar na existência ou não da capoeira no currículo da formação dos mesmos, assim como as diferentes universidades nas quais concluíram a graduação.

Consideraremos o “contato com a capoeira” dentro da graduação, como a oferta dela dentro do currículo ou outras formas dentro do plano de curso oferecido, e que tenha sido vivenciada pelos entrevistados no estudo.

Segundo Professor Gunga, com inserção na Universidade Estadual do Ceará em 2002.2, dentro dos seus relatos, o mesmo não teve contato com a capoeira. Essa ausência teria gerado inquietação, que o levou a uma pesquisa dentro do curso:

Isso me inquietou muito na época. Inclusive a minha pesquisa, na licenciatura, foi a necessidade da implementação da capoeira na grade curricular, na matriz curricular nos cursos de educação física. Fiz essa pesquisa. Porque isso me inquietou muito. Essa questão de não... de não ter a capoeira dentro do curso de educação física. Isso pra mim é inadmissível. É... E aí eu fui pesquisar e fui ver também que isso não era coisa só do Ceará. Isso era coisa do Brasil de uma maneira geral. Pouquíssimas universidades tinham uma disciplina de capoeira. E isso me deixava muito revoltado (PROFESSOR GUNGA).

Essa realidade é destacada nos estudos de Alves *et al.* (2019), apontando para a ausência da capoeira na matriz curricular dos cursos de Educação Física (como disciplina ou similar). Um detalhe sobre a pesquisa mencionada é que ela utilizou dados coletados em 2016, sendo feita em 12 instituições da região metropolitana de Fortaleza. Ou seja, a pesquisa foi realizada aproximadamente 14 anos depois da vivência relatada por Mestre Gunga, demonstrando que a ausência do tema ainda parece ser uma realidade.

O contato com a capoeira só foi apontado quando Professor Gunga narra sobre uma monitoria na qual participou, sendo responsável pela parte direcionada à capoeira (como mencionado na seção anterior). Percebe-se que a inquietação gerou uma ação investigativa, levando o professor a estudar maneiras que auxiliassem a ele e a outros dentro da capoeira e dentro da Educação Física.

Com relação a Professor Médio, com inserção na Universidade Estadual Vale do Acaraú em 2004, dentro de suas narrativas, afirma ter tido contato com a capoeira na formação inicial através de uma disciplina ministrada pelo professor, que trabalhava lá nesse

período, Heraldo Simões (também presente nas narrativas de Professor Gunga ao mencionar a monitoria em sua disciplina). Segundo o professor, a disciplina era dividida em três partes, caratê, judô e capoeira. Dentro de seus estudos sobre a capoeira, o professor começou a compreender a riqueza da capoeira, dentro de sua história, de sua praticidade de implementação e outros elementos que antes não eram tão visíveis a ele, mesmo com mais de 15 anos de experiência com a capoeira, permitindo uma mescla de suas vivências aos conhecimentos academicamente estruturados:

[...] educação física traz uma visão mais ampla daquelas ações. E te dão possibilidade de diversificar, de você compreender os fundamentos. Então, brincar pelo brincar, a gente já brincava. Mas quando você começa a entender que o brincar, ele vai possibilitar que você possa ter o entendimento da questão de relações, da questão de estratégias, da questão da compreensão do coletivo. Enfim, aí a Educação Física foi que possibilitou essa percepção né. Que até então era a atividade pela atividade (PROFESSOR MÉDIO).

Embora esse contato inicial com a capoeira dentro da formação acadêmica, ao ser questionado se essa disciplina teria sido suficiente para o exercício da profissão docente com o tema dentro da Educação Física escolar, o professor menciona que não. Mas menciona que nenhuma disciplina seria o suficiente para o desempenho da atividade de lecionar. Elas seriam responsáveis por fornecer uma base de conhecimentos sobre o tema, por demonstrar as linhas de estudos existentes e seus conceitos básicos, dependendo da busca dos alunos/professores por novos meios de aprofundar o tema e intercalá-lo a suas atividades docentes de forma eficiente.

Ela não vai te dar condição né, de você sair dali e ir pra uma sala de aula, pegar 30 crianças, com várias situações diferentes, e você fazer uma excelente aula. É impossível isso. É impossível. Ela vai te dar a base. Ela vai te dar o início. Ela vai te dar as possibilidades. Aí você vai, joga ali na peneira... Você olha pra sua turma, você olha pra sua realidade. Aí você começa a tirar aquilo que não dá pra aquele momento (PROFESSOR MÉDIO).

5.4 As influências da capoeira na prática pedagógica

A seção tem o objetivo de compreender as influências que a capoeira e as trajetórias de vida atreladas a ela tiveram sobre as práticas pedagógicas com a Educação Física escolar segundo a percepção dos professores.

Dentro das influências da capoeira na sua prática pedagógica, Professor Médio afirma que a capoeira possibilitou a ele desenvolver uma liderança que o permitisse conduzir as aulas e auxiliar no desenvolvimento pessoal dos(as) alunos(as). Outra característica adquirida, relacionada à atividade docente, é sobre a afetividade e como esse comportamento afetivo com os(as) alunos(as) favoreceria muito no relacionamento com eles, principalmente no caso

do professor, que afirmava ser muito tímido. A perda dessa timidez é fortemente atrelada a sua inserção na capoeira, já que através dela momentos de liderança e protagonismo foram vivenciados.

O desenvolvimento dessas características associadas à prática de capoeira, também foi encontrada dentro dos achados de Silva (2007), ao expor narrativas docentes que apontavam a percepção de uma maior liderança entre os(as) alunos(as) participantes da capoeira que extrapolaria os momentos da prática, surgindo também nos demais momentos escolares, além de, um aumento na autoestima das crianças com relação à sua capacidade de aprendizado nas disciplinas, e nas tomadas de decisão diante das desigualdades presenciadas.

Sobre a influência da capoeira nas ações em sala de aula, a capoeira teria contribuído para o chamado “lidar com quantidades”:

Do lidar com quantidades né. Capoeira é você lidar com quantidades. É você ter ali 30, 40 alunos fazendo uma atividade. Ai quando você chega na sala de aula, você vê aquela mesma atividade né. E de certa forma, é mais favorável. Porque ali ta todo mundo ali. Tem que ficar sentado... e a gente já começa a quebrar. “Não. Vamos mexer, vamos movimentar.” E a gente trabalha com movimento. Como a gente trabalha com movimento, a gente sabe das limitações. E a capoeira favoreceu isso, essa compreensão do todo né. Então, com certeza a capoeira influenciou muito. E influencia ainda hoje na questão pedagógica, a questão da sala de aula e nas atividades também de fora de sala (PROFESSOR MÉDIO).

Essa influência dentro e fora de sala de aula também é mencionada por Professor Gunga já que, em sua percepção, essa influência seria uma “via de mão dupla”. O professor em questão relata ter estudado bastante sobre as abordagens pedagógicas, o que o levou a preparar diversos planos de aula, com base em diferentes abordagens, explorando múltiplas possibilidades de aulas com a capoeira e ministrando aulas sobre o tema de diversas formas.

Esse hábito serviu de destaque em situações onde o preconceito ainda existia sobre a capoeira e o próprio professor de capoeira:

E essa creche que eu dava aula de capoeira, ela era construtivista. E eu não dava aula de educação física, era capoeira. E aí, quando eu mandava... Que eles pediam os planos, o planejamento. Aí eu mandava os planos de acordo com o construtivismo que eles queriam. Então, isso eu ganhei muito espaço. Porque a coordenadora, “professor de capoeira dando um plano de aula desse...” Pra tu vê o preconceito né (PROFESSOR GUNGA).

Uma forte identificação com as abordagens da Educação Física é sempre mencionada como um destaque na identificação de Professor Gunga com o curso. Uma abordagem em especial teve seu potencial para a elaboração das aulas com a capoeira destacada: a abordagem crítico-superadora, organizada pelo grupo denominado Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992). Segundo o professor, foi uma das mais estudadas por ele e inclusive

fez parte de um curso ministrado pelo mesmo quando ainda trabalhava na secretaria de esportes, cujo objetivo era auxiliar outros professores (que não trabalhavam em escolas) a utilizar a abordagem em questão.

Sobre a abordagem mencionada, vale ressaltar que os autores da mesma defendem a capoeira como indissociável de seu processo histórico e seu resgate como manifestação cultural (SOARES *et al.*, 1992). Essa menção e defesa ao tema, assim como a demonstração de sua inserção no âmbito da Educação Física podem ter influenciado a afinidade ou preferência do professor pela mesma, obviamente, junto a todas suas vivências e concepções sobre a capoeira formadas e transformadas até então.

A abordagem parece ter auxiliado o professor dentro de sua trajetória acadêmica com os trabalhos dentro da escola, na identificação de metodologias a serem trabalhadas nas aulas de capoeira fora da escola, e nos processos acadêmicos, como na seleção para o mestrado. O professor finaliza, salientando que nem todas as abordagens, segundo suas crenças, são adequadas para trabalhar a capoeira na escola, e afirmando novamente que a influência da capoeira foi uma via de mão dupla em sua prática pedagógica:

Acho que a capoeira pode influenciar muito as aulas de educação física. E as teorias da educação física escolar, podem também penetrar dentro da capoeira. Proporções a parte, respeitando alguns formatos, alguns fundamentos que a capoeira tem que passar sempre. [...] Então, sempre foi via de mão dupla (PROFESSOR GUNGA).

5.5 A capoeira como componente interdisciplinar e sua relevância para a Educação Física escolar

A seção teve o objetivo de investigar as possibilidades interdisciplinares com a capoeira e sua inserção dentro dos currículos escolares, assim como a relevância da temática dentro da área da Educação Física escolar, com base na visão dos professores.

Quando questionado sobre essa possibilidade interdisciplinar da capoeira dentro dos currículos escolares, Professor Médio afirmou que essa visão sobre as múltiplas possibilidades do uso da capoeira surgiu em meio aos estudos das teorias de Gardner (1995) sobre as múltiplas inteligências. O professor exemplifica então sobre seu uso: em associação a disciplina de geografia, tratando das histórias sobre as fugas escravas e suas rotas; sobre seu uso na matemática, trabalhando as relações dos ângulos diversos do corpo dentro dos movimentos da capoeira; sobre seu uso na música ou elaboração textual, trabalhando com as composições, textos e confecção de instrumentos etc.

Mesmo com essas múltiplas possibilidades, o professor ressalta uma dificuldade para que isso se concretize: a mobilização de outros(as) professores(as) dentro de um projeto interdisciplinar:

Agora, isso é... De certa forma... Muito difícil de acontecer, por vários motivos. Primeiro ele... Existe, os professores que querem fazer um trabalho interessante, e outros professores, “deixa a vida me levar, vida leva...” Aí é complicado né. Você não vai perder tempo convencendo aquele que já tá convencido que não vai fazer mais do que acha que deve ser feito. Então isso dá muito trabalho, você quebra muito neurônio e tal, não sei o quê. Mas o resultado é fantástico (PROFESSOR MÉDIO).

Ao falar sobre a importância da capoeira para Educação Física, Professor Médio relembra que a capoeira está vinculada às lutas, e apresenta um diferencial já que possui relação direta com a história brasileira, favorecendo a compreensão da realidade e de todas as lutas a ela vinculadas:

Então, quando você compreende que a luta, que a capoeira nasceu como luta, pra que... Os escravos aí pudessem ter uma maneira de... Ao fugir, ou de se desvencilhar de determinadas situações, ter o corpo como arma. Hoje em dia a gente percebe também que tem que continuar lutando. Porque as injustiças continuam né [...] (PROFESSOR MÉDIO).

Segundo Professor Gunga, a capoeira não só poderia ser trabalhada de forma interdisciplinar como deveria. O professor ressalta a presença dela dentro dos documentos curriculares, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017). Mas adverte que, embora ela esteja prevista para o 6º e 7º ano, dentro dos conteúdos de lutas africanas e lutas brasileiras, haveriam especificações que tornariam a capoeira aplicável dentro de qualquer faixa de ensino, como: relevância social, regional.

Professor Gunga salienta a importância de um bom planejamento do(a) professor(a) de Educação Física, através do qual, se bem realizado, seriam possíveis essas interações, mesmo que a diversidade da capoeira, essas “multifaces” dela, já favorecessem trabalhos com quaisquer disciplinas. Além disso, a história dela teria sofrido influências políticas e sociais durante o curso da formação brasileira o que, segundo o professor, a daria respaldo de estar na escola, independentemente de qualquer disciplina.

Alguns aspectos relacionados ao histórico da capoeira são considerados “pesados” por Professor Médio, mas esses pontos estariam presentes no histórico de diversas outras lutas de forma semelhante. No entanto, o caráter inicialmente presente na capoeira de uma luta por liberdade, insere nela um componente de união em prol de algo, característica que não deveria ser perdida, tornando, em certas ocasiões, o caráter de luta corporal, não tão necessário, mesmo ela ainda sendo uma luta:

Os caras metendo o pé, o pessoal... O pessoal que era de fora ficou... né. [...] Pais com crianças, pegando aqui no colo e saindo cara. [...] Eu sei que aí, me deram o microfone lá. Aliás eu era um dos mais graduados no evento, e solicitei a palavra e me deram. Graças a Deus. [...] Aí eu disse assim, “quantos de vocês, capoeiristas e não capoeiristas que estão aqui, ouviram falar num escravo lutando contra outro escravo?” Aí eu deixei isso no ar né. “Então porque é que hoje capoeira tem que lutar contra capoeira?” (PROFESSOR MÉDIO).

Infere-se que, no entendimento do professor, a manifestação da capoeira não seria apenas através da força ou de movimentos e golpes violentos que fariam do corpo uma arma, desenvolvidos diante da dominação no contexto do Brasil escravocrata, mas principalmente pela “criação de novos espaços de encontro e de expressão de diferentes parcelas marginalizadas da população” (SILVA, 2007, p. 130), elemento também presente no surgimento da capoeira, e que abriria novos espaços e possibilidades para a vida e o convívio, constituindo assim, sobretudo, um ato de resistência positiva (SILVA, 2007).

Professor Médio menciona que a aplicação do tema seria mais fácil devido a capoeira ter nascido com o corpo “quase seminu”. A afirmação é feita como forma de ressaltar a praticidade de sua implementação, não sendo necessários obrigatoriamente outros equipamentos ou instrumentos para ministrar as aulas. Além de afirmar que a capoeira estaria mais próxima da realidade dos alunos:

[...] a capoeira é a nossa história, somos nós, nós vamos contar a nossa história, dos nossos antepassados, a forma como eles lutaram. Enfim, é mais perto né? “É de nós”, como a gente fala aqui, “é de nós. É de nós!” (PROFESSOR MÉDIO).

As duas afirmações feitas anteriormente se assemelham a assinalação de Campos (2001), que pontua essa facilidade de implementação da capoeira, sem a necessidade de equipamentos sofisticados, como um dos motivos para sua inserção em diversas camadas sociais, inclusive na escola. Outro ponto seria o caráter cultural e lúdico, que teria uma proximidade com os(as) alunos(as), fomentando discussões e estudos sobre essa manifestação cultural.

Dentro dessa proximidade mencionada com a realidade dos(as) alunos(as), e ainda em semelhança ao segundo ponto mencionado por Campos (2001), Professor Gunga ressalta que no contexto educacional brasileiro, onde uma “briga” seria travada, com objetivo de fazer com que o conteúdo a ser lecionado gerasse vínculo e identificação com os(as) estudantes, a capoeira, presente na maior parte das localidades e contextos comunitários dos(as) alunos(as), geraria esses sentimentos e contribuiria para o interesse e estudos dos(as) alunos(as):

Ele vê todo dia um cara passando com berimbau, negócio no braço, dando aula ali, ele vê ali, “isso é macumba ou não é?... É isso e aquilo...” Ele vê aquilo todo dia. Aí de repente o professor de educação física, “hoje a aula é sobre capoeira.” Aí... “vixe...” Eu cansei de ter esses exemplos. “Tio, tem lá no meu bairro...” Pronto.

Começa... O interesse já muda. Aí você não tem nem dificuldade. Pode ser a turma mais danada que for. Se eles se identificam, eles vão gostar. Eles vão fazer atividade, trabalho de casa, vão fazer tudo. Porque eles se identificam com aquilo. Então, eu acho que o maior argumento. Um dos maiores argumentos é isso. A identidade, a identificação com a criança, com o aluno que tá ali naquela escola (PROFESSOR GUNGA).

Outro detalhe explanado por Professor Gunga, é que a aplicação da capoeira, como presente nos PCN, teria uma vertente dentro das atividades rítmicas e atividades relacionadas à cultura popular. Além do atendimento ao que é proposto na lei 10.639/03.

Sobre o atendimento a lei, Professor Médio menciona a existência de um projeto de incentivo à cultura afro-brasileira na escola, no município de Maracanaú, e que uma pretensão sua é aderir ao projeto como meio de trabalhar o tema no decorrer do ano. Outra pontuação interessante é que o professor acredita que, enquanto houver a “obrigação” de implementação desses temas nas escolas, seria mais difícil o surgimento de uma real motivação por parte dos(as) profissionais, junto ao reconhecimento da importância de o tema ser trabalhado por meio de ações e projetos semelhantes.

Embora todos os pontos a favor da capoeira como um conteúdo a ser aplicado na Educação Física escolar e passível de ser trabalhada em projetos interdisciplinares, os professores parecem concordar também que a capoeira possuiria respaldo de estar inserida dentro do ambiente escolar, independentemente de quaisquer disciplinas.

Na visão de Professor Médio, essa inserção no ambiente escolar não necessariamente deveria ser como uma disciplina, já que ninguém seria obrigado a fazer capoeira, mas que, diferentemente dos modelos de grupos de capoeira, em cada escola ou eixo de escola funcionasse um núcleo de capoeira para todos os interessados, com uma metodologia estabelecida, voltada ao aprendizado geral da capoeira, sua valorização cultural, e com aulas ministradas por capoeiristas.

Ninguém é dono da capoeira. Agora, para ensinar capoeira tem que ser um capoeirista. Tem que ser um capoeirista. Não é professor de história, não é o professor de educação física. É o professor da capoeira. Professor de capoeira, professor que viveu a capoeira. Que entrou em roda, que apanhou em roda, que bateu em roda, que sabe... Enfim, o cara que realmente viveu. Se não, vai ficar aquela visão romântica né (PROFESSOR MÉDIO).

O posicionamento quanto a necessidade de um(a) capoeirista e não um(a) professor(a) de Educação Física ministrar as aulas de capoeira na escola, estaria ligado a um receio de Professor Médio de que o docente responsável pelo conteúdo agregasse uma visão “romântica” a capoeira, a ensinando de modo limitado, fugindo de seu caráter de luta e não explorando suas multifaces de diversas formas.

Dentro da questão da presença de capoeiristas nesse sonho do professor, uma problemática é apontada: a inserção desses(as) mestres(as) da cultura popular no ambiente institucional. Contudo, para que essa inserção ocorresse, Professor Médio salienta a necessidade de alguns aspectos, dentre eles a de uma formação que possibilitasse essa inclusão na escola. Logo, apenas a formação em Educação Física escolar ou apenas a formação e experiência na capoeira não seriam suficientes. As duas formações deveriam acontecer para que o(a) profissional estivesse apto(a) a adentrar no ambiente escolar, junto ao cumprimento de outros requisitos:

Né só porque o cara é mestre de capoeira que tem condição de ministrar aula na escola não. Tem que ver se ele tem o mínimo... O ensino médio. O mínimo. O mínimo o ensino médio. E que ele passa aí por uma entrevista... Uma determinada situação. Seja feito um levantamento da vida dele... Criminal. Porque, “ah, o cara é capoeira” Ah, é santo? Não... Nós somos seres humanos, todos nós temos falhas. Enfim, você tem que levar para escola, pessoas que realmente estejam... Que tenham um compromisso com a educação e com o ser. Então, você vai lidar com vidas. E uma vida, pra você lidar com vida, você tem que assumir uma responsabilidade imensa. Porque uma ação sua pode prejudicar o psicológico de uma criança em formação. Positivamente ou negativamente (PROFESSOR MÉDIO).

Na visão de Professor Gunga, a capoeira já deveria ocupar espaço dentro da própria matriz curricular da educação brasileira como as outras disciplinas. Dentre as justificativas:

A capoeira é patrimônio cultural do Brasil. É a única manifestação cultural, desse porte, que é patrimônio e que está no mundo todo. No mundo todo a capoeira está. E ela... A história da capoeira está totalmente atrelada a história do Brasil. Então, dentro da formação da nossa sociedade, está atrelada a história da capoeira. E a história da capoeira é a história do povo negro. Que foi quem construiu a nossa sociedade. Então, a capoeira está atrelada. Então, eu já começo partindo de... Ela já devia estar extra. Dentro da matriz, mas como disciplina mesmo (PROFESSOR GUNGA).

Outra problemática já mencionada retorna, agora também junto a outro ponto: a inserção dos(as) mestres(as) da cultura popular nas instituições de ensino e a formação de professores:

A nossa legislação educacional não permite que o mestre da cultura, ele leccione uma disciplina dentro da educação formal. Educação básica, educação superior, não é permitido. Então isso barra, porque dentro da formação de professores, não se vê capoeira, constantemente, frequentemente, na verdade muito raras vezes é visto (PROFESSOR GUNGA).

Embora a justificativa, Professor Gunga ressalta que hoje, já mais maduro dentro da capoeira e fazendo parte da educação, conclui que essa pretensão de a capoeira ser inserida no contexto educacional mais amplo, não se consolidará sem que ações sejam tomadas em prol da capoeira, e o melhor caminho atualmente, seria através da Educação Física escolar.

Não digo que dentro da educação física escolar ela tem que ter um espaço maior que outras manifestações. Mas que ela tem que ter o lugar dela assegurado, em cada ano, tem (PROFESSOR GUNGA).

Esse espaço garantido que a capoeira deveria possuir, segundo os professores entrevistados, dentro da Educação Física escolar e até mesmo dentro do currículo escolar, vai de encontro a visão do papel da escola de Noronha e Pinto (2004), para os quais a escola seria espaço de perpetuação de conhecimentos e vivências das manifestações culturais populares.

Uma das falas finais em destaque aponta para a existência de tantos argumentos a favor da capoeira “que realmente fica difícil quando alguém vem argumentar que não dá para ter capoeira na educação física escolar” (PROFESSOR GUNGA). O professor destaca ainda que, a presença de “um mínimo de capoeira”, dentro da formação do(a) professor(a) de Educação Física escolar, o fará compreender a importância da capoeira.

5.6 A prática pedagógica com a capoeira na sala de aula

Esta seção foi criada com o objetivo de investigar a prática pedagógica dos professores com a capoeira na Educação Física escolar, que tipo de abordagem ou metodologia utilizam, em quais documentos se baseiam, assim como sobre a organização do conteúdo e participação dos alunos.

Professor Médio afirma que a experiência na capoeira o permitiu superar diversos obstáculos na escola relacionados ao tema. Inicialmente, dentro do planejamento das aulas, o professor teria adquirido uma maior visão sobre os recursos possíveis a serem utilizados em aula. Além de, dentro de aula, ao invés de autoridade ou de assumir uma posição autoritária, tenta “influenciar” os(as) alunos(as), investigando e valorizando os conhecimentos prévios dos mesmos, buscando diversificar os modos de estudo e pesquisa (como o uso do celular ou outros equipamentos).

Uma das dificuldades apontadas pelo professor, que ainda entra em diversos debates sobre, é para afirmar a capoeira como luta, contrariando uma visão “romântica” ainda existente:

Eu até entro em alguns debates de discussão com alguns colegas da educação física que não compreendem a capoeira a fundo. Ainda tem aquela visão romântica da capoeira né. Aquela visão “ah, o negro inventou a capoeira pra esquecer dos seus problemas. Pra esquecer dos castigos e tal.” Aquela visão poética. Que é linda, que é bonita né. E logicamente pode ter ocorrido né. Então... “Galera é um seguinte. Vocês passam capoeira pros alunos de vocês, mas digam que é luta. Não façam isso em outro lugar, a não ser que seja na escola.” “Não, mas capoeira é isso...” Vai ver uma roda da República meu amigo. Vai ver uma roda na rua meu velho. Vai ver uma

roda de batizado. A galera mete o pé meu amigo. Quer saber se você acha bonito, poesia não. É luta. Capoeira é luta (PROFESSOR MÉDIO).

Embora o aspecto de luta da capoeira, percebe-se que o professor não explora essa vertente no ambiente escolar. Infere-se a partir das falas do professor, que essa vertente de luta a qual ele se refere, estaria relacionada aos aspectos combativos da capoeira, seus movimentos, golpes etc., e não com relação ao aspecto de luta por desigualdades, lutas étnicas e outras, que são defendidas pelo professor, como já apresentado em seções anteriores

A questão do ensino dos aspectos combativos da prática necessitaria de mais convivência dentro da capoeira para que os(as) alunos(as) pudessem compreender e desenvolvê-los. O professor menciona que, em suas aulas de capoeira fora da escola, ao desenvolver esses movimentos combativos com alunos(as) iniciantes e ainda jovens, estimula a consciência dos(as) alunos(as) quanto a cada golpe, e a prática para o domínio corporal e prevenção de acidentes envolvendo-os. Mas para isso, seria necessário um tempo de prática, e apenas as aulas com o tema dentro da Educação Física escolar não seriam suficientes:

[...] outra coisa que muitos professores de educação física não compreendem na questão da capoeira, existe um ritual dentro da capoeira, você não vai chegar na roda de qualquer jeito né. Então você tem que saber chegar, você tem que saber sair, você tem que saber permanecer. Aí o aluno não sabe disso? Não dá tempo a gente passar essas particularidades da capoeira na escola. “Galera, o Berimbau quando tá tocando é assim... Quando o caba toca... Faz isso, é isso...” Não dá meu amigo. Ai você... O aluno não sabe disso e pensa que roda é só pegar e jogar? Pode ser mal interpretado, e pode ser mal compreendido e ser machucado (PROFESSOR MÉDIO).

Segundo o professor, o mesmo tem muito cuidado ao ministrar suas atividades com os(as) alunos(as) na escola, e embora afirme aos alunos a posição da capoeira como uma luta, trabalha capoeira por uma vertente lúdica, focado no jogo, e sempre menciona em suas aulas que elas serão uma base, mas não prepararão os(as) alunos(as) para serem capoeiristas. Junto a esse trabalho com um foco lúdico na capoeira, o professor promove a compreensão geral da capoeira, abordando sobre questões históricas, sobre os instrumentos, e outras aulas práticas, tendo muitas vezes no máximo 4 aulas para trabalhar o tema, não sendo tempo o suficiente para que o(a) aluno(a) entendesse alguns pontos, como a ritualística da roda ou o caráter combativo dos movimentos da capoeira, como mencionado anteriormente.

Sobre essas adaptações realizadas de acordo com a faixa etária, Professor Médio menciona a utilização do lúdico ao dar aulas no 6º e no 7º ano, sendo tudo muito simbólico, com uso da musicalidade e outros recursos. No 8º e 9º ano o jogo da capoeira começa a ser trabalhado, acontecendo a ludicidade, mas em menos proporções do que nas séries anteriores.

Nessas séries finais já seriam utilizados os nomes dos movimentos e assim como uma explicação sobre eles.

Dentro das falas anteriores do professor é mencionado o atendimento a lei 10.639/03, assim como na fala de Professor Gunga. Tendo este último feito menções a presença da capoeira dos documentos curriculares como a BNCC e dos PCN.

Professor Gunga relatou que, dentro de sua história com a capoeira, sempre a ensinou dentro das aulas de Educação Física escolar, além de produzir uma proposta metodológica para ela dentro do fundamental. Quando questionado sobre detalhes de sua metodologia, afirma que, embora tente “deixar o capoeirista de lado”, as vezes conseguindo e as vezes não, o mesmo apresenta, inevitavelmente, algumas facilidades ao ministrar o tema, como o manejo dos instrumentos, que segundo ele seria um atrativo aos alunos. Afirma ainda que trabalha “a história da capoeira, numa visão crítica, no olhar do oprimido, trazendo a ludicidade” (PROFESSOR GUNGA), dentro do fundamental I, utilizando assim da historicidade, ludicidade e criticidade dentro de suas aulas, fazendo uma divisão e sistematização do tema, que sofrerá variações dependendo de cada turma e comunidade escolar.

O professor dá seguimento sobre sua metodologia, dando mais detalhes sobre a proposta que sistematizou ao longo dos anos. O professor trabalharia por meio de uma ampliação da história, levando em consideração na hora do planejamento, mesmo quando ministra outros conteúdos, o nível maturacional das crianças e do que eles precisam, a depender do momento, entender sobre o conteúdo.

“Não. A criança de 7, 8 anos de idade, ela tem que, para mim, ela tem que entender que existe capoeira, quem criou a capoeira foram os africanos que estavam escravizados...” Cabô. “E criaram pra eles ficar livres...” Eu vou tentar bolar uma maneira, com jogos, com brincadeira. Aí eu vou trabalhando a questão do simbolismo mesmo. Eles vão jogando, eu vou contando história, e eles vão brincando (PROFESSOR GUNGA).

Dentro dessa metodologia, utilizando jogos de diversas áreas, Professor Gunga estabeleceria as relações com o conteúdo. Tendo sempre ao fim, um momento de reflexão final, como forma de avaliação e estímulo à produção de materiais que favoreçam a compreensão do que foi feito em aula.

O professor ressalta que, devido a idade, o foco das crianças estaria mais tempo voltado à brincadeira, portanto, 3 aulas com o conteúdo de capoeira já proporcionariam um entendimento sobre o que é a capoeira, estando, os demais detalhes e complexidades sobre o tema, presentes no decorrer dos outros anos de forma ampliada.

Aí eu vou pro segundo ciclo... Vamos lá, eles já entenderam... Esse bolo aí da história. O que é que eu coloco mais aí? “Rapaz, como é que foi essa viagem? Como

é que esses caras chegaram aqui? Como é que essas pessoas chegaram no Brasil pra eles cria... Da onde é que eles tiraram a ideia de criar a capoeira? Eles criaram assim..." Aí não, aí eu vou pensando. Aí eu vou articulando. E aí eles têm que pensar até chegar... Aí entender. Aí eu vou ampliar a história, colocando outras coisas dentro dessa história, que são importantes para eles. Eles já vêm com uma base, daquela historiazinha, bem resumida. Vão ampliar isso. Vão ampliar os movimentos. Vão ampliar a visão crítica, que eles vão entender, "poxa... Eles sofreram viu." "Pois é... sofria." E vão chegar no final... Capoeira de novo. Aí eu vou pro fundamental II. Mesma sistemática. Ampliando o que for (PROFESSOR GUNGA).

Essa valorização da capoeira e de sua raiz cultural, junto a interação com os saberes originados da cultura africana e afro-brasileira, permitiria um olhar além da ótica europeia condicionante, presente na realidade de modo geral, sobre temas historicamente negligenciados ou modificados (NORONHA; PINTO, 2004). A exemplo dessa negligência em outros ambientes, as manifestações culturais artísticas e musicais africanas ainda eram consideradas expressões de sociedades primitivas até a primeira guerra mundial, e embora a aceitação de parte delas após esse período, essa "aceitação" foi acompanhada da continuidade dos preconceitos relacionados à África e aos seus povos dentro das representações modernistas (ASSUNÇÃO, 2014).

Embora a proposta metodológica feita por Professor Gunga tenha sido sistematizada apenas para o fundamental I, o professor defende sua adequação às outras faixas de ensino, mencionando que essa ampliação dentro do conteúdo e a metodologia dos jogos utilizada, não seria apenas vinculada a um ensino de forma sequenciada, portanto, em caso de o professor se encontrar no desafio de ministrar o tema a uma turma já nos anos finais, e sem nenhum contato anterior com a capoeira, o professor poderia, com a mesma metodologia de jogos e brincadeiras, fazer um resumo de parte do que deveria ser abordado nos anos anteriores e ampliar a história de forma mais crítica, tendo em vista a compreensão dos(as) alunos(as).

A metodologia de "jogos e brincadeiras" utilizada por Professor Gunga, dentro de uma perspectiva crítica, histórica e lúdica da capoeira, e a metodologia de "ludicidade e do jogo da capoeira" utilizada por Professor Médio, dentro de uma perspectiva do lúdico, vivenciando de forma breve alguns movimentos específicos, seriam acompanhadas de uma abordagem histórica da capoeira, seus elementos, e discussões adjacentes sobre as desigualdades raciais e sociais (a depender das faixas etárias), como destacado na fala dos professores. Ambas as abordagens metodológicas apresentadas seriam destaques dentro das aulas relacionadas sobre o tema, já que dentro de pesquisas realizadas por Alves *et al.* (2019) sobre a abordagem de professores(as) de Educação Física ao ministrar o assunto, uma maioria expressiva utiliza de aulas teóricas para abordar sobre a capoeira, deixando o uso de jogos e brincadeiras em segundo plano.

Um ponto interessante dentro da fala do Professor Gunga sobre sua metodologia é que os movimentos específicos da capoeira não necessariamente precisariam ser utilizados caso o(a) professor(a) não os dominasse. Os recursos para a demonstração desses movimentos seriam diversos, mas não seriam limitantes da aplicação do tema nas aulas de Educação Física.

Esse ponto da não obrigatoriedade da utilização dos movimentos vai de encontro a um dos apontamentos feitos por Alves *et al.* (2019), ao mencionar que o(a) professor(a), para ministrar o tema em aula, deve saber e explorar a diversidade de conhecimentos que o tema possui, oferecendo uma vivência dentro da arte, fomentando as discussões emergentes, mesmo que ele(a) não domine todos os aspectos técnicos da modalidade.

Sobre a participação nas aulas, Professor Médio afirma que há uma queda na participação dos(as) alunos(as) no decorrer dos anos, contudo, a participação estaria fortemente atrelada ao modo com que o professor lida com a turma e os conquista, o que teria relação também com as adaptações feitas nos temas de acordo com a idade dos alunos:

Você tem que ter aulas diferentes, mesmo que o conteúdo seja o mesmo, que não é necessário que seja. Mas aulas diferenciadas pra que cada momento eles percebam que vai ter um aprendizado diferente, vai ter uma percepção diferente né. Então, dá para se fazer com um mesmo conteúdo, mas você tem que ter perspectiva diferente em cada momento. A compreensão do aluno do sexto ano é diferente, lógico você sabe disso, psicologicamente, tudo, do nono ano. Então, como você vai tratar esse aluno com o conteúdo, como você vai conquistar... (PROFESSOR MÉDIO).

Apesar disso, alerta que, embora o professor tenha papel fundamental dentro do estabelecimento da participação dentro das aulas, a realidade de cada aluno(a), dependendo das dificuldades presentes nela, será fator de forte interferência sobre esse ponto.

Quanto à participação, Professor Gunga afirma que a não participação nas aulas de Educação Física escolar é uma problemática geral. Contudo, ela seria multifatorial, concordando com alguns aspectos levantados por Professor Médio. Dentro dos relatos feitos pelo professor, ao ter maior familiaridade com os(as) alunos(as), sendo professor deles(as) desde as séries iniciais, a não participação seria pouco ocorrente nas suas aulas. Mas em situações onde ministrou aulas para séries mais avançadas, como o 5º ano, com histórico de problemas de participação, haveriam alguns problemas. Contudo, ao se tratar do conteúdo capoeira, a metodologia de jogos e brincadeiras utilizada seria um atrativo a todos(as) dentro das aulas:

[...] ela atrai, não importa, menino, menina, homem ou mulher, ou o cabra mais velho, mais novo. Quem não quer participar, é porque não quer mesmo. Então é outra coisa que eu falo pra o professor, “não se estressa com isso velho.” Você tem que se estressar quando ninguém quer participar. Aí tá errado. Ou quando você... A pessoa não participa, e tu não tenta uma vez, não tenta saber o que é que ta

acontecendo... São muitos fatores. Então, é uma participação total. Eu não tive problema com participação, fora os problemas que já... Que são de lei dentro da educação física escolar (PROFESSOR GUNGA).

Segundo a descrição de alguns aspectos metodológicos dos professores entrevistados, boa parte dos relatos nos remetem as categorias do conhecimento do professor, propostas por Shulman (1986).

Com relação aos conhecimentos do conteúdo, ambos os professores teriam conhecimento teórico e prático sobre a capoeira, demonstram entendimento quanto a importância da mesma, sua necessidade e rigor dentro da comunidade científica, assim como as múltiplas possibilidades de explorar o tema, junto as suas conexões com as demais áreas

Ambos demonstram, através do enfrentamento das dificuldades mencionadas dentro das aulas e da aplicação de adaptações nos conteúdos, tendo em vista a compreensão dos(as) alunos(as), tornando-o compreensível diante das dificuldades ou preconceitos existentes, que atendem a categoria sobre os conhecimentos pedagógicos do conteúdo

Já com relação aos conhecimentos curriculares, ambos também atendem a ela, uma vez que demonstram uma compreensão ampla do conteúdo dentro de um planejamento curricular, sobre a diversidade de materiais e formas de trabalhar o tema, assim como as indicações específicas para cada série de ensino.

5.7 Reflexões e mensagens finais

A seção de reflexões finais foi elaborada com o intuito de finalizar a entrevista com uma mensagem aos professores de Educação Física ainda em formação ou já formados sobre a capoeira e com uma dinâmica sobre a definição da capoeira.

Professor Médio afirma ser uma tarefa difícil resumir a capoeira em uma palavra. Mas optou pela escolha da palavra resistência devido a ligação com o histórico de resistência da capoeira.

Professor Gunga afirmou não ser possível resumir a capoeira com uma palavra, mas que gosta muito da palavra “vida”, explicando a escolha a seguir:

Porque ela simboliza muita coisa. A vida ela... Está viva. [...] Se a pessoa fala assim pra ti “pense na sua vida.” Tu pode pensar lá atrás, antes de começar a tua vida, tu pensa. Tu pensa no início da tua vida. Durante a tua vida. E tu pensa o que vai ser depois da tua vida. E lá no futuro da tua vida ainda. Então a palavra vida ela vai... Isso tudo. Então é um clichê... Pode até dizer assim “ah, capoeira é vida.” Mas eu quero botar vida nesse sentido. Nesse sentido amplo, que a palavra é. Ela simboliza muita coisa. E... Ancestralidade. É você aprender com o passado para poder construir o presente, e vê onde tá no futuro. Então a vida é isso. Então, vida é isso tudo. Quando você tem uma boa reflexão da palavra vida, é isso. Então, não tem

como resumir a capoeira em uma palavra. Mas eu gosto da palavra vida. Então vida ela... Pra mim contempla muita coisa (PROFESSOR GUNGA).

Já quanto à mensagem ao professor ou acadêmico, Professor Médio menciona que, inicialmente seria para que continuasse estudando e se envolvendo no mundo da capoeira. O professor destaca situações vivenciadas na capoeira, como o momento em que recebeu cruelmente a aplicação de um golpe e questionou a opinião de amigos se realmente a capoeira seria apenas aquilo, e em seguida momentos onde demonstrou total controle ao jogar contra quem já havia lhe desferido golpes, não usando de violência contra o indivíduo. Esses momentos narrados estariam ligados inevitavelmente as vivências com a capoeira, retomando ao conselho inicial:

Se envolver no mundo da capoeira. Se você quiser ministrar uma boa aula de capoeira, você tem que realmente viver um pouco da capoeira. Você tem que vivenciar um pouco da capoeira né. [...] Não é só levantar o pé não. Capoeira não é só levantar o pé. É muito mais do que isso (PROFESSOR MÉDIO).

Professor Gunga fornece um conselho, e adverte que ele não seria apenas sobre a capoeira, mas sobre a atividade docente em si. Segundo ele, o(a) professor(a) teria um papel fundamental dentro da educação, mas deveria entender que o aluno sempre será o foco central dentro do processo de ensino-aprendizagem. A partir disso, o(a) professor(a) deverá refletir se estaria privando o(a) aluno(a) de algum conhecimento:

Porque ele vai dizer, “ah, isso é bom. Ah, isso eu sei. Isso eu não sei...” Eu não quero saber se a pessoa sabe, se não sabe. Vai ter que saber. Vai ter que ir atrás, vai ter que buscar. Você não é professor? Não é professora? Então vai ter que buscar. Vá buscar conhecimento. Porque o aluno depende disso. Então não prive o aluno do conhecimento. [...] Então, não privar. O que eu aconselho é, reflita se você vai privar o seu aluno de determinado conhecimento. E aí, qual conhecimento ele tá sendo privado né? Saia da sua zona de conforto (PROFESSOR GUNGA).

O professor adiciona que, seria muito fácil para ele ministrar apenas aulas de capoeira já que possui anos de experiência e vivência. Contudo, dentro do contexto da Educação Física escolar, uma vez que, o objetivo não seria formar capoeiristas, ele deveria pensar em uma outra forma de ministrar o tema dentro das aulas e passar também outros elementos da cultura corporal, não privando os(as) alunos(as) de tais conhecimentos e permitindo uma ampla vivência deles.

Os conselhos emanados por Professor Gunga e Professor Médio vem como possíveis soluções a uma problemática encontrada na literatura acadêmica sobre a ligação dos(as) professores(as) com o saber fazer, mencionado por Iório e Darido (2005), e uma reluta de alguns profissionais da área em buscarem o estudo sobre determinado tema, devido à falta de conhecimento prático, como relatado por Poly (2015).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação das histórias de vida dos professores e das relações estabelecidas entre suas falas, nos apresentam o campo educacional sob a ótica daqueles que trabalham com ela dia a dia, seus desafios, enfrentamentos e perspectivas. Já a associação das histórias de vida desses professores com a capoeira, nos apresenta outra riqueza desse campo educacional: a formação do(a) professor(a), sendo entendida para além das instituições de ensino e dos campos formais de aprendizagem, afirmando e reafirmando que a constituição desses(as) profissionais, suas perspectivas e atuações sofrem influência de todos os processos antes, durante e após a graduação.

Cada história de vida atrelada a capoeira se apresentou, embora de formas singulares, fortemente ligadas a ela desde o primeiro encantamento com a manifestação cultural, acompanhando seus praticantes em todas as etapas de suas vidas, inclusive na trajetória acadêmica e em suas ações profissionais como professores de Educação Física escolar, ainda fazendo parte da construção constante desses seres até hoje. As narrativas estruturadas no trabalho corroboram para o entendimento desse processo formativo dos professores e da identificação de questões relacionadas a capoeira em seu processo de vivência, inserção nas instituições de ensino e como tema dentro da Educação Física escolar.

Uma das questões apontadas seria a presença do preconceito contra manifestações africanas e afro-brasileiras, que ainda parecem permanecer “acorrentadas” ao rebaixamento e ao encobrimento dentro da sociedade e das próprias instituições que deveriam ser responsáveis pelo enaltecimento dessas manifestações presentes na constituição e na ancestralidade do povo brasileiro.

O preconceito enfrentado pelos professores ao longo de sua trajetória ilustra outro ponto interessante dentro dos embates sobre a abordagem da capoeira em sala de aula. Como demonstrado, e em conformidade com algumas afirmações ao longo do trabalho, parece que a capoeira surge nos ambientes educacionais através de pessoas que possuam compreensão sobre a importância da temática, ou que tenham afinidade com a prática, ou que se proponham ao desafio de abordá-la, mesmo este último sendo de mais rara identificação. A recomendação dos professores sobre a vivência e estudo sobre a capoeira, como forma de não privar os(as) alunos(as) dos conhecimentos referentes à cultura corporal que lhes é de direito, demonstra forte preocupação desses professores em como o componente é abordado, e reconhecimento de que são poucos(as) os(as) profissionais de sua área que tratam o tema.

Nesse sentido precisaríamos ter mais pesquisas a respeito do tema. A proposta de Pereira e Venâncio (2021), que se propõem a investigar o conhecimento dos professores(as) de Educação Física sobre as obrigações legais de abordar temas relacionados às questões étnico-raciais, e quais perspectivas e práticas assumem para ensinar tais questões em suas atividades e jogos, poderá suscitar mais investigações sobre a temática da capoeira atrelada aos jogos africanos no contexto brasileiro e mais especificamente na região do Nordeste. Assim como, a proposta de Sanches Neto *et al.* (2020), através da qual demonstram que a orientação de programas de formação de professores(as) de Educação Física para as questões de justiça social e equidade podem proporcionar aos futuros docentes novas perspectivas sobre o ensino dessas questões e a geração de conexões com suas próprias realidades.

Ainda dentro dessas lacunas na abordagem do tema dentro da Educação Física escolar, os professores mencionam os documentos e leis (PCN, BNCC, lei 10.639/03) como apoiadores da existência do tema dentro das aulas, contudo, alertam sobre a falta de iniciativa de alguns docentes da educação em aderirem ao tema de forma interdisciplinar, e dos(as) próprios(as) professores(as) de Educação Física em aceitarem a inserir ou ministrar o tema, o que demonstra uma realidade conflitante dentro da escola, mesmo com a existência de documento curriculares e propostas que contenham o tema.

A capoeira foi responsável não só pela aderência a uma prática de exercícios físicos no cotidiano dos professores desde a infância, mas também pelo surgimento de uma série de características pessoais que teriam sido apontadas como de suma importância na abordagem desenvolvida com o tema e nas demais aulas de Educação Física escolar. As vivências na capoeira teriam oferecido situações de protagonismo e de enfrentamento que influenciaram no desenvolvimento de uma liderança com os(as) alunos(as) e no tratamento afetivo com os mesmos, permitindo uma prática pedagógica não autoritária na Educação Física escolar, mas que respeitasse as individualidades dos(as) alunos(as), seus conhecimentos, além de sempre levar em consideração a idade e compreensão dos(as) aprendentes. Outra colocação percebida foi o incentivo aos estudos, seja ele sobre a cultura africana, capoeira ou sobre a Educação Física e a atividade profissional, essa característica teria possibilitado aos professores a inserção em diversos espaços, assim como, o diálogo com outras áreas como forma de melhorar o trabalho dentro e fora de sala de aula.

Já com relação à abordagem da capoeira nas aulas de Educação Física, a relação entre a capoeira e os conhecimentos acadêmicos na formação seria uma via de mão dupla, permitindo a aderência dos conhecimentos e metodologias da Educação Física na capoeira, assim como sua abordagem de forma crítica, pedagógica e lúdica dentro das aulas de

Educação Física escolar, sem desvincular-se das lutas por liberdade enfrentadas por ela. Vale ressaltar que, foi evidenciada uma visão mais ampliada dos professores de todos os aspectos a serem trabalhados em sala sobre a capoeira, junto as adaptações necessárias frente ao desenvolvimento das crianças. Tal possibilidade seria fruto dessas inter-relações entre a capoeira e a Educação Física mencionadas.

É perceptível a menção da criticidade ao ministrar as aulas e da abordagem dos aspectos de luta e resistência historicamente e socialmente atrelados à capoeira, e a cultura afro-brasileira e africana. Com base nisso, inferimos que esse caráter educacional da capoeira, como um conteúdo da Educação Física escolar, na fala dos professores, estaria ligado à perspectivas educacionais críticas, que levariam em consideração as relações étnico-raciais envolvidas historicamente ao conteúdo, que buscariam favorecer o início da construção de um currículo descolonizado, e que permitiriam a ampla participação dos alunos, fomentando a superação das desigualdades e preconceitos relacionados a questões sociais e de gênero.

A reflexão do tema, e não desvinculo do mesmo de sua historicidade, minimamente permitiria entender e revelar seu desenvolvimento na construção brasileira, que teve como base a “violência imposta pelo processo de escravidão e pelo modo de produção escravista aos africanos e africanas escravizados e seus descendentes” (GOMES, 2019, p. 130), assim como o desmatamento de terras indígenas (PEREIRA; VENÂNCIO, 2021). Essa forma de ministrar o conteúdo o tornaria um forte agente para confrontar questões que contribuíram para a formação de um sistema educacional no qual ainda estão presentes estruturas do pensamento racista, machista e desigual socialmente.

A formação inicial de cada professor ocorreu em períodos e universidades distintas, assim como as oportunidades de estudos anteriores, contudo, sobre a vivência da capoeira, seja como disciplina ou outro componente curricular semelhante, tivemos alguns achados. O primeiro seria sobre a presença da disciplina no currículo da formação em Educação Física escolar. Um dos professores afirmou que, durante a graduação, não teve contato com a capoeira. Ao confrontar as datas mencionadas com pesquisas mais atuais, chegamos à conclusão de que essa realidade ainda é enfrentada dentro dos cursos superiores em Educação Física. O segundo ponto seria sobre a opinião daqueles que tiveram contato com a capoeira na formação universitária quanto à suficiência dela no preparo de professores(as) que irão abordá-la nas aulas de Educação Física escolar. Segundo os relatos, e de acordo com as pontuações feitas ao longo do trabalho, nenhuma disciplina seria suficiente para preparar o(a) professor(a) para a real atividade de lecionar. A universidade forneceria a base, o ponto de partida, e cada docente deveria buscar, por meio do estudo e da vivência, apropriar-se dos

temas a serem sistematizados e ministrados em aula. Levando em consideração isso, a falta da oferta do tema em algumas universidades privaria o(a) professor(a) em formação de compreender a importância de ministrar a capoeira em aula.

As inquietudes advindas dessas conclusões são várias. Tendo como exemplo apenas o movimento corporal, e tomando um dos movimentos dentro desse amplo aspecto que a capoeira comporta em sua prática, a ginga na capoeira, considerada sua base, só seria firmada como tal quando em movimento. Por que a área responsável pelo estudo dos movimentos e das manifestações da cultura corporal provenientes dos diversos povos deveria se abster de tratar de tal assunto ou de ofertá-lo na formação de seus profissionais?

Os anseios dos professores sobre a capoeira tornar-se obrigatória ou vinculada dentro dos espaços escolares, demonstra uma busca por reconhecimento dessa manifestação dentro da educação brasileira, para além de quaisquer disciplinas que venham negligenciá-la, tal como, em busca de um ambiente onde os saberes daqueles(as) considerados(as) como mestres(as) da cultura popular possam ser compartilhados. Mesmo com os professores mencionando a existência de critérios para que essa inserção ocorresse, ambos afirmam que esses conhecimentos deveriam ser valorizados nacionalmente, uma vez que a capoeira fez parte de todos os processos dentro da constituição brasileira e carrega consigo a história do povo negro, por meio do qual nossa cultura se construiu e boa parte das lutas sociais e ideológicas presentes na atualidade estão relacionadas.

As dificuldades e preconceitos retratados por seus praticantes, pelos trabalhadores da capoeira, e pelos professores de Educação Física ao tentarem ministrar o tema, mesmo frente aos reconhecimentos que a capoeira conquistou com o tempo e ao seu histórico de luta corporal e social tão ampla, nos levam a reafirmar o papel da escola dentro da quebra desses paradigmas e da não exclusão do tema dentro da atividade docente dos(as) professores(as) de Educação Física, também responsáveis por essa prática altamente significativa para a cultura corporal de movimento e tão atrelada à ancestralidade de uma nação.

Através da fala de um dos professores sobre a dificuldade em distanciar-se da capoeira dentro de seus trabalhos acadêmicos, e de ambos sobre o vínculo com ela dentro de suas pesquisas, compartilhamos identificação. Afinal de contas, o presente estudo surge das inquietações de um capoeirista estudante-pesquisador, inquieto em compreender sobre a abordagem do tema dentro das aulas de Educação Física e em como as trajetórias de vida dentro dela modificaram a prática pedagógica dos professores de Educação Física escolar, assim como o autor enxerga modificações presentes em sua própria prática pedagógica advindas de diversas experiências.

As trajetórias de alguns desses libertadores da capoeira, dentro de um contexto educacional onde o tema ainda é negligenciado e preso dentro de metodologias acrílicas, constituem parte do escopo do trabalho, dando sonoridade dentro da roda das discussões acadêmicas sobre as lutas travadas ainda hoje para a permanência e afirmação do tema dentro da Educação Física. A capoeira interferiu e ainda interfere na formação e atuação docente dos pesquisados em suas práticas pedagógicas com a Educação Física escolar, demonstrando a amplitude dos fatores e influências que corroboram para a formação e identificação do ser como professor(a).

Um limite identificado remete à pouca crítica com relação à BNCC (BRASIL, 2017) dos dois participantes. Apesar das lacunas percebidas as sugestões poderiam ter sido melhor aprofundadas. Como por exemplo a ausência das lutas e da capoeira nos anos iniciais do ensino fundamental, as questões de gênero e sexualidade, racismo, sexismo, homofobia dentre outros que continuam a invisibilizar a presença da cultura dos povos de origem africana na sociedade e cultura brasileira.

Através do estudo, compreendemos que a capoeira ainda enfrenta diversas dificuldades para ser inserida no ambiente escolar e dentro das aulas de Educação Física, mas que seu reconhecimento mundial, sua ligação intrínseca com a cultura brasileira e sua população, assim como, seu potencial como temática reflexiva sobre racismo, desigualdades sociais, violência, gênero e justiça social, a torna rico conteúdo a ser ensinado nas aulas, não podendo ser privada de fazer parte dos conhecimentos e vivências dos(as) alunos(as) nas aulas de Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Bruna Oliveira; TORRES, Aline Lima; BARBOZA, Anna Paula Vieira; BORGES, Leandro Nascimento. Formação de professores e prática pedagógica: capoeira na educação física escolar. *In: CUNHA, Niagara Vieira Soares (et al.). Diálogos Acerca da Formação de Professores em Educação Física*. Curitiba: *Brazil Publishing*, p. 181-194, 2019.
- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena Galvão Frem. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia: Ribeirão Preto*, n. 2, p. 61-69, 1992.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Ringue ou academia? A emergência dos estilos modernos da capoeira e seu contexto global. *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v.21, n. 1, p. 135-150, 2014.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. 1. Ed. Salvador: EDUFBA, 2001.
- CAMPOS, Hélio. **Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência**. s/ed., Salvador: SCT, EDUFBA, 2001.
- CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. Capoeira angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p.143-158, 2004.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez editora, 1995.
- DUTRA, Leonardo Monteiro. **Universo particular da capoeira: o jogo, a luta e as manifestações na cultura**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Educação Física e Esportes, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.
- FALCÃO, José Luiz Cirqueira. O jogo da capoeira em jogo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 59-74, 2006.

FERREINA NETO, José Olímpio; CUNHA FILHO, Francisco Humberto. Capoeira, patrimônio cultural imaterial: críticas e reflexões. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 6-21, 2013.

FERREIRA NETO, José Olímpio. **A capoeira na escola: uma experiência registrada em documentário**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Educação Física e Esportes, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

FERREIRA NETO, José Olímpio. **O princípio jurídico-político da participação popular no reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural do Brasil e da humanidade**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Direito) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2018.

FERREIRA NETO, José Olímpio; SILVA, Luciana Maria Fernandes. A capoeira na escola e a capoeira da escola. In: II Congresso de Educação Física Escolar. 2017. Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UECE, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. A casa e a rua em tempos de covid-19: uma leitura antropológica de “diário de confinamento” (Susana Bragatto). **Horizontes Antropológicos**, n. 58, p. 481-507, 2020.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOMES, Nilma Lino. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. **Perseu: história, memória e política**, n. 17, p. 124-142, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Goiânia, v. 27, n. 1, p.109-121, 2011.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio. (Org). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 31-61.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução de João Paulo Monteiro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

IÓRIO, Laércio Schwantes; DARIDO, Suraya Cristina. Educação física, capoeira e educação física escolar: possíveis relações. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 137-143, 2005.

IPHAN (Brasil). **Capoeira se torna patrimônio cultural brasileiro**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/2067>. Acesso em: 08 de jun. de 2020.

JARDIM, Juliana Gomes; BETTI, Mauro. Mudança curricular e a construção do conhecimento pedagógico do conteúdo na educação física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 215-228, 2014.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho Guareschi. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MACUL, Marcus Vinícius Santana. Capoeira: luta de resistência à violência. **Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 50-74, 2008. Trabalho apresentado no II Seminário Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ, 2., 2018, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ufrj.br/seminariopsi/2008/boletim/pdf/Artigo%20Marcus%20Macul.pdf>. Acesso em 08 de jun. de 2020.

MELO, Vinícius Thiago. A capoeira na escola e na Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 37, p. 190-199, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/24460>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JÚNIOR, Vicente; GALLO, Paulo Rogério; ROLIM NETO, Modesto Leite; REIS, Alberto Olavo Advincula. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 2014.

NORONHA, Flávia Dayana Almeida; PINTO, Rúbia-Mar Nunes. Capoeira nas aulas de educação física: uma proposta de intervenção. **Revista Pensar a Prática**, Goiás, v. 7, n. 2, p. 122-138, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/16059/9845>. Acesso em 03 de jun. de 2020.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; VENÂNCIO, Luciana. African and Indigenous games and activities: a pilot study on their legitimacy and complexity in Brazilian physical education teaching. **Sport, Education and Society**, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13573322.2021.1902298>. Acesso em 09 de abr. de 2021.

POLY, Marcus Aurélio. **A capoeira nas aulas de educação física: contribuições pedagógicas para aplicação da lei nº 10.639/03**. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais) - Departamento do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

SANCHES NETO, Luiz.; OYAMA, Edison Riuitiro. Da escravidão negra à escravidão econômica contemporânea: implicações para a educação física no Brasil. **Discorpo**, São Paulo, v. 9, p. 45-71, 1999. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/da-escravidao-negra-escravidao-economica-contemporanea-implicacoes-para-educacao-fisica-brasil/>. Acesso em 18 de ago. de 2020.

SANCHES NETO, Luiz; VENÂNCIO, Luciana; SILVA, Eduardo Vinícius Mota; OVENS, Alan Patrick. A socially-critical curriculum for PETE: students' perspectives on the approaches to social-justice education of one Brazilian programme. **Sport, Education and Society**, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13573322.2020.1839744>. Acesso em 09 de abr. de 2021.

SCHMIDT, Beatriz; PALAZZI, Ambra; PICCININI, Cesar Augusto. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Minas Gerais, v. 8, n. 4, p. 960-966, 2020.

SCHRAIBER, Lilia Blima. Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, p. 63-74, 1995.

SHULMAN, L. S. Those who understands: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**. Washington, v. 15, n. 2, p. 4-14, 1986.

SILVA, Luciana Maria Fernandes; DARIDO, Suraya Cristina. Capoeira. In: GONZALEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; DE OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli. **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. 2.ed. Maringa: Eduem, 2017. p. 91-137.

SILVA, Luciano Hebert de Lima. **A capoeira como conteúdo na educação física escolar: uma análise da práxis dos professores de uma rede municipal de ensino**. Trabalho de Conclusão de curso (Especialização em Educação Física Escolar) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira e educação física – uma história que dá jogo... primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 131-145, 2001.

SILVA, Robson Carlos da. Capoeira e Educação: uma reflexão sobre as contribuições da capoeira enquanto prática pedagógica. In: XVII EPENN - Encontro de Pesquisa do Norte e Nordeste, 17, 2005, Belém. **Anais** [...]. Belém: UFPA, 2005. p. 20.

SILVA, Sonaly Torres da. **Capoeira: movimento e malícia em jogos de poder e resistência**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: http://www.pucminas.br/documentos/dissertacoes_sonaly_silva.pdf. Acesso em 08 de jun. de 2020.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial, 1850-1890**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação cultural, Divisão de Editoração (Coleção – Biblioteca Carioca, v.34), 1994.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>. Acesso em: 8 de jun. de 2020.

SOUSA, Thayná Emily Soares de. **A capoeira nos cursos de formação de professores (as) de educação física da cidade de fortaleza**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Educação Física e Esportes, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

UNESCO. **Capoeira circle**. Paris, 2014. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/RL/capoeira-circle-00892>. Acesso em 8 de jun. de 2020.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, v. 34, p. 81-121, 1998.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. Os desafios contemporâneos da capoeira. **Revista Textos do Brasil**, v. 14, p. 9-19, 2008.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA NARRATIVA

SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA E A CAPOEIRA

- 1 - Qual a relação da sua trajetória de vida com a capoeira? Quando iniciou? Por quê? Alguma pessoa influenciou seu gosto/escolha pela capoeira?
- 2 - Quais dificuldades e/ou auxílios você teve no decorrer da sua trajetória com a capoeira? (o que/quem te ajudou, o que/quem te atrapalhou nessa trajetória)
- 3 - Existe um “eu” antes e depois da capoeira?

SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA

- 4 - Você teve contato com a capoeira na formação acadêmica inicial? Em caso afirmativo, acredita que foi suficiente? Como docente, considera que tenha elaborado conhecimento suficiente para trabalhar com o ensino na Educação Física escolar? Em caso negativo, o que faltou na sua opinião?
- 5 - Quais mudanças pontuais acredita serem necessárias para corrigir possíveis *lacunas* na sua formação inicial?
- 6 - O que você aprendeu com a capoeira que influenciou na sua prática pedagógica com a educação física escolar? Como você identifica essa influência no ensino da capoeira como conteúdo?
- 7 - Você acredita ter facilidade ou dificuldade de ensinar a capoeira nas aulas de Educação Física? Pode falar por quê?

SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

- 8 - A capoeira pode ser ensinada em todos os componentes do currículo escolar? Quais são as possibilidades da capoeira como um conteúdo interdisciplinar? Pode dar alguns exemplos?
- 9 - Qual a relevância da capoeira como conteúdo da educação física escolar?
- 10 - O que você aborda quando ensina capoeira nas aulas de Educação Física? Tem alguma diferença considerando os diferentes níveis de ensino?
- 11 - Qual metodologia você utiliza para ensinar capoeira? Em quantas aulas, geralmente, desenvolve o tema e como?
- 12 - Nas aulas de educação física, quem se mobiliza mais para aprender a capoeira, os meninos, as meninas? Há diferença? Sabe os motivos? Como resolve esta questão?
- 13 - Você relaciona o ensino da capoeira com alguma legislação ou documento curricular orientador? Pode mencionar qual? Tais referências (legais ou orientadores curriculares) são importantes? Por quais motivos?

14 - O que falta nos documentos orientadores dos currículos da educação física escolar a respeito da capoeira?

REFLEXÃO FINAL

15 - Se tivesse que definir a capoeira em uma palavra qual seria?

16 - Se tivesse que dar um recado/uma recomendação/um conselho/uma dica para quem - estudante ou professor(a) - está no curso de licenciatura em educação física a respeito da capoeira qual seria?

APÊNDICE B – INSTRUMENTAL ONLINE

Prezado(a) professor(a), você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: “A capoeira na Educação Física escolar: vivências e formações que permeiam a práxis pedagógica”, referente ao Trabalho de Conclusão de Curso de José Davi Leite Castro, matrícula de n.º 399620, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Venâncio, como requisito parcial para conclusão da Licenciatura em Educação Física, no Instituto de Educação Física e Esportes, da Universidade Federal do Ceará. O objetivo geral é compreender as influências da capoeira na vida e na prática pedagógica de professores(as) de Educação Física. Para tal, é necessário que preencha este INSTRUMENTAL, que conterà algumas perguntas que auxiliarão na pesquisa e no estabelecimento das ENTREVISTAS NARRATIVAS a serem realizadas. O Instrumental contará também com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Na secção destinada ao mesmo estarão algumas orientações sobre o seu preenchimento e envio. É de suma importância que responda o Instrumental e envie o TCLE também assinado (se aceitar participar). O autor do presente estudo se encontra disponível para sanar quaisquer dúvidas, podendo ser contatado através do telefone (85) 99796-6120 (também WhatsApp), e email: davileite11@hotmail.com. A orientadora também se encontra disponível para quaisquer contatos, no telefone (11) 97287-4034, e e-mail: luciana_venancio@yahoo.com.br Grato desde já.

SEÇÃO 1 – DADOS PESSOAIS

- Nome completo
- Data de nascimento
- Sexo/gênero: masculino; feminino; Outro.
- Telefone
- E-mail
- Estado civil:
 - 1) Solteiro(a);
 - 2) Casado(a);
 - 3) Viúvo(a);
 - 4) Divorciado(a);
 - 5) Outro.
- Etnia/raça:
 - 1) Branco;

- 2) Preto;
- 3) Pardo;
- 4) Amarela;
- 5) Indígena;
- 6) Outro.

SEÇÃO 2 – FORMAÇÃO E TRABALHO

- Há quanto tempo concluiu a Licenciatura em Educação Física? É a sua primeira graduação? Tem outra? Em caso afirmativo em qual área?
- Em qual instituição concluiu a Licenciatura em Educação Física?
- Por que escolheu o curso de licenciatura em educação física? Por que decidiu trabalhar na Educação Básica?
- Tem Pós-Graduação? Lato Sensu? Em qual área? Strito Sensu? Em qual área?
- Concluiu quando a Pós-Graduação? [especificar se tem mais de uma]
- Há quanto tempo trabalha/trabalhou com o ensino de educação física escolar?
- Você trabalha/trabalhou na rede pública (federal, estadual ou municipal) ou particular?
- Em quantas escolas você trabalha/trabalhou? Com quais níveis de ensino - infantil, fundamental 1 ou 2, ensino médio/ EJA – quais anos/séries?
- Há quanto tempo trabalha em cada um dos vínculos atuais [tempo de trabalho em cada uma das escolas]

SEÇÃO 3 - DADOS REFERENTES AO PROCESSO DE ENTREVISTA

- Você possui computador, smartphone ou outro equipamento que permita o uso de plataformas de bate-papo online? Especifique
- De que maneira prefere que seja realizada a entrevista?
 - a) Por ligação telefônica;
 - b) Por vídeo chamada;
 - c) Das duas maneiras seria possível.
 - d) Outro:
- Se a resposta anterior foi b ou c: Qual plataforma você prefere utilizar em bate-papos online e que gostaria de utilizar na realização da entrevista?
 - 1) Zoom;
 - 2) Google meet;
 - 3) Outro:

- Qual(is) dia(s) e horário(s) seria(m) mais adequado(s) para você participar da entrevista?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A seguir você encontrará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), deverá baixá-lo, lê-lo, se concordar com ele, deverá preenchê-lo, assiná-lo (deverá ser assinatura digital), e em seguida fazer o upload do arquivo preenchido e assinado aqui.

LINK DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

- TCLE - preenchido e assinado (assinatura digital) – para upload

SOBRE SUA IDENTIDADE NO TRABALHO...

Você tem a garantia do anonimato no presente estudo. Para representá-lo poderemos utilizar um pseudônimo para identificá-lo. Pedimos então que dê 3 sugestões de pseudônimo: (os pseudônimos poderão ser relacionados a escola, capoeira, exceto apelidos ou "nome de capoeira", ou outras áreas ou nomes de sua preferência)

- Sugestão 1
- Sugestão 2
- Sugestão 3

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: PROFESSOR 1 (DATA 22/03/2021, HORÁRIO: 22:15)

CODINOME: Professor Gunga

ENTREVISTADOR: hoje dia 22 de março de 2021 as 22:15, a gente vai começar a entrevista para pesquisa “a capoeira na educação física escolar: vivências e formações que permeia práxis pedagógica.” Já queira agradecer pela participação do senhor e pedir para o senhor iniciar, se apresentar e falar um pouquinho do senhor, dessa relação da sua história de vida com a capoeira, como é que foi isso, como foi que se iniciou, qual foram as influências, os gostos, como é que isso foi aparecendo...

PROFESSOR 1: beleza. Meu nome é Gunga, sou de 1981, agora com... Acabei de completar 40 anos. Comecei minha capoeira em 1991, tô fazendo 30 anos de capoeira esse ano, ininterruptos. É... Comecei com muito novo né. Comecei com dez anos de idade e não parei. E dou aula de capoeira desde 1998. Já dava aula de capoeira. Foi quando eu busquei me qualificar um pouco mais, busquei uma universidade. Curso de educação física, pra poder me qualificar um pouco mais. E entrei no curso de educação física na época, licenciatura plena, na Universidade Estadual do Ceará, em 2002, no vestibular no meio do ano turma 2002.2. Nós fomos a terceira turma do curso de educação física da UECE né. O curso foi criado em 2001.2, foi a primeira turma. Em 2002.1 aí já entrou a segunda turma. E em 2002.2 nós entramos. É... Desde o momento que eu já entrei no curso de educação física, eu já dava aula de capoeira. Então, já dava aula em escolas, em academias, projetos sociais. Então, sempre dei aulas de capoeira. E agora, a educação física. Eu não busquei a educação física pra trabalhar em outra área. Mas sim com a capoeira. E fui me identificando dentro logo do curso com as... É... As disciplinas que envolviam o currículo da educação, das disciplinas que trabalhavam bem mais a questão da licenciatura. Claro que é bem importante a outra parte, o outro currículo da área de educação física. Também gostava. Gosto. Mas, o currículo da licenciatura ele era... Me chamava muito a atenção devido ao que eu já trabalhava com a capoeira, os ensinamentos que a capoeira me trazia, já viajava... Já viajava com a capoeira pra outros estados. No meio do curso de educação física, eu tive a chance viajar pra Europa, passar três meses lá dando aulas de capoeira em escolas também. Vendo como é que funcionava lá. Em 2004 eu fui graduado professor de capoeira. Eu dava aula em 98, mas eu

era apenas instrutor. Seguindo uma hierarquia dentro da capoeira. Em 2004 me tornei professor dentro da capoeira. Terminei minha graduação em 2000 e... Final de 2007, mas 2008 praticamente, devido as greves. Peguei duas greves. E aí viajava também, devido a minha carreira dentro da capoeira. É... Quando eu terminei o curso de educação física, eu tava trabalhando dentro da secretaria de esporte, e estudando um pouco mais a capoeira. Parei de dar aula de capoeira, no sentido de formação de capoeirista. Tava trabalhando somente com escola. Passei dois anos nisso. Foi quando eu retornei a dar aula pra formação de capoeirista em 2011. E já entrando numa especialização de educação física escolar. Eu já tava... Eu já era servidor do município. Dava aula nas escolas públicas. Entrei em 2010, no concurso pra professor de educação física da prefeitura de Fortaleza. Também com o objetivo de aplicar e espalhar a capoeira dentro das escolas. Então, a partir das escolas que eu entro, eu trabalho com a educação física escolar e capoeira. E muita das vezes, educação física escolar junto com a capoeira. São várias formas que a gente trabalha. Eu de alguma forma, trabalhava capoeira. Ou junto... Dentro do currículo. Ou escolinha lá dentro da escola. Ou juntava tudo. E aí continuei. Continuei fazendo isso. E comecei a fazer experiências com minhas aulas, tentando trabalhar a capoeira de uma forma, dentro da educação física, que eu não utilizasse as técnicas... De fundamentos da capoeira, fundamentos técnicos. Passei alguns anos brincando com isso aí. Trabalhando. Dando aula em algumas escolas. Até criar um sistema um pouco... Um sistema meu de dar aula de educação física e capoeira. Que é onde eu coloquei no meu mestrado. Terminei o mestrado ano passado, em 2020. E a minha pesquisa, minha dissertação, foi justamente isso, foi estudar a minha trajetória, a minha formação na capoeira e acadêmica. E o que isso levou a preparar uma possibilidade metodológica pra capoeira nas aulas de educação física escolar. Então... Acho que eu apresentei aí foi logo... Duma lapada só, muita coisa... Então um resumão ai logo, da minha apresentação Davi.

ENTREVISTADOR: professor, dentro desse percurso, dessa trajetória... O senhor consegue identificar a questão de algum auxílio ou alguma dificuldade? Se teve alguém ou alguma coisa que ajudou ou atrapalhou o senhor nesse trajeto?

PROFESSOR 1: várias né. Várias. Eu acho que... Dificuldade sempre vão ter pra todo tipo de área, pra todo tipo de pessoa, pra todo tipo de trabalho, vai ter dificuldade né. A gente ta querendo sempre superar. Entretanto, quando você trabalha com... Escolhe trabalhar, com uma manifestação que já traz dentro dela uma história de preconceito, dificuldade e barreira. Aí essas dificuldades tendem a aumentar. Dentro das escolas... Antes disso, eu trabalhava em

escola particular, só com capoeira. Durante o meu curso de educação física eu continuei trabalhando nas escolas particulares só com capoeira. Não com educação física escolar. Tive muitas portas fechadas pra capoeira, por “n” motivos. As escolas... Algumas escolas de Fortaleza, de grande porte, de nome, me barraram. Chegou a uma época que... “Ah não, tem que ser formado em educação física.” Aí eu apresentei o meu currículo, e “ah, você é formado?” “Sou.” “Não, mas tem que ter especialização.” “Não, eu tô no mestrado...” “Ah, você ta no mestrado? Não, mas...” “Ah, tá bom...” Então, durante a minha trajetória toda, a gente teve essa barreira. E vai continuar tendo né. Ta sendo melhorado, mas vai continuar. Dento da universidade, dentro da minha formação, eu não tive capoeira. Não vi, não estudei. Isso me inquietou muito na época. Inclusive a minha pesquisa, na licenciatura, foi a necessidade da implementação da capoeira na grade curricular, na matriz curricular nos cursos de educação física. Fiz essa pesquisa. Porque isso me inquietou muito. Essa questão de não... de não ter a capoeira dentro do curso de educação física. Isso pra mim é inadmissível. É... E aí eu fui pesquisar e fui ver também que isso não era coisa só do Ceará. Isso era coisa do Brasil de uma maneira geral. Pouquíssimas universidades tinham uma disciplina de capoeira. E isso me deixava muito revoltado. E aí eu pegava os livros... E comecei a... Algo que me ajudou muito dentro da capoeira, como na educação física escolar, foi as abordagens progressistas da educação física escolar. Eu me identifiquei muito, logo na graduação, com a crítica superadora, o Coletivo de Autores. Então esse livro... É... Me ligavam muito ao que eu ensinava na capoeira. Então eu comecei a me aprofundar nesse tipo de abordagem. Embora os estudos das teorias eram pouquíssimas. E a prática... Como da pratica dessa abordagem, que era mesmo né. Então era muito complicado trabalhar uma aula dentro da perspectiva da crítica superadora. Uma aula onde se... Principalmente pra ensino fundamental, onde o movimento é importantíssimo dentro da aula de educação física escolar. Então, eu comecei a me aprofundar nisso. Me ajudou muito. Tive um professor, dentro da UECE, que foi meu orientador também, tanto na graduação, quanto na especialização em educação física escolar. Que foi o Heraldo. Ele era responsável pela disciplina de... Uma das disciplinas que ele era responsável era de lutas. Eu fui monitor durante alguns semestres dessa disciplina lá. E ele pediu, lembro que ele pediu, pra eu preparar a parte da capoeira. E aí isso fez eu pensar, “pô. O que é que eu vou ensinar para uma pessoa que vai ensinar educação física em vários anos?” Como é licenciatura plena, a pessoa ia dar aula de educação física na academia, ia na escola. Então, eu tinha que preparar o que é que aquela pessoa precisa conhecer da capoeira, pra ele sair do curso pelo menos com um norte de capoeira. E aí foi quando eu comecei a pensar de uma maneira mais sistemática, numa forma de trabalhar essa capoeira pra professor, como

formação de professores. E aí eles tinham dificuldade de... Dos alunos, dos outros professores mesmo, sempre barrar. “ah, mas por que capoeira?” Então eu sempre peitei. Minha última peitada foi no mestrado, que eu falava da importância da capoeira no ensino fundamental. E a galera, os acadêmicos né, os doutores, doutoras. “Não, mas... se for ter capoeira tem que ter isso...” Outra coisa que eu via muito. E que eu não fui barrado, pelo menos pelo meu orientador. Foi que, quando eu ia apresentar alguma coisa, é... Eles falavam, “não Gunga. Tu tem que tem que deixar a emoção de lado...e lá. E ir pelo lado científico.” Ai eu, “rapaz, não tem condição não. Se o ser humano se tirar a emoção ele é o quê?” E eu sou emoção pura dentro da capoeira. Então não tem como. Então... Mais uma dificuldade que a gente tinha. Que era tentar mostrar o valor da capoeira tem, no meio acadêmico. Então, isso é uma dificuldade. Ainda é hoje. A gente estudar capoeira, pesquisar capoeira. Muitos... Muitas pessoas as vezes querem estudar, e os próprios orientadores barram, mudam a temática, “que não é relevante, que não é assim, que não é assado.” E aí acabam que... Acabam que não escrevendo, não fazendo a pesquisa. Então, também tinha essa problemática de perceber que há isso no meio acadêmico. E ao mesmo tempo, dentro da capoeira, também tive a dificuldade de que... De ter um olhar as vezes de canto de olho, só porque “o cara ta na universidade, acha que é isso...” Você vai falar alguma coisa, e alguém que... “Não. Só porque tu é da educação física é assim, assado...” Tive demais dentro da capoeira. Ou seja, a gente tem em todos os ambientes. E a capoeira é uma dificuldade em relação a isso também. Que... Uma visão de tradição muito ligada dentro da capoeira, e é onde alguns conceitos de tradições, que eu acredito serem equivocados né. A tradição se reinventa. Então é... Tive essa dificuldade também. Além das dificuldades de família. Porque até hoje, vocês não acreditam, mas... Acho que ninguém acredita se eu falar, mas o sonho da minha mãe é que eu deixe a capoeira pra lá. Eu tive isso dela, tipo assim... Uma ex namorada minha que, agora em 2019 pra 2020, ela chegou pra mim, “Gunga, não sabe o que tua mãe me disse. Que o sonho dela é que tu deixasse essa capoeira...” Que não entende né. Não entende, tipo assim, ela é minha mãe, ela a... Eu me formei em educação física, fiz isso, fiz o mestrado. Pra ela... Ela não sabe que tudo isso é por causa da capoeira e para a capoeira. Mas... Isso era só... Isso eu entendo bem. Não é só a visão dela, é da sociedade. Então a gente tem essa barreira né. Tem essa dificul... Eu acho que a maior dificuldade é essa. Mas tive meus privilégios né. Que eu falo muito né. Graças a Deus, eu consigo executar um trabalho bom de capoeira, também devido a essa minha formação. E essa minha formação, eu tenho porque eu tive oportunidade lá na base de estudar em uma escola particular, paga pelos meus pais um período, e em outro momento porque eu gostava de esporte, então eu tinha bolsa. Praticava outros esportes para poder ganhar bolsa nas

escolas. É claro, eu não vou dizer que... Eu tive muito esforço, mas tive esse privilégio. Dentro da capoeira, minha pele... Não é tão escura. Então eu sou... O dito que tem cor parda. Que eu não sei que cor é essa, não existe essa cor. E nem raça, raça parda. Eu sou da raça negra, só que a minha cor ela é mais clara. Então, é um privilégio. Queira ou não queira, eu tive mais facilidade de penetrar em alguns espaços, que uma pessoa, de repente, de uma pele mais escura, não teve. Ou teve mais dificuldades. Então, eu sei dos meus privilégios. Sei das dificuldades que eu tive. Que eu tenho e que ainda vou ter né. A gente não para de ter dificuldades. É pensar em como superar e não parar.

ENTREVISTADOR: o senhor consegue enxergar, hoje né, a questão de um “eu” antes e um “eu” depois da capoeira?

PROFESSOR 1: Não... Assim, é difícil eu falar isso. Que eu não me lembro do meu eu antes dos dez anos de idade, ta entendendo? Não tem. Não tem uma formação do meu eu antes da capoeira, não existe. Eu tinha dez anos, então não tinha... Então a capoeira que me formou. Ela me formou. Toda a minha formação foi dentro da capoeira. Mas aí, existem as outras influências. Influência das escolas, influências das universidades, dos colegas que eu tive, dos colegas que eu troquei experiência. Isso eu tô falando fora da capoeira. Porque dentro da capoeira ainda está sendo uma eterna formação. Continuo me formando todo dia dentro da capoeira. Mas o que eu posso falar é que eu não sei como eu seria se eu não tivesse na capoeira. Não sei. Então, não existe, realmente, o eu antes da capoeira e eu depois. Só existe eu na capoeira. É dez anos de idade... Não tem. O que é que eu ia formar... Existe aquela formação inicial familiar, que você vai aprendendo. E aí essa educação dentro de casa, até os dez anos de idade, foi muito importante pra mim. Muito importante. Demais. Uma base muito boa que eu tive de família. Então, isso é uma base de família que eu tive. Nunca vi meus pais brigando, nunca vi algo de grave... Brigando assim, discutindo, claro, a gente vê. Mas nunca vi nada de grave na minha casa, na minha residência. Não tem memórias negativas dos meus pais. Apanhei de pai e mãe? Apanhei. Normal. Principalmente na época, era normal. Porque também me danei muito. Mas é... Em relação à formação antes da capoeira, eu só tenho formação dentro da capoeira.

ENTREVISTADOR: o senhor tinha dito que... o senhor trabalhou na educação física escolar, mas toda vida ia pra educação física escolar, mas também, sempre levava junto a capoeira né. Com relação a essa prática pedagógica do senhor, dentro da educação física

escolar, o senhor acha que a capoeira, que essa trajetória, teve influência nessa questão didática, nessa questão pedagógica que o senhor tinha com a educação física escolar? Até mesmo quando o senhor ia abordar a capoeira dentro dessa educação física...

PROFESSOR 1: eu acho que teve via dupla. Eu lembro quando eu lia algumas abordagens... Eu estudava muito abordagens pedagógicas da educação física escolar. Sempre estudei, não só pra concurso, eu gostava. Cheguei a escrever é... Formatar, fazer planos de aula, com a capoeira, pra vários tipos de abordagem. Então, eu pegava uma abordagem... Eu fiz isso. Eu fiz esse exercício dentro da disciplina de educação física escolar. Eu queria ver, mostrar a diferença. E eu pegava, uma menos progressista, aí dava uma aula. Aí fazia... E ia para escola e dava aula. Mostrava pro aluno. Uma abordagem mais tradicionalista, dava aula com a capoeira disso. “É assim, é assado...” Aí, uma desenvolvimentista, a psicomotricidade, “vamos trabalhar com a capoeira daquele jeito...” Aí ia... De jogos cooperativos, tentava trabalhar capoeira com isso também. Aí começava, critica emancipatória, constru... Construtivista eu trabalhei muito. Fiz muita coisa. Eu dei aula em uma creche escola, que a base dela era construtivista. Teve uma época, em Fortaleza, que era moda o construtivismo. Era moda. E aí, as vezes a pessoa não sabia nem o que era, mas botava lá “construtivista.” E essa creche que eu dava aula de capoeira, ela era construtivista. E eu não dava aula de educação física, era capoeira. E aí, quando eu mandava... Que eles pediam os planos, o planejamento. Aí eu mandava os planos de acordo com o construtivismo que eles queriam. Então, isso eu ganhei muito espaço. Porque a coordenadora, “professor de capoeira dando um plano de aula desse...” Pra tu vê o preconceito né. Eu cheguei a trabalhar numa escola, que éramos dois professores de capoeira em escolas diferentes, e ai era educação infantil e fundamental I. E ai era só capoeira também. Ai a gente tinha que fazer relatório de aprendizagem, plano, planejamento anual, mensal, plano de aula... Tudo isso que o professor de educação física escolar... Ele deveria aprender na universidade. Eu estava cursando o curso de educação física, já tinha um certo grau de habilidade, sempre gostei de escrever. Tive facilidade de escrever. Então, tinha essa facilidade. Já o outro professor de capoeira, ela não teve oportunidade de estudar. Ele não sabia fazer isso. Não sabia. E aí a escola ia criticar ele... Mas só que ele não tinha culpa nisso. Ele fazia o trabalho de capoeira dele muito bem. Mas esse lado pedagógico... Aí a escola cobrava. Então, eu passava o quê? Eu fazia os meus relatórios, os deles, e os planos eram meus. Porque os pais tinham que receber. E aí, as vezes, muitas vezes, o professor de capoeira, que não teve a chance de estudar, ele não sabe nem escrever. Ele sabe demais daquilo ali, da cultura popular, ele sabe dar aula, ele sabe do

desenvolvimento da criança, sabe as fases... Tudo na vivência. Mas ele não vai conseguir passar isso pro papel. Eu fiz muito isso. E outras vezes as coordenadoras copiavam. “Gunga, eu peguei, eu copie e mandei lá para outra sede.” “Vai, vai, vai. Tem problema não.” Então, isso também. Então eu gostava de trabalhar. Aí quando eu pegava uma abordagem dessa, pedagógica, aí eu começava a... “Vish. Eu já fazia isso na capoeira e eu nem sabia.” Então, foi quando eu comecei a... “Opa. Isso aqui eu já fazia. Ah, isso aqui é interessante. Isso aqui dá pra mim fazer. Ah, isso aqui eu já faço...” Por que é que eu digo que eu gostei da crítica superadora? Porque a crítica superadora, ela é uma aula de capoeira assim oh... Perfeita. E aí eu comecei a dar aula. Tanto que, eu gostei tanto da abordagem crítica superadora, que eu fui trabalhar na secretaria de esporte, e fui supervisionar um programa que não tinha nada a ver com escola, pra é... Implementar a abordagem crítica superadora para os professores. A minha missão era essa. Tinham 20 professores de educação física. E aí, eu tinha que ajudar eles a trabalhar com a abordagem crítica superadora. E não era em escola, aí que era complicado. E aí, era isso, eu tinha que estudar muito. Estudei muito. Aquele Coletivo de Autores... De cabo a rabo. Tipo assim, tudo caminha tão pra uma coisa, que na minha prova de mestrado, uma das questões dissertativas era quase que o livro... O objetivo principal do livro, central. Fora outras questões. Então, quando eu peguei, eu “pôr...”. Ali era o que eu já fazia. Então, eu gostava. Tive... A capoeira influenciou. Acho que a capoeira pode influenciar muito as aulas de educação física. E as teorias da educação física escolar, podem também penetrar dentro da capoeira. Proporções a parte, respeitando alguns formatos, alguns fundamentos que a capoeira tem que passar sempre. Então, nem toda abordagem, ela pode tá se inserindo numa aula de capoeira. Porque pode... Você tá indo contra os paradigmas, pelo menos do que eu acredito. Pode ser outro professor de capoeira aqui, que tenha outra visão, e ele vai usar outra abordagem. Mas, pra... Pro que eu acredito de capoeira, tem certas abordagens que... Que não cabe ser utilizado numa aula de capoeira, abordagem da educação física escolar. Então, sempre foi via de mão dupla. Capoeira... Eu sempre... Eu aprendi muito, dentro dos cursos de educação física. Com professores, com livros, estudando com colegas né. Um colega vai dar uma aula de outra... Tudo que... É engraçado. Tudo que eu ia pra educação física, congresso, pra tudo. Aí eu olhava as aulas. Era uma aula de badminton. “Como é que eu faço isso aí na capoeira? O que é que eu tiro isso aí para minha aula de capoeira?” Isso aí é até ruim, sabe. Alguns professores, é... doutores, e tal, meus colegas do mestrado, “Gunga macho, tu vai ficar escrevendo só sobre capoeira é? Ai todo mundo vai resumir a isso... Tu poderia tá ampliando, dando curso disso, daquilo... Tu é bom nisso...” Eu tenho, minhas qualidades pra educação física escolar. Já dei disciplinas em universidades, que falam das abordagens pedagógicas,

metodologia de ensino da educação física escolar. Eu dei algumas disciplinas em universidade porque eu gosto. Mas, como eu me direciono muito para capoeira, aí acaba que... Tipo, “vai ter alguma coisa sobre isso...” Ninguém lembra mesmo de mim. Mas quando tem algo de capoeira, aí lembra. Mas é o que eu queria. Então, eu tive, eu tenho até esse probleminha aí, que o pessoal, “não cara, vamo escrever um artigo disso daqui...” “Aí eu... Não macho. Eu não vou não. Chama outro. Vou escrever sobre isso não.” Que eu acho que, lá no fundo, é ruim pra minha carreira “acadêmica”. Só que depois, ao mesmo tempo eu penso, “eu nunca quis carreira, acadêmica. Eu quis carreira capoeirística.” Eu botei a academia dentro da capoeira. Então eu vou seguindo. Sei que eu poderia... É a mesma coisa, eu poderia ta escolhendo não dar aula de capoeira na escola na escola e escolher outro caminho. Eu dispensei um concurso pra ficar dando aula de capoeira, pra formação de capoeirista. Que é o que eu dou a noite. Eu tava... Eu era o quê? Servidor municipal, e servidor estadual. Ai eu... Eu não vou mentir que as vezes eu me arrependo assim, porque que eu podia conciliar... Mas aí eu fui lá e... “Não. Mas como é que eu vou dar minhas aulas de capoeira a noite? Negativo. Vou dispensar o concurso.” Mas... Pra tu ver o nível que eu sou com capoeira.

ENTREVISTADOR: professor, agora na escola né, o senhor acha que a capoeira pode ser ensinada em todo os componentes do currículo escolar? Ela teria essa possibilidade interdisciplinar, o senhor teria algum exemplo, ou algo parecido...

PROFESSOR 1: deve. Deve... Na verdade, não só pode, como deve. Se a gente pegar a BNCC, ela só coloca para o 6º e 7º ano, a capoeira. Mas se você for ver a questão das lutas, é... Todos os conceitos que ela traz, a BNCC, a capoeira se insere né. Eu não to lembrando bem como ela trata, mas, tipo assim: lutas africanas, lutas brasileiras. Aí tem: de relevância social, relevância regional. Então, tudo a capoeira dá. Além disso, ela pode ser puxada por outras vertentes, como dentro dos PCNs ela já era, já era pro lado das atividades rítmicas também, até da questão da cultura popular. A capoeira, ela é tão ampla. O problema, realmente, é a formação né. A nossa legislação educacional não permite que o mestre da cultura, ele lecionem uma disciplina dentro da educação formal. Educação básica, educação superior, não é permitido. Então isso barra, porque dentro da formação de professores, não se vê capoeira, constantemente, frequentemente, na verdade muito raras vezes é visto. E a capoeira dentro da educação física escolar... Eu sou muito suspeito, porque para mim, a capoeira já devia estar na matriz do currículo da educação brasileira. Fora a educação física escolar. Eu tô falando de algo mais além. Eu vou já voltar para educação física escolar. A

minha concepção é que existisse a capoeira, independente de educação física escolar ou qualquer outra disciplina. “Ah, mas se botar a capoeira, vai ter que botar isso...” Não. Tem não. A capoeira é patrimônio cultural do Brasil. É a única manifestação cultural, desse porte, que é patrimônio e que está no mundo todo. No mundo todo a capoeira está. E ela... A história da capoeira está totalmente atrelada a história do Brasil. Então, dentro da formação da nossa sociedade, está atrelada a história da capoeira. E a história da capoeira é a história do povo negro. Que foi quem construiu a nossa sociedade. Então, a capoeira está atrelada. Então, eu já começo partindo de... Ela já devia estar extra. Dentro da matriz, mas como disciplina mesmo. Mas vamos lá, “ah Gunga, tá querendo demais né.” Tô. Sempre vou querer. Na verdade, eu sempre vou pensar. Só que o meu amadurecimento né, dentro dessa área, penetrando esses dois lados, me fez perceber que, se eu ficasse só nesse meu querer mais, eu não vou conseguir tão cedo. Talvez nunca na minha geração eu veja isso. Então eu tinha que... Tinha que ver como lutar por outros caminhos. E o caminho melhor que eu vi atualmente é educação física escolar. Se há uma formação de professor de educação física escolar nas universidades, que tenha um mínimo de capoeira, ele vai perceber a importância que a capoeira... Outra pesquisa que eu fiz também, foi da... dessa importância da capoeira na prática curricular dos professores de educação física. Foi impressionante o quanto a pesquisa respondeu que eles necessitam, que as crianças gostam. Principalmente na rede pública. Se você for pegar a rede pública, são comunidades. Qual é a briga da educação física, ou da educação brasileira? É fazer com que o estudante ele se identifique com o que está sendo lecionado. Ele tem que criar um vínculo com aquilo que os professores trazem pra ele. E aí ele vai gostar, vai se interessar, e vai estudar mais. Então, o desafio da educação brasileira sempre foi essa. E aí, de repente, um aluno vê um conteúdo que ele tá acostumado a ver, dentro da favela lá, dentro da comunidade. Ele vê todo dia um cara passando com berimbau, negócio no braço, dando aula ali, ele vê ali, “isso é macumba ou não é?... É isso e aquilo...” Ele vê aquilo todo dia. Aí de repente o professor de educação física, “hoje a aula é sobre capoeira.” Aí... “vixe...” Eu cansei de ter esses exemplos. “Tio, tem lá no meu bairro...” Pronto. Começa... O interesse já muda. Aí você não tem nem dificuldade. Pode ser a turma mais danada que for. Se eles se identificam, eles vão gostar. Eles vão fazer atividade, trabalho de casa, vão fazer tudo. Porque eles se identificam com aquilo. Então, eu acho que o maior argumento. Um dos maiores argumentos é isso. A identidade, a identificação com a criança, com o aluno que tá ali naquela escola. Aí, fora isso, vem todos os benefícios... Sociais, que a capoeira traz com ela. Então, a capoeira, até a diversidade dela, as multifaces que ela tem, ela já tá trabalhando essa questão de interagir com qualquer outra disciplina. Qualquer outra disciplina ela vai conseguir. Não só

a capoeira. A gente sabe que a própria educação física escolar, se você tem um bom planejamento, tem uma boa abertura, uma boa visão ali, você consegue interagir com todas as disciplinas. E a capoeira ela é assim. Por isso que eu trago ela à parte da educação física. Até porque a história dela também vai indo junto ali, em paralelo, pegando algumas influências políticas, sociais. Então a capoeira ela consegue em qualquer disciplina. Mas ela por si só, ela já tem um respaldo de estar na escola, quanto mais na educação física escolar. Não digo que dentro da educação física escolar ela tem que ter um espaço maior que outras manifestações. Mas que ela tem que ter o lugar dela assegurado, em cada ano, tem. Além disso, é uma luta contra o preconceito que a gente tem dentro do Brasil. A capoeira traz essa quebra. A luta desse preconceito. Então, é forma de ajudar. É uma forma de trabalhar a lei 10.639. São tantos argumentos em prol da capoeira que... que realmente fica difícil quando alguém vem argumentar que não dá para ter capoeira na educação física escolar.

ENTREVISTADOR: professor, aí... Quando o senhor geralmente aborda né, ensina a capoeira nas aulas de educação física escolar. O senhor falou que se baseia em algumas abordagens e tudo. Mas aí queria saber como é que é a metodologia do senhor, geralmente em quantas aulas o senhor consegue ministrar o tema, se o senhor nota... tem alguma adaptação didática devido a questão das idades, níveis de ensino... Como é que funciona?

PROFESSOR 1: vamos lá. Eu gosto de trabalhar muito nas escolas, essa metodologia de historicidade, criticidade com a capoeira. Quando eu trabalho a capoeira na educação física escolar eu tento, claro que nem sempre eu vou conseguir, mas eu tento deixar o capoeirista um pouco fora. Mas eu vou ter facilidades, claro. Principalmente na parte rítmica, que eu vou tocar instrumento, e isso já chama atenção demais. Então, metodologia que eu utilizo é o que, resumidamente, eu trabalho a história da capoeira, numa visão crítica, no olhar do oprimido, trazendo a ludicidade, principalmente pro ensino fundamental I. Ludicidade, criticidade, historicidade. Eu junto isso tudo. E aí eu vou dividindo, sim. Vou sistematizando. Mas isso varia muito de cada comunidade escolar. Cada professor ele conhece a sua turma. Mas tem... Dá pra você ter essa noção. Eu... Recentemente eu fiz essa sistematização né. De dividir dentro do fundamental I né. Contando a história, e aí vai seguindo até o 5º ano. Tantas aulas... Número de aula x. Aí eu vou trabalhar o quê? Eu vou ampliando a história. Primeiro ciclo, primeiros e segundos anos, é uma criança de 7, 8 anos de idade. Primeira coisa que eu tenho que pensar, e aí é pra qualquer coisa que eu vou ensinar, não só a capoeira. Ai por isso que eu tô falando, a capoeira como conteúdo da educação física escolar. Eu tenho que questionar: O

que é que essa criança precisa saber desse conteúdo? O que é que essa criança consegue entender? Uma visão macro disso tudo. E quais movimentos essas... essa criança consegue fazer e pode ser desenvolvidos? A partir disso daí, eu vou planejar. “Não. A criança de 7, 8 anos de idade, ela tem que, para mim, ela tem que entender que existe capoeira, quem criou a capoeira foram os africanos que estavam escravizados...” Cabô. “E criaram pra eles ficar livres...” Eu vou tentar bolar uma maneira, com jogos, com brincadeira. Aí eu vou trabalhando a questão do simbolismo mesmo. Eles vão jogando, eu vou contando história, e eles vão brincando. Aí eu pego jogos de várias áreas, e brincadeiras populares e tal, e vou colocando. Só que aí eu vou lincando. E ao final das aulas é importante a reflexão e avaliação, no sentido de que pedir sempre algo pra eles falar, desenhar e tal, e eles mentalizar. Uma criança de 7, 8 anos de idade, a concentração deles é na brincadeira. Então eu não posso ficar falando muito. Pra eles em três aulas dessa, com o conteúdo de capoeira, eles conseguem entender, e se alguém perguntar, “mas a capoeira é o que?”, “a capoeira foram os escravizados que criaram aqui no Brasil, e foi pra se libertar.” Cabô. Detalhes, eles vão ter no decorrer dos outros anos. Aí eu vou pro segundo ciclo... Vamos lá, eles já entenderam... Esse bolo aí da história. O que é que eu coloco mais aí? “Rapaz, como é que foi essa viagem? Como é que esses caras chegaram aqui? Como é que essas pessoas chegaram no Brasil pra eles cria... Da onde é que eles tiraram a ideia de criar a capoeira? Eles criaram assim...” Aí não, aí eu vou pensando. Aí eu vou articulando. E aí eles têm que pensar até chegar... Aí entender. Aí eu vou ampliar a história, colocando outras coisas dentro dessa história, que são importantes para eles. Eles já vêm com uma base, daquela historiazinha, bem resumida. Vão ampliar isso. Vão ampliar os movimentos. Vão ampliar a visão crítica, que eles vão entender, “poxa... Eles sofreram viu.” “Pois é... sofria.” E vão chegar no final... Capoeira de novo. Aí eu vou pro fundamental II. Mesma sistemática. Ampliando o que for. E não preciso passar movimentos se eu não sei. Eu posso convidar... Aí chega os momentos de convidar o capoeirista, ou pegar um aluno para mostrar um movimento ou outro, fazer isso... Tem vídeo... Hoje, a gente tem muitos recursos pra se utilizar. Então fica mais fácil o planejamento. Então você pode ir ampliando. Isso... Total. “Ah Gunga, eu peguei já lá 8º ano. Eles nunca viram capoeira. A questão da capoeira lá, que eles não tiveram... no fundamental I.. Não, não tiveram. E aí, como é que eu faço?” Resume tudo lá da educação... do ensino fundamental I, e faz uma brincadeira com eles, do mesmo jeito. Eles vão gostar do mesmo jeito. E você pode ampliar a história e ser mais crítico. Que eles já vão ter a mente um pouco mais... Propícia a discussões um pouco mais críticas e reflexivas. Então, essa metodologia, ela cabe em qualquer... Qualquer ensino. Fundamental I, fundamental II, Ensino médio. Qualquer

nível de ensino, eu acredito que essa metodologia funcione. Já sistematizei pro fundamental I. Tá lá no livro, bem mastigado. Fundamental II e ensino médio, quem sabe, o próximo passo. Pra sistematizar também, não é difícil. É fácil. É sentar, planejar e cair.

ENTREVISTADOR: professor, dentro das aulas, geralmente, o senhor percebe se tem mais participação de meninos ou meninas ou é bem misto, depende da série também...Quando o senhor ministra a capoeira...?

PROFESSOR 1: impressionante... Claro que essa questão da participação... A participação dos alunos na educação física escolar é uma problemática geral. Já começa daí. E aí tem vários fatores né, que influenciam pra essa não participação, de menino, de menina. Tem vários. Como eu trabalho... Trabalhei muito com fundamental I, essa participação... Essa não participação é pouca. É pouca. Principalmente, eu já tive a oportunidade de pegar alunos que eram do 2º, aí eu peguei 2º, 3º, 4º e 5º. Então esses alunos do 5º ano participaram em tudo, de boa. Como eu cheguei já em escola em que eu peguei essa mesma turma, mas aí eu já peguei um quinto ano novo, que não participava... Histórico de não participação. Então, eu já tinha mais problema. Mas, essa metodologia de jogos, que eu trabalho com jogos e brincadeiras com a capoeira nesse conteúdo da educação física escolar, ela atrai, não importa, menino, menina, homem ou mulher, ou o cabra mais velho, mais novo. Quem não quer participar, é porque não quer mesmo. Então é outra coisa que eu falo pra o professor, “não se estressa com isso velho.” Você tem que se estressar quando ninguém quer participar. Aí tá errado. Ou quando você... A pessoa não participa, e tu não tenta uma vez, não tenta saber o que é que tá acontecendo... São muitos fatores. Então, é uma participação total. Eu não tive problema com participação, fora os problemas que já... Que são de lei dentro da educação física escolar.

ENTREVISTADOR: professor, pra finalizar eu ia pedir pro senhor duas coisas. Uma, é que o senhor tentasse... Se o senhor tivesse que definir a capoeira em uma palavra, qual seria? A na outra, se o senhor tivesse que dar um conselho, uma recomendação, pra um estudante ou um professor já formado em educação física licenciatura, a respeito da capoeira, qual seria?

PROFESSOR 1: rapaz, não tem como resumir né. A capoeira em uma palavra não tem. Eu gosto muito... Eu gosto muito da palavra vida. Porque ela simboliza muita coisa. A vida ela... Está viva. Então ela tá sempre... A palavra vida ela... Se você... Se a pessoa fala assim pra ti “pense na sua vida.” Tu pode pensar lá atrás, antes de começar a tua vida, tu pensa. Tu pensa

no início da tua vida. Durante a tua vida. E tu pensa o que vai ser depois da tua vida. E lá no futuro da tua vida ainda. Então a palavra vida ela vai... Isso tudo. Então é um clichê... Pode até dizer assim “ah, capoeira é vida.” Mas eu quero botar vida nesse sentido. Nesse sentido amplo, que a palavra é. Ela simboliza muita coisa. E... Ancestralidade. É você aprender com o passado para poder construir o presente, e vê onde tá no futuro. Então a vida é isso. Então, vida é isso tudo. Quando você tem uma boa reflexão da palavra vida, é isso. Então, não tem como resumir a capoeira em uma palavra. Mas eu gosto da palavra vida. Então vida ela... Pra mim contempla muita coisa. E conselho... Conselho... Eu acho que o professor, na verdade não é nem só em relação a capoeira, eu acho que ele tem que ampliar sempre a visão dele e pensar sempre no aluno. Sempre você tem que pensar é no aluno. O importante nesse processo todo de quem leciona... O mais importante do processo é o aluno. Então, o aluno ele... O professor não pode privar o aluno de... de algum conhecimento. Por isso que eu digo que não é um conselho. Reflita. É o professor refletir se ele priva o aluno de determinado conhecimento. Porque ele vai dizer, “ah, isso é bom. Ah, isso eu sei. Isso eu não sei...” Eu não quero saber se a pessoa sabe, se não sabe. Vai ter que saber. Vai ter que ir atrás, vai ter que buscar. Você não é professor? Não é professora? Então vai ter que buscar. Vá buscar conhecimento. Porque o aluno depende disso. Então não prive o aluno do conhecimento. Porque, no processo de ensino-aprendizagem, o principal sujeito é o aluno. É ele. A gente tá ali, também, que nós temos nossa importância fundamental. Mas o objetivo central sempre vai pro aluno. Então, não privar. O que eu aconselho é, reflita se você vai privar o seu aluno de determinado conhecimento. E aí, qual conhecimento ele tá sendo privado né? Saia da sua zona de conforto. É muito bom... Pra mim, é muito bom se que quisesse chegar lá e dar aula... Só aula de capoeira. Eu sei capoeira minha vida inteira, então eu vou ensinar é capoeira. Eu tô na minha zona de conforto. Se quebrar... “Não. Eu não posso ensinar capoeira aqui. Porque o aluno não vai ser capoeirista...” Então, eu tenho que ter, primeiro, uma maneira de trabalhar a capoeira aqui, que não seja essa que eu dou aula. Já saí da minha zona de conforto... Tenho que pensar como é que eu vou fazer isso. E se eu tô ministrando, e assumi a disciplina de educação física escolar, eu tenho que passar os outros elementos da cultura corporal. Então, eles têm que vivenciar isso tudo. Eu não posso privar o aluno de algum conhecimento. É isso.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: PROFESSOR 2 (DATA 19/03/2021, HORÁRIO: 14:10)

CODINOME: Professor Médio

ENTREVISTADOR: Hoje é dia 19 de março de 2021, às 14:10, vai começar a entrevista para a pesquisa “a capoeira na educação física escolar: vivências e formações que permeiam a práxis pedagógica.” É... Professor eu queria começar pedindo pro senhor falar um pouquinho sobre a sua trajetória de vida e a capoeira, como foi que o senhor começou, como iniciou, se teve alguém que influenciou neste gosto e tudo. E aí o senhor aproveita também pra se apresentar primeiro.

PROFESSOR 2: Boa tarde, saudações a todos que possam vir usufruir também desse momento. Então, eu tive meu primeiro contato com a capoeira, aos 14 anos de idade, na comunidade onde eu moro. Quando eu passei... A gente se mudava... Eu morava em Caucaia e vim pra Fortaleza, pra o Quintino Cunha, bairro Quintino Cunha. A gente tava conhecendo o bairro. Meu pai me chamou, juntamente com meu irmão, pra gente dar uma volta. A gente passou por um ambiente chamado Centro Comunitário. A gente dando uma volta no entorno do Centro Comunitário, é... A gente visualizou alguns rapazes fazendo movimento. E aquilo ali me chamou muito a atenção. Eu tive aí um momento de encantamento com a capoeira. O primeiro momento. Não sabia o que era né. Eu tenho 46 anos de idade né, então tira aí uns 14 anos pra você saber quanto tempo tem... E... Então aquilo ali... A gente não... As vezes as pessoas não compreendem o acesso que nós tínhamos. Hoje, em questão das mídias, internet, se tiver dúvida aqui, eu boto na internet, vou saber tudo né. Naquele tempo não. Eu via aquilo ali, que me chamou atenção. Movimentos corporais, não tavam usando instrumentos, eles tavam só se exercitando né. E depois fiquei sabendo do que era, mas me chamou muita atenção. E depois de uma certa insistência, e de acordo com meu pai e desacordo com minha mãe, eu e meu irmão começamos a frequentar as aulas de capoeira. E foi aí que iniciou as atividades. Comecei juntamente com colegas também. A gente influenciou alguns colegas. E foi bem legal esse início né, apesar de ser muito discriminada a capoeira naquele tempo. Não só por pela questão de ta ligada à cultura afro. Mas principalmente por alguns integrantes, que praticavam capoeira, eles tinham... Eles tinham uma... Como é que posso falar... Eles tinham uma vivência não muito adequada na comunidade. Na questão de... De uso de entorpecentes, de violência. E isso gerava uma crise muito grande, e um temor muito grande da comunidade né. Mas... E eu também não sabia né. Eu vim saber depois que eu tava na atividade, que eu percebia que alguns momentos das aulas, alguns membros sumiam e depois voltavam muito agitados. E aí depois, com um tempo, a gente se aproximou deles assim... Ta ali na roda, ta ali no treino, a gente sentia um cheiro diferente. Isso aí foi muito complicado no início né. Mas graças ao Senhor bom Deus a gente não se envolveu nessa parte. Eu meus amigos e meu

irmão se prendemos muito na questão do aprendizado, da luta né. Era um... Jovens. Não tinham nenhuma liderança com graduação. Eles tinham iniciado a um tempo e tinham sido abandonados por um rapaz lá. E eles permaneceram e foi indo. Aí tinha muitas visitas e a gente foi dando encaminhamento. Então esse foi meu primeiro... Meus dois primeiros anos na capoeira foi basicamente isso. E depois foi seguindo, aí a outra parte da trajetória, que são mais de 33 anos de capoeira né. Mas aí os dois primeiros anos foi basicamente isso. E eu agradeço muito ao meu irmão, que ele entrou junto comigo, mas ele teve uma facilidade muito grande e acabou ali me auxiliando em situações que eu tinha mais dificuldade. Que a gente não tinha um professor, a gente tava lá. Tava lá. O que os caras faziam a gente tentava fazer. Tinha dia que tinha vontade de ministra uma aula, ministrava. Ou então eles ficavam jogados lá... Meu irmão tinha muita facilidade e acabou me auxiliando muito nesses primeiros passos aí na capoeira. Então era basicamente isso a questão...

ENTREVISTADOR: Aí hoje, o senhor enxerga a existência, por exemplo, de um “eu” antes e um “eu” depois da capoeira?

PROFESSOR 2: Como assim Davi?

ENTREVISTADOR: Um “eu” antes... Antes do contato com a capoeira o senhor era uma pessoa e depois do contato o senhor...

PROFESSOR 2: A sim, um “eu” né. Eu ouvi o erro. O erro antes e o erro depois. Com certeza. Eu acho que assim Davi, um dia após o outro agente ta mudando né. E logicamente, a capoeira ela influenciou muito no que eu sou hoje. Tanto profissionalmente como na questão pessoal. E... dependendo aqui a gente vai dando alguns exemplos né. Mas é isso mesmo, existe um Médio antes da capoeira, que talvez... As vezes eu passo... Eu começo a meditar se eu não tivesse ingressado ou se eu tivesse desistido da capoeira. A onde eu estaria? Como é que eu estaria? E.... Como exemplo, eu achei bem interessante, logicamente eu... Falar aqui um exemplo. Uma vez na escola, quando a gente tava na escola, um colega meu chegou disse, “ei Médio, tu tem quantos anos?” Aí eu disse minha idade né. Acho que tinha uns 43 nesse tempo. E ele tinha mais ou menos aquela mesma faixa etária. Disse “oh Médio, tu ta bem e tal.” E eu disse, “porque você não conhece o meu mestre.” Meu mestre, que é o Mestre Pedro, ele tem 60 anos, pesa ali, mais ou menos em 70, 75 quilos. E o cara tá enxuto, é treinando capoeira direto. Eu não tenho mais o tempo, e a disponibilidade física que eu tinha antes,

devido a questão das articulações e o tempo. É cansativo, você já chega com a mente cansada. Mais a atividade física, enfim, tudo ela favorece. E quando você gosta, capoeira exige, você tem que ta treinando. É a coisa, “ah, eu vou correr hoje, tô afim e tal.” “Ah, mas eu não vou correr mais não.” Não tem objetivo. A não ser que você não se coloque como tal. Na capoeira não, você tem que ta bem em toda roda, toda aula. “Amanhã tem roda?” Tem que ta bem. “Semana que vem tem evento.” Tem que ta bem. “Evento...” Tem que ta bem. Então, você tem que ta.... Cotidianamente ali preparado pra.... Pra ta na capoeira. Não é... Não é um jogo de xadrez né. Tem que trabalhar muito o físico. Mas sou realmente... Mudei muito, mudei muito né. Eu adolescente né. E com 14 anos entrei na capoeira. Tinha uma compressão de mundo, me apaixonei pela cultura afro nesse período. Nesse período não, a partir de então né. Comecei a estudar, buscar. E dentro dessa busca, a gente não tinha, como eu falei, não tinha internet, não tinha nada. E a gente... Eu comecei... Tinha alguns alunos lá, tinham... Tinham o disco né do Suassuna. Aqueles primeiros LP. Que ali me fascinou. Poxa um disco de capoeira e tal. A gente escutava, aí a gente colocava em fita, gravava em fita. E aí a gente saiu atrás de livro né. Eu me lembro que nesse tempo eu ia pro centro de Fortaleza, a praça do Ferreira, na praça do José de Alencar e nas demais bancas ali. E ficava rodando atrás, porque me disseram, “oh, eu encontrei um livro, uma revista falando sobre capoeira e tudo né.” Eu observava as informações né. Não só pela questão oral, mas principalmente pela documental, que ia dar mais ênfase na questão do aprendizado. E sai buscando nas livrarias, até em sebos, aquelas livrarias antigas. “Ah, não tem. Não tem. Não tem.” Ai anos depois eu viajei. Nesse tempo eu viajava quase todos os anos lá pra... Pro município onde meus pais nasceram, que é Uruburetama, uma região serrana. É depois ali de Umirim. E lá, a gente lá, rodando, brincando. Uma vez eu fui para cidade, porque ficava no meio mato mesmo, no pé da serra né. Ai um dia eu... A gente foi lá pra feira. Ai na feira lá, eu circulando uma bancazinha, encontrei uma revista de capoeira. “Mas olha só cara. Rodei Fortaleza todinha, ainda não encontrei nada sobre capoeira. Aqui, no interior, que ninguém sabe o que é capoeira, eu encontrei uma revista.” Aí comprei essa revista. E foi minha... Acho que foi minha primeira aquisição a nível de documento. Até hoje ta ali guardada. Eu guardo tudo. De capoeira eu guardo tudo. Desde rabisco... Ta tudo guardado. E foi assim né. Realmente, veio com a capoeira. Percebendo outras dimensões da cultura, da história. E me interessei mais ainda pela questão da história do Brasil, a forma que os escravos, africanos escravizados vieram. Enfim, outra percepção. Eu tava assistindo um filme ontem, dum advogado americano da década de 40, 50, negro, que ele era o único advogado negro. Que ele defendia causas ligadas a pessoas negra que eram inocentes né. E aí eu assisti o filme. Muito bom o filme. E no final, aí tem

sempre uma parte documental, que mostra foto, ações reais dele, do personagem... Do... Da pessoa que foi a inspiração do filme né. Aí eu me emocionei, cheguei a chorar mesmo. Pela questão de tantos maus tratos que foram infringidos a muitas gerações só pela questão da cor. Só porque alguém chegou e disse assim, “não, nós somos melhor do que você. Você precisa nos servir.” E assim, deixa a gente mesmo emocionado não só pela questão do escravo, pela questão da cor negra. Eu acho que o ser humano, quando trata outro ser humano mal, independentemente da cor, isso aí é repugnante. Mas, culturalmente, a gente tem essa parte da história que mostra isso. Que só por ser negro, por ser... Entre aspas, de uma cor inferior, o outro tem que dominar né. Então isso aí fez com que refletisse muito na minha vida durante esse tempo todo. E foi a capoeira. Foi a partir da capoeira, que me trouxe essa percepção né. Foi o primeiro contato com a cultura negra. Primeiro contato com a questão do preconceito, por ser capoeira. Então, começa por aí, começou por aí. Realmente eu sou um antes e outro depois né. E eu ainda continuo sendo. Renovando aí. Ressignificando aí, a cada momento.

ENTREVISTADOR: O senhor tinha falado que teve a questão da ajuda do irmão do senhor, dentro da capoeira, mas dentro dessa questão, desses anos de capoeira né. O senhor teve também outra pessoa ou outra coisa que aconteceu, e que, por exemplo, te auxiliou ou até atrapalhou nesta trajetória?

PROFESSOR 2: Davi, eu acredito assim, eu falei do meu irmão porque ele foi no momento, naquele momento... ele foi bem... ele que fazia berimbal. Ele que cantava. Ele que aprendeu a tocar primeiro. Ele que fazia os movimentos mais interessantes. E tava dentro de casa nera. Então, foi ali que a gente conseguiu... Mas toda as lideranças, instrutores, mestres, alunos. Todos que eu tive o prazer de ter aulas foram bastante significativos né. Agora, se eu for escolher uma pessoa, que eu acho difícil né, escolher uma pessoa, tal né. Tem muitos. Tem muitos. Eu acho que... A primeira pessoa que eu me lembro assim, que eu disse “poxa.” A nível de... Geral da capoeira. Acho que foi o Mestre Camisa sabe. A história do Mestre Camisa, eu disse “meu irmão, tai um objetivo que a gente tem que buscar. É esse cara.” Quando eu ouvi as falas dele, a postura dele, a concepção que ele tem de capoeira. Eu não tô dizendo que os outros não tenham trazido significado, mas quando você aponta essa questão geral né. Vamos supor, meu primeiro professor, meu primeiro mestre, todos eles têm significado, tem uma relevância dentro da minha história. Porque tavam ali presentes. Mas a nível de você perceber o alcance que a capoeira pode possibilitar pra você, foi a partir do Mestre Camisa. “Vish, a capoeira pode ser longe.” Inclusive, eu tinha isso mais ou menos a

uns 25 anos atrás. Eu já ministrava aula de capoeira. E tinha um colega, hoje eu acho que ele é tenente da polícia militar. Até entrou em contato comigo um dia desse. Mas naquele tempo ele era soldado, ele não tinha muito tempo para treinar, a vida militar puxada. E ele era na Abadá né nesse tempo. Ele vivia muito lá, participando por um tempo. E a gente uma vez conversando. E eu falei assim pra ele, a 25 anos atrás né. Aí eu disse, o apelido dele era índio, “Índio, vai chegar o dia que a capoeira vai ser uma profissão e a gente vai ganhar para ministrar aulas de capoeira.” E ele ficou ali, “não sei o quê e tal. Tem preconceito e tudo mais.” “Escute só, vai chegar o dia...” Quando foi uns 15 anos depois, ele me ligou, “É Médio, realmente, tu disse naquele tempo...” Mas aquilo ali já acontecia, a gente não tinha ciência. Já acontecia fora né. Que aqui pro Ceará, Fortaleza, você ser pago pra ministrar aula de capoeira, é uma coisa inédita a 20 anos atrás. Quem é que vai pagar você pra... Hoje a gente... tem até *personal* de capoeira né. Se você ver na internet. Cara oferecendo aula, oferecendo o trabalho. Que é bem interessante. Eu acho que toda forma que divulgar o seu trabalho, de divulgar a cultura da capoeira, e se for uma pessoa correta, que tenha embasamento, que tem realmente estrutura para ministrar uma aula coerente, a capoeira ganha. Independente do grupo. Independente da bandeira. Eu acho que é isso aí. Mas este nível aí que você está falando eu acredito que foi o Mestre Camisa. Bati o conhecimento sobre a vida dele, sobre o que ele fazia, sobre a própria escola Abadá né. Acho que ali eu, “poxa vida. É daí pra melhor. Menos que isso não.”

ENTREVISTADOR: Com relação a formação acadêmica do senhor, o senhor teve contato com a capoeira dentro da formação acadêmica inicial da Educação Física?

PROFESSOR 2: Vou dar o início aqui pela questão da, da minha busca pela formação em educação física. Eu tava na capoeira e eu fui para um evento em Alagoas. E eu era eu... Acho que eu era contra-mestre 2º grau nesse tempo. E era a terceira vez que eu estava em Alagoas já. A primeira vez que eu fui pra lá, era do grupo Muzenza nesse tempo, e eu fui sozinho. Quando cheguei lá, Alagoas, capoeirazona pesada. Eu tava preparado, era mais novo né. Eu cheguei lá, os cara quiseram botar... Né. Jogar pra cima mesmo. E eu por ali, me segurei. Não bati em ninguém, mas também não apanhei. Mas tentaram bater. E quando foi no segundo ano, os cara já me abraçando e tal, beleza, legal. E já foi tranquilo né. O terceiro ano que eu tava lá, desceu o grupo Muzenza, os mais graduados lá de Curitiba, aqui do Nordeste. Tava todo mundo lá. E aí tava lá, uma roda de rua. E nessa roda de rua... Não gosto de chamar roda de rua, mas é uma roda na rua... Acho que tem uma divisão aí, não sei se vai dar tempo a

gente falar. Mas, era uma roda na rua. E os cara começaram a trocar porrada lá né. Jogo muito duro mesmo. E o pessoal... Eu era de fora né, eu fazia parte, era delegação de fora né. Quando entrava na roda os cara metia o pé mesmo. E quando eu entrava, os cara não encostava o pé em mim. E eu entrando também. Os caras revezando. Quando outro entrava, a porrada comia. Aí quando eu entrava, ninguém batia em mim né. Aí eu sai, teve uma hora lá. Ai um colega meu né, não vou citar nomes. “Ei Médio, mete o pé nos cara ai velho. Os cara tão metendo o pé na gente ai, e tu não tá nem encostando nos cara. E o fulano aqui ta mandando tu meter o pé.” Esse cara que tava assim era um mestre já, muito conceituado. Eu olhei assim para ele, pra esse colega. “Cara, já é o terceiro ano que eu tô aqui. E as duas vezes passadas eu vim sozinho, e eu nunca bati em ninguém. Ai agora, que tá vocês aqui, eu vou, meto o pé em vocês. Aí quando eu vier sozinho de novo? O que é que vai ser de mim?” Ai o que que acontece. Um dia de evento, o pessoal de fora meteu o pé em mim num evento, porque eu não meti o pé nos cara lá. Não arrancaram minha cabeça porque não quiseram. Tiveram dó. Mas é um aprendizado que a gente vai tendo. E um destes cara, era professor de Educação Física. Era um mestre, professor de educação física. E o evento, era quatro a cinco dias de evento, nem me lembro mais. Eu sei que no último dia do evento, ele não ia participar. E esse cara se aperreou pra ir embora. E disse assim, “cara, tenho que ir embora. Tenho que ir embora.” Aí eu já tava ali com eles né. “Por que Mestre, o senhor tem que ir embora e tal? A melhor parte do evento é amanhã. A gente já ta aqui, num sei o que...” “Não. Porque amanhã eu vo ter que fazer uma prova pra faculdade tal. Pra ser professor de faculdade.” Cara aquilo ali... Eu acho que era o quê... 98, 99... Aquilo ali mexeu muito com a minha cabeça. Eu só tinha o ensino médio naquele tempo. Que já era muito pra realidade que a gente vivia. E aquilo ali me chamou muito atenção. “Cara, eu tenho que fazer educação física também. Eu tenho que continuar. Tenho que continuar estudando.” Nesse tempo eu trabalhava com capoeira. Pra você ter uma ideia, naquele tempo, que era final da década de 90 e início dos anos 2000, eu trabalhava só com capoeira. E eu ganhava em torno de seis salários mínimos, só ministrando aula com a capoeira. E eu achava aquilo ali muito legal. Eu fazia o que eu gostava, ganhava bem, entre aspas né. Apesar de algumas instituições pagar muito atrasado, dois meses, três meses. Mas quando vinha, vinha tudo junto. Mas aí eu comecei a pensar diferente. “Não. Eu tenho que pensar em algo mais.” Principalmente porque, se tá bom hoje, mas não tinha anteriormente, e pode ficar ruim posteriormente. Então, a educação física passou-se ai... Algo né... Também teve influência da minha esposa, que falou muito comigo sobre isso. “Médio, vai estudar. Vai fazer educação física já que tu gosta de atividade.” Enfim, então, tive também o acompanhamento de um colega meu, que infelizmente não está mais com a gente. Um dos

locais onde eu ministrava aula... o seu Plácido Andrade. Falecido, infelizmente. E ele, como professor de Educação Física, é responsável por todas as atividades no centro comunitário. E já trazendo conversa... No local que eu iniciei eu passei a ministrar aula depois, alguns anos depois né. E mudei, graças ao senhor bom Deus, com todos... A gente mudou o aspecto daquela questão do preconceito contra a capoeira né. Então, eu cheguei a ter mais de 1000 alunos lá. E lotado. A capacidade era ali em 30. A gente sempre teve 40, 50 alunos treinando... Ele falando sobre a questão de atividade física, de alongamento, flexibilidade e psicomotricidade. E aquilo me deixou, me deixava mais curioso né. “Vou realmente atrás dessa formação.” E fui né. Com o tempo que eu fui. Que eu decidi entrar na academia, na universidade. Só tinha educação física na UFC, na UNIFOR, e eu acho que tinha na FIC. Foi logo quando a FIC começou. Nesses três períodos. Nessas três universidades. A UFC eu já tinha tentado 2 vezes, mas era muito difícil. A minha formação foi toda no ensino público né, e não tinha nenhuma orientação. Nem dos professores, nem da família, nem de amigos, para te mostrar o caminho correto de você buscar estudar né. Aí eu era um adolescente ali, estudante, mas ainda tava naquela do... Do menino, do... Pagodinho lá... Eu gosto muito de brincar com essa música... Mas tava naquela situação: “deixa a vida me levar, vida leva eu.” Então eu deixava acontecer. Então faltou orientação e eu não tinha um embasamento, pra concorrer na UFC né. Porque eram poucas vagas. Eu fiz a FIC. A UNIFOR eu não tinha condições de pagar. Eu vi o orçamento lá, era muito alto, não dava pra mim não. Aí eu fiz a FIC, e passei. Passei, mas fiquei nos classificados né. Eram 10 vagas, e eu fiquei em 11º lugar. Aí eu já tinha me preparado. Me preparei com a minha esposa. Eu disse, “oh, eu tenho moto. Eu vou vender a moto. Paga os 6 primeiros meses.” E aí esquece a moto né. A gente só tinha a moto nesse tempo. “E os 6 meses depois a gente vai vendendo ai. Vamo ver no que é que dá.” Ai, antes de vender a moto, abriu o campus da UVA né, Universidade Estadual vale do Acaraú. Abriu um polo em Caucaia. Ai eu, “rapaz, eu vou tentar.” Aí fui, tentei, passei também. E vamos supor, naquele tempo, e eu tô falando em 2004, a mensalidade na FIC era 500 reais por mês. Isso em 2004. Hoje 500 reais já pesa né véi. É meu salário mínimo hoje. Imagine em 2004. E da UVA, se não me falha a memória, era 180 ou 170. Se você pagasse em dias, derrubava ali, ia pra 140, 150. Aí eu disse, “não. Vou pra outra né.” Corri. Aí não precisei vender a moto. Porque aí já se encaixava dentro do orçamento. E continue trabalhando. Mas no meu início, dentro da universidade, eu falava isso muito com meus coordenadores a onde eu trabalhava com a capoeira, era de melhorar a minha compreensão na capoeira, adquirindo conhecimento acadêmico, trazendo aí informações para conduzir melhor minhas atividades. Inicialmente eu entrei na faculdade com esse pensamento. E quando você

chega na universidade, amplia aí seus horizontes. Você consegue perceber uma gama de atividades. E aí já... “Né só a capoeira não. Pera aí. Eu tenho isso, tenho isso, tenho aquilo” Aí eu comecei a ficar mais disperso dessa ideia de focar na capoeira né. Foi então que nós tivemos a disciplina de lutas, até com Heraldo Simões, trabalhava lá nesse tempo. Você deve conhecer. E ele trouxe a oficina de lutas. E ele trouxe... O carro chefe foi caratê, judô e capoeira. E aí pronto. Tinha outros capoeirista comigo, Mestre Otavio, que fez capoeira comigo. Nós ficamos responsável pela capoeira. E dentro dos estudos lá, que nós fizemos, eu percebi que a capoeira ela tem um diferencial, pela sua facilidade de implantação de atividades, a riqueza histórica. Coisa que já sabia, mas quando você começa a alinhar esse pensamento que a capoeira tem, junto com a perspectiva acadêmica, você percebe que isso fortalece muito... Num é que fortaleze. Ele amplia a visão de muitas pessoas com a capoeira. E aquilo ali me retornou ao foco. “Não. É a capoeira mesmo. Eu tenho que trabalhar com a capoeira mesmo.” E a partir daí, eu comecei toda a desenvolver todos os meus trabalhos na faculdade, quando possível, relacionado com a capoeira. O meu artigo foi psicomotricidade e a capoeira. Minha pós-graduação foi os benefícios da capoeira. E se um dia eu chegar no mestrado eu também vou trabalhar nessa vertente aí, que é trabalhar com a capoeira. Mas, basicamente, foi essa parte aí da... Questão da influência da capoeira com a questão da educação física. Primeiro, a capoeira me levou pra educação física. Na educação física, eu deixei a capoeira um pouquinho de lado. E depois eu retornei, com a percepção de focar novamente na capoeira com a educação física. Não diferente, não separadamente, mas focar com a educação física na capoeira.

ENTREVISTADOR: esse contato que o senhor teve dentro da graduação em Educação Física, ele foi uma disciplina? Uma disciplina mesmo do curso, do currículo?

PROFESSOR 2: Foi, disciplina de lutas.

ENTREVISTADOR: Hoje como professor. O senhor acha que, só essa disciplina no caso, seria suficiente pro senhor ta abordando ela dentro da educação física escolar?

PROFESSOR 2: Eu acredito Davi, que nem... Nenhuma disciplina é suficiente para você desempenhar um papel amplo dentro da atividade de lecionar né. Então, ela vai te dar a base, ela vai te dizer, “oh, comece por aqui. O pessoal ta estudando isso aqui. Vamo estudar.” Aí você começa a entender um pouco o assunto. Ela vai te dá a base né. A partir de então, você

vai buscar meios para favorecer suas atividades né. Tudo é intercalado. Tudo é interdisciplinar. Não existe uma disciplina só, que vai fazer com que você... Consiga ali. Mas foi ela que deu a base. E o trabalho que nós fizemos lá em lutas, foi a questão da... Atividades lúdicas na capoeira. E a partir daí, eu desenvolvi várias oficinas, já fui ministrar em vários locais, fez sucesso. O pessoal sempre me chamava para ir né, interessante. Devido a essa disciplina, que eu fui perceber essa riqueza. Que até então eu não fazia. E olha lá que eu já tava com mais de 15 anos ministrando aula né. Aí eu comecei a perceber várias atividades relacionadas à educação física, que poderiam ser feitas na capoeira. Que estavam ligadas aos fundamentos da capoeira. Jogos e brincadeiras, a questão da psicomotricidade, a questão das atividades é... Cooperativas. Enfim, coisas que a capoeira tinha, que a gente sabe que tem. Mas a educação física traz uma visão mais ampla daquelas ações. E te dão possibilidade de diversificar, de você compreender os fundamentos. Então, brincar pelo brincar, a gente já brincava. Mas quando você começa a entender que o brincar, ele vai possibilitar que você possa ter o entendimento da questão de relações, da questão de estratégias, da questão da compreensão do coletivo. Enfim, aí a Educação Física foi que possibilitou essa percepção né. Que até então era a atividade pela atividade.

ENTREVISTADOR: o senhor tinha dito que ela não é né... Só uma disciplina, e no caso nenhuma seria suficiente pra ta abordando um tema dentro da educação física escolar. Teria alguma solução que o senhor vê, como possível, pra sanar a questão desse déficit dentro da formação inicial?

PROFESSOR 2: não, eu vejo... Eu vejo Davi, que isso é normal. Vamos supor aqui. Deixa eu me lembrar aqui. A disciplina de lutas, na universidade, aconteceu uma vez por semana, duas aulas. Eu acho que no máximo dois meses. No máximo né. Então, quando você coloca isso... E vai colocar a... Vamos fazer um peso pra que você possa, a partir de isso aí, fazer as atividades que só ela poderia possibilitar. É muito pouco. É muito pouco. Eu acho que, infelizmente é normal. Vai depender muito de quem ta estudando. Porque aí eu tenho uma base. Eu tô falando da disciplina e não do conteúdo da disciplina. Então, a disciplina em si, ela vai te dar uma base. Ai eu... A partir daquela base, eu vou buscar argumentos, vou ler, vou estudar, vou ver, vou conversar. E vou experimentar. Eu vou fazer uma atividade aqui com essa turma. Não deu certo. Na segunda turma eu já faço outra. E assim vai. Deu certo? Mas eu posso colocar mais porque o tempo foi o suficiente? Sobrou tempo? Enfim, é uma experimentação. Eu acho que depende muito de quem ta conduzindo. De quem vai buscar.

Então, toda disciplina, eu acredito que vai ser insuficiente. Toda disciplina vai ser insuficiente pra que você possa realmente efetuar o serviço. Porque uma coisa Davi, eu acho que você sabe disso, é eu chegar numa sala de aula com 30 crianças, com histórias diferentes, com percepções diferentes, com desejos diferentes, com vontades diferentes, e chegar pra elas e “vamo fazer uma aula de capoeira”. Algumas vão... Enfim, pra você... Aí não é só a disciplina. É a questão psicológica, é a questão da afetividade, é a questão da maneira do professor se comportar né, de aproximação. Enfim, são vários fatores que uma disciplina, ou todas disciplinas, em determinadas situações, elas não vão te dar condições pra você fazer isso. É necessário que você consiga... Vou fazer aqui uma analogia né. É a questão de você cozinhar né. Você vai fazer uma comida, você tem que usar vários temperos. Você faz um arroz, com pouco sal. Tem gente que come, beleza. Mas quando você faz um arroz, bota um sal, você bota outros temperos, você bota uma verdura, você bota... Outros ingredientes e tal, num sei o quê. Vai ser gostoso também. Mas tem um diferencial. E é isso que a gente tem que fazer. Então, não acredito que um dia vai se chegar a ter uma disciplina perfeita pra determinada ação. Mas acredito que cada um de nós tem... Temos que buscar, a partir de uma base de uma disciplina, que pode ser excelente. Por mais excelente que ela seja. Por mais que o professor seja bom. Ela não vai te dar condição né, de você sair dali e ir pra uma sala de aula, pegar 30 crianças, com várias situações diferentes, e você fazer uma excelente aula. É impossível isso. É impossível. Ela vai te dar a base. Ela vai te dar o início. Ela vai te dar as possibilidades. Aí você vai, joga ali na peneira... Você olha pra sua turma, você olha pra sua realidade. Aí você começa a tirar aquilo que não dá pra aquele momento. “Ah, isso aqui não dá pra esse momento. Vo guardar. Isso aqui não funcionou. Vo partir pra aquilo. Vo partir pra outra situação.” E assim vai. É como se fosse.... Fazer aqueles retalhos né. Você vai fazer aquelas cochas de retalho né. Você pega aquele pano e aí, “ah, isso aqui já não dá”, tem que pegar outro. E vai montando, daqui a pouco... Na obra final, você tem uma cocha cheia de retalhos. Mas, perfeita. Um retângulo perfeito. Não sei se você conhece... Essa cocha de retalho. São bonitas né. Minha avó fazia muito. Então, você acaba aí, na parte final. Aí chega à questão dos depoimentos dos alunos. “Professor foi muito massa a aula.” Outros alunos, “professor eu não fiz, me arrependi. Mas era pra eu ter feito.” Acontece muito comigo. Eu chamo os alunos pra determinada proposta né, eles “não. Não vou não.” “Beleza. Tranquilo. Mas saiba, se você não entrar agora, você não entra depois.” Por que? Porque isso, a gente faz o aquecimento, faz o alongamento, aí depois a gente vai brincar. Ai os alunos não querem fazer o alongamento, não querem fazer o aquecimento, mas querem a parte da brincadeira. Aí eu dou um castiguinhozinho, entre aspas, pra eles né. Não seria bem um castigo, mas seria pra

que eles possam refletir. Porque você tem que participar. E participar é do todo, não é daquilo que eu gosto. É daquilo que acontece. Se não, daqui a pouco eu vou resumir a minha aula só em um momento que não vai fazer parte da proposta de entrar uma ação né. E aí, tem muitos alunos, “professor, eu me arrependi. Era pra mim ter feito no começo realmente. Foi muito boa a sua aula né...”, a minha aula não, “a aula foi boa. E na próxima eu faço.” E aí vai né. Ai eu começo a construir aí. Mas, acredito que uma disciplina nunca vai te dar algum embasamento pra você chegar e fazer determinada ação cem por cento. Ela vai te dar a base. Você tem que buscar meios pra conseguir fazer isso aí.

ENTREVISTADOR: da pratica pedagógica do senhor e incluindo também essa trajetória de vida né. O que o senhor aprendeu com a capoeira, o senhor acredita que influenciou na pratica pedagógica do senhor com a educação física escolar? O senhor consegue identificar essa influência, até quando o senhor vai tratar com o tema da capoeira em si?

PROFESSOR 2: pronto. Eu vejo que a capoeira ela possibilita a questão da condução, da liderança, da percepção, do ser professor. De não ser exemplo... Que diz, “você tem que ser igual a mim”, mas diz, “você tem que ser você.” Então, a capoeira me trouxe muito essa percepção. Que eu uso até hoje dentro da sala de aula. Questão da liderança, questão da descontração. Eu aprendi muito na capoeira né, de você se comportar afetivamente com os alunos né. E isso acabou... Favoreceu muito. Favoreceu muito. E devido a capoeira. Que eu sou um cara muito tímido. E eu vim quebrar essa timidez, com a capoeira. Eu comecei a liderar um grupo. Comecei a ter que falar. Comecei a ter que participar de situações de protagonismo. Então não tinha... “Ou faz ou desiste.” E eu gostava muito da capoeira, então não podia desistir. E a capoeira me trouxe isso, e me influenciou muito na questão pedagógica, na questão de ação em sala de aula né. E a questão do... Do lidar com quantidades né. Capoeira é você lidar com quantidades. É você ter ali 30, 40 alunos fazendo uma atividade. Ai quando você chega na sala de aula, você vê aquela mesma atividade né. E de certa forma, é mais favorável. Porque ali ta todo mundo ali. Tem que ficar sentado... e a gente já começa a quebrar. “Não. Vamos mexer, vamos movimentar.” E a gente trabalha com movimento. Como a gente trabalha com movimento, a gente sabe das limitações. E a capoeira favoreceu isso, essa compreensão do todo né. Então, com certeza a capoeira influenciou muito. E influencia ainda hoje na questão pedagógica, a questão da sala de aula e nas atividades também de fora de sala.

ENTREVISTADOR: o senhor acredita que o senhor tem uma facilidade ou alguma dificuldade, quando vai ensinar a capoeira em si, na aula de educação física escolar? O senhor sente isso, ou sentiu também?

PROFESSOR 2: sim. Sim. Com certeza. Com certeza. A experiência que eu fui adquirindo nas atividades, as dificuldades que eu fui tendo, com a capoeira. E quando você traz essa experiência pra escola, você consegue superar muitas percepções. Logicamente, tem um planejamento. Então quando você vai planejar a aula de capoeira na escola, aí você já sabe a limitação. Pode usar instrumento? Não pode, que ta tendo aula né. O que é que você pode fazer? Aí você começa a perceber outras maneiras né. A gente pode bater uma palma. Pode fazer isso, pode fazer aquilo... Pode cantar uma música. Enfim, tudo isso... A capoeira me deu base pra transformar uma aula básica né... Aí também entra muito cuidado. Eu até entro em alguns debates de discussão com alguns colegas da educação física que não compreendem a capoeira a fundo. Ainda tem aquela visão romântica da capoeira né. Aquela visão “ah, o negro inventou a capoeira pra esquecer dos seus problemas. Pra esquecer dos castigos e tal.” Aquela visão poética. Que é linda, que é bonita né. E logicamente pode ter ocorrido né. Então... “Galera é um seguinte. Vocês passam capoeira pros alunos de vocês, mas digam que é luta. Não façam isso em outro lugar, a não ser que seja na escola.” “Não, mas capoeira é isso...” Vai ver uma roda da República meu amigo. Vai ver uma roda na rua meu velho. Vai ver uma roda de batizado. A galera mete o pé meu amigo. Quer saber se você acha bonito, poesia não. É luta. Capoeira é luta. Então, eu tenho muito cuidado com isso quando eu vou ministrar minhas atividades com os meninos, com os alunos na escola. A gente faz a parte lúdica. Eu não retrato muito a parte luta, porque favorece... O que acontece, “ah, mas capoeira é luta?” É. Mas na escola eu gosto de focar a questão lúdica, que ta relacionada com o jogo. Porque... Pra que eles possam compreender a capoeira como luta, é necessário um tempo de convivência, um tempo de atuação na capoeira. Porque um martelo, um golpe da capoeira, você sabe, ou uma meia lua de compasso, ela machuca, ele machuca. Então, você aplicar um movimento desse em uma pessoa por brincadeira, você pode matar. Então, pra que você possa desenvolver isso, é necessário que você tenha convivência. Então eu, hoje, eu ministrando aula normal de capoeira, que eu pego os alunos mais novos. Ai eu começo essa parte lúdica, e aí a gente vai crescendo. “Oh gente, isso aqui machuca, isso aqui pega e pega... E tal e tal.” Até eles terem consciência que eles podem machucar. Mas eles não vão fazer isso, porque eles vão conseguiu dominar o seu corpo, dominar o movimento. Mas pra que eles cheguem nesse nível aí meu amigo, não é duas, três aulazinhas de capoeira não viu. É aula... Você sabe

disso. É muito mais do que isso. E dizer pros alunos, “galera, isso aqui que vocês tão fazendo, é apenas uma base. Não queiram... Ah, eu passei ali... Tô viajando... Passei ali no bairro e tem uma roda de capoeira lá. Ah mais o professor disse que é romântica e tal, não sei o quê. Aí eu vou e entro lá...” Ninguém sabe quem tá na roda não Davi. Ninguém sabe o cara tomou. O cara usou alguma coisa, e tá ali na roda ali, e vem uma pessoa ali. E outra coisa, outra coisa que muitos professores de educação física não compreendem na questão da capoeira, existe um ritual dentro da capoeira, você não vai chegar na roda de qualquer jeito né. Então você tem que saber chegar, você tem que saber sair, você tem que saber permanecer. Aí o aluno não sabe disso? Não dá tempo a gente passar essas particularidades da capoeira na escola. “Galera, o Berimbau quando tá tocando é assim... Quando o caba toca... Faz isso, é isso...” Não dá meu amigo. Ai você... O aluno não sabe disso e pensa que roda é só pegar e jogar? Pode ser mal interpretado, e pode ser mal compreendido e ser machucado. Eu ministrei aula, uma aula no ensino médio. Ai, os alunos lá, e no dia... Aí teve no final da aula, a gente conseguiu montar uma apresentação. Veio uns colegas meus, lá do bairro lá, onde eu ministrava a aula. E a gente foi fazer um jogo né. E a gente já tinha conversado. Eu tinha uma aluna, nessa roda, nessa turma, que ela era capoeirista. Três, quatro anos de capoeira, ela era muito enfática, luta, luta, beleza... Ela já compra em si... E na oficina de capoeira, nessa oficina... Que aí no caso eu ficava com o pandeiro ou com o berimbau, porque tocava lá e tal. E ela metia o pé nos meninos né, os meninos não sabiam fazer nada, e levantava o pé e ela pá, pá, pá... “Calma, não faça isso, aqui é só uma amostra. Eles não são capoeiristas, eles estão vivenciando...” E ela insistindo né. Tudo bem. Aí eu tentando falar com ela, mesmo assim continuei falando e ela... E ela sem ouvir né. Toda oportunidade que ela tinha de maltratar, entre aspas né, de desequilibrar, de se dar bem na frente de um dos amigos dela, ela fazia né. No dia do... No último dia da atividade, aí até outros alunos foram, foi até uma apresentação para o colégio todo. E jogando lá, eu jogando lá, com o rapaz lá, que tava lá. Aí ela vai, pá, compra comigo. E eu na minha né. Aí eu jogando... Ação, pá, pá, pá... Eu solto uma meia lua de frente lá. Aí ela marca... Não, ela me dá uma rasteira. Só que ela não conseguiu me derrubar, eu me desequilibrei. Ai eu, “poxa vida, mas com tanto né...” Primeiro eu tava ali, na apresentação, criança, e tal... Não precisava né. Mas ela mesmo assim me deu uma rasteira. E eu “poxa vida, como é que eu faço?” Aí eu... Né, desequilibrei. Aí fui ali, dei uma gingada pra cá. Aí quando ela fez o movimento, aí eu entrei assim né... A minha melhor técnica... Acho que foi uma vingativa. Eu entrei. E quando entrei, ela... Ai eu peguei e saí... Ai ela... *ishh*. Se assustou. Porque ela conhecia o movimento. Aí saí. Aí comecei a rir pra ela, e dei a mão e tal né. Mas pra mostrar pra ela que não é necessário. Não é necessário a gente bater no outro, não

é necessário a gente querer ser superior ao outro. A gente tá ali, pra jogar. Muitas vezes... Eu tenho uma turma agora, que é a turma dos veteranos da capoeira, que são meus primeiros alunos de trinta anos atrás, que são pais, avôs. Que vão para se sentir bem, pra fazer uma atividade física, para brincar. Eu passo movimentos que tentam ofender o mínimo possível as articulações deles. A gente tá ali pra se divertir, pra ter um momento né. Então é outra percepção, é outra visão né. Então, tem uns alunos que querem mais firmeza? Tem o outro horário. Tem alunos que querem estar ali presentes por causa que gosta da musicalidade, da roda e tal, enfim... Existem múltiplas possibilidades de atuação na capoeira. E a escola, eu gosto de trabalhar esse foco mais lúdico. Esse foco de compreensão genérica ou geral da capoeira, porque não dá tempo né. O aluno alí... No máximo são quatro aulas. No máximo, no máximo. E isso eu estou contando com a aula em sala de aula, que é a explicação histórica, levantamento, é a questão de instrumento, e umas duas aulas práticas né. Então, é no máximo isso. Então, em quatro aulas, você passar um conhecimento, é, é... Que o menino possa compreender. E isso menino de sexto, sétimo, oitavo, nono ano né. Pré-adolescente e adolescente. Então, são coisas que... Não dá tempo você entender. Mas é isso...

ENTREVISTADOR: Dentro da escola, assim, o senhor acha que ela pode ser ensinada em todos os componentes do currículo escolar? O senhor hoje vê essas possibilidades, dela como conteúdo interdisciplinar? O senhor tem algum exemplo?

PROFESSOR 2: Deixa, eu ver... Eu fiz um trabalho uma vez. Não fiz o trabalho. Eu ouvi falar desse trabalho, e aguçou minha curiosidade. Que seriam a... Do Gardner né... As múltiplas possibilidades de aprendizado né. Aí tem a questão matemática, tem a questão de localização, enfim... E eu percebi, isso em relação a capoeira, eu percebi que dá pra fazer. Dá... Toda disciplina dá pra você contextualizar a questão da capoeira né. E... É interessante... Aí entra várias possibilidades. Questão de relevo geográfico né, é interessante uma história... Logicamente, uma história que foi passada oralmente, não posso afirmar se é real... Mas uma das situações que inicialmente os africanos escravizados, ao chegarem no nosso... Nosso continente, eles não fugiam e entravam na mata era devido o medo de ter animais que eles já conheciam na África, que era aberta. Como os leões, os grandes felinos, aí tem outros animais. E aí diz assim, “se aqui, se acomodavam, tinha esses animais... Imagine aqui que essa mata é toda fechada né”. Enfim, aí tem as questões geográficas, questão histórica, questão matemática, que são as posições né, os ângulos. A questão da ginga, que é em X ou em V, dependendo aí da sua compreensão. A questão do ângulo em corpo, dá para trabalhar.

A questão artística, musical né, a da confecção. A questão ambiental né que... Muito relacionado é... Na questão geral né, a... A questão da confecção dos instrumentos, musicalidade, a... Enfim, a questão da escrita né, a questão de você escrever, compor música. É legal a questão da leitura né. Enfim, acredito que sim, dá pra fazer em outras disciplinas, em momentos diferentes ou em situações simultâneas, em que você possa incorporar interdisciplinarmente toda a escola dentro do projeto com a capoeira. Agora, isso é... De certa forma... Muito difícil de acontecer, por vários motivos. Primeiro ele... Existe, os professores que querem fazer um trabalho interessante, e outros professores, “deixa a vida me levar, vida leva...” Aí é complicado né. Você não vai perder tempo convencendo aquele que já tá convencido que não vai fazer mais do que acha que deve ser feito. Então isso dá muito trabalho, você quebra muito neurônio e tal, não sei o quê. Mas o resultado é fantástico. Porque quando você começa a compreender que na educação, que você não tá trabalhando pra si, mas para o outro, com o outro... é diferente. É diferente. Então quando você ajuda... A melhor coisa Davi, que a gente tem como resultado, que é difícil a gente mensurar isso, é quando um ex aluno da gente, independente se é da capoeira ou da escola, chega pra gente depois de vários anos, depois de mãe de família, pai de família né... Depois da sua vida constituída. E as vezes fala assim “professor... É... Aquele tempo que nós tivemos com a capoeira, ou que eu estive em sala de aula com o senhor, fez diferença na minha vida”. Cara, isso aí já apaga tudo que você já teve de ruim na educação, dentro do ensinamento sabe. E aí tem vários exemplos, vários exemplos que eu poderia citar pra você sobre isso. Mas eu vou citar um aqui muito forte. Um da capoeira. Festa do dia das mães, que juntou ai os ex alunos e a suas mães e tal né. E alunos aí com mais de trinta anos de estrada. Ai a gente foi fazer uma foto com as mães, os alunos tudo já homens ou mulheres, e as mães, e eu tava no meio né, como professor deles, professor deles e tal. E uma mãe, na hora da foto lá né, não tinha muito tempo pra conversar, era muita gente, tal. Aí uma mãe chegou, bateu nas minhas costas né, o filho dela hoje tem mais ou menos uns trinta anos hoje né, e no tempo que treinava com a gente era doze, treze, quatorze, quinze anos. Ele deu muito trabalho. Deu muito trabalho mesmo. E ela chegou, bateu nas minhas costas e disse assim... Ela me chamou de Médio né. “Médio, nós conseguimos”. Ai, eu olhei assim pra ela, olhei para o filho dela né, trabalhador, constituiu família e tal, sei quê. Cara, aquilo ali me emocionou muito bicho. Ela bateu nas minhas costas e disse “nós conseguimos”, né. Então aquele adolescente ali, teve momentos que foi luta da família. E ela reconhece naquela fala que a capoeira contribuiu para que ele tivesse uma vida melhor. Cara, isso ai... Sabe... Outro foi a alguns anos atrás, um ex aluno, que hoje tá na faculdade, na UFC, fazendo letras né. E ele foi lá na escola, entrou na sala de aula lá. A gente

já tava tudo reunido já. Tinha passado na UFC, disse assim, “oh...” E ele é... nono ano né. Ele era aluno só o fundamental II, ele tinha passado o ensino médio fora, daí ele foi para a universidade. Ele disse assim, “o que eu vivi com vocês...” Aí falando dos professores que tavam em sala de aula né, comigo, com o professor de inglês, geografia lá e tal. “O que eu vivi com vocês foi fundamental para eu chegar na universidade”. Tu é doido cara, isso aí... Não tem dinheiro que pague. Você contribui positivamente. Também tem contribuições negativas, também a gente... Né. E o que a gente fica sabendo que é bom, não tem preço né. Então, eu acredito sim que a capoeira pode interferir interdisciplinarmente na... com todas as disciplinas. Mas existe aí necessidade de, da gente ter muito diálogo, muita disposição, apoio e muita boa vontade, porque sem isso não dá não.

[PAUSA SOLICITADA PELO PROFESSOR – 20 segundos]

PROFESSOR 2: Sigamos...

ENTREVISTADOR: Opa. Pronto professor. Eu queria saber, qual seria a relevância da capoeira como conteúdo da educação física escolar.

PROFESSOR 2: A capoeira atualmente está vinculada a questão das lutas na educação, na escola. Eu vejo que a contribuição dela... Ela tem um diferencial porque ela é a nossa história. Ela vai favorecer uma compreensão da nossa realidade. A partir do conhecimento dos nossos antepassados, da construção que nos entendemos hoje como nação... E pelo uma persistência na questão de uma resistência. Então a capoeira nasceu como luta, permanece como luta, mas hoje ela ainda tem essa perspectiva de luta. Não luta corporal, mas sim luta pela desigualdade, pela questão... Das injustiças. Injustiças né. Então, quando você compreende que a luta, que a capoeira nasceu como luta, pra que... Os escravos aí pudessem ter uma maneira de... Ao fugir, ou de se desvencilhar de determinadas situações, ter o corpo como arma. Hoje em dia a gente percebe também que tem que continuar lutando. Porque as injustiças continuam né, as formas como você compreende... Uma vez eu estava num evento e eu achei muito interessante, e o Mestre estava lá né, renomado e tudo, e ele disse assim, “a capoeira, ela tem que ocupar espaços da elite. Ela tem que ir pro shopping, pros clubes e tal.” E aí eu disse, eu falei, “é verdade, ela tem que conquistar outros espaços. Mas também, a elite”, falando dos capoeiras de elite, do capoeira de outro nível, “ele também tem que ir lá na favela, ele tem que ir lá no subúrbio e também ver a realidade. Porque é um caminho duplo.” Então, essa realidade que a

capoeira tem, ela favorece muito no seu ensino, na compreensão da nossa realidade né. As outras lutas também são importantes, Karatê, Jiu jitsu, judô. Tem histórias legais, filosofias de vida, belíssimas. Mas a capoeira é a nossa história, somos nós, nós vamos contar a nossa história, dos nossos antepassados, a forma como eles lutaram. Enfim, é mais perto né? “É de nós”, como a gente fala aqui, “é de nós. É de nós!” Então, isso aí meche muito comigo. Eu gosto muito das outras lutas, das filosofias. Assisto... Aqueles, a questão... Principalmente do Japão, os samurais e tal. São fascinantes né. Ai eu tava assistindo até um documentário, aí eu vi que também não é essas coisas belas não viu. Tem umas coisas bem pesadas, sabe. E eu vejo assim... Uma vez eu tava num evento viu Davi, ai rolou, isso de um grupo só, mesmo grupo. Rolou um jogo lá, rolou um... Uma desavença entre o próprio grupo. Os caras metendo o pé, o pessoal... O pessoal que era de fora ficou... né. E o pessoal do mesmo grupo ficou... *Pou, pou...* Eu, “vish cara, caramba...” Aí eu “vish, eu tenho que falar, eu tenho que falar alguma coisa né” Aí tenta falar tal, tal... Tinha representante... Nesse dia tava representante da cultura negra de Fortaleza, do Ceará... Um cara desse aí. Aí eu, “tenho que falar...” Terminou ali, pessoal se segurou. Pais com crianças, pegando aqui no colo e saindo cara. Eu “bicho, eu não posso deixar aí... Eles têm que saber que... O que é que eu vou falar também?” Eu não tava preparado para falar né. Eu sou evangélico né. Eu pedi a Deus, “Deus, me orienta aqui... Será que tem uma palavra que...” Num, num... Não dá pra voltar atrás, mas pelo menos dá outra percepção né. Eu sei que aí, me deram o microfone lá. Aliás eu era um dos mais graduados no evento, e solicitei a palavra e me deram. Graças a Deus. Dentro da minha fala lá, foi um pouco extensa, mas vou resumir uma parte que eu disse lá. Aí eu disse assim, “quantos de vocês, capoeiristas e não capoeiristas que estão aqui, ouviram falar num escravo lutando contra outro escravo?” Aí eu deixei isso no ar né. “Então porque é que hoje capoeira tem que lutar contra capoeira?” Eu deixei isso no ar, e isso aí chamou a atenção de muita gente. Tem inclusive esse rapaz lá, que é membro das atividades afro-brasileiras e tal. Depois ele veio... Foi se informar né, de quem eu era e tal, num sei o quê. Depois me disseram isso. Pois justamente isso, a questão né... Da, dessa questão social, que a capoeira traz essa história. Que é muito mais fácil você trazer pra realidade dos meninos. Até mesmo a facilidade. Hoje a gente vê, vamos supor, eu posso ministrar aula de jiu-jitsu na escola? Posso. Mas trazer isso pra um fundamento do jiu-jitsu já é mais difícil né. E a capoeira é mais fácil. “Ah eu tenho que ter um tatame. Eu tenho que ter um... E tal.” Se você quiser chegar até a aula propriamente dita do jiu-jitsu, com certeza. Mas dá para você fazer outras coisas do Jiu Jitsu sem precisar de tatame, sem precisar do quimono. Mas a capoeira cara, ela nasceu com o corpo e... Quase seminu. O corpo seminu. Então, se hoje eu faço uma aula de capoeira, ai o

cara diz, “não, tem que fazer aula de capoeira...”. Porque tem gente viu Davi. Diz assim, “não... abadá, tem que ter a corda, tem que ter a camisa...” Cara... Aí o cara diz, “ta nos fundamentos...” Fundamento da senzala cara? Na senzala tinha isso? Quando o escravo ia pra rua, ele tinha abadá? Ele tinha camisa? Não existe isso cara, fundamento da capoeira... Você quer estudar fundamento da capoeira? Você vai começar a estudar pela África, pelos costumes africanos, pelas lutas que eles viviam lá e como aquela cultura veio se transformar através do Atlântico para se tornar o que nós compreendemos como capoeira. Fundamento da capoeira tá aí. Não é em 1930, não é 1920, não é com o fim da escravidão. O fundamento da capoeira começa na África, tá entendendo. Aí quando você pensa em África, você não tá pensando só de 500 anos não, você tá pensando aí de 3.000 anos no mínimo, culturalmente. Então, enfim é... Eu to falando demais né Davi, desculpa aí...

ENTREVISTADOR: Nada professor, o intuito é esse mesmo. Não tem isso não. O senhor tinha falado que a... Falou um pouquinho da abordagem do senhor com a capoeira dentro da, das aulas né, dentro da educação física escolar. Aí queria perguntar ao senhor se tem alguma diferença considerando a questão dos níveis de ensino e com relação a participação, se o senhor percebe que participam mais meninos ou meninas...

PROFESSOR 2: Davi, depende... É... Eu acho assim, o sexto ano, o que você propor para eles, quase que noventa por cento eles abraçam. Sexto ano né. Então, aí... Depende muito também. Depende muito do professor também né, a forma... Mas assim, noventa por cento dos alunos abraçam. Sexto ano é a turma... É a turma experimental, que você faz quase tudo né. Aí sétimo ano já dá uma queda, já vai ali para setenta e cinco por cento da turma. Oitavo ano, cai mais ainda, vai aí para quarenta e cinco por cento, cinquenta por cento. Nono ano, só vinte por cento né. Que já tão ali adolescente, tudo né... Os meninos só quer jogar bola, as meninas já não quer mais fazer mais nada porque já tão maquiada, porque não querem... sabe. Enfim, então eu acredito que o sexto ano é a turma que você consegue trabalhar melhor qualquer atividade. Isso, lógico, também depende do professor né. E as demais você tem que continuar conquistando. Então, quando você tiver o privilégio de ta numa escola só, onde você é o professor do sexto ao nono ano, isso é bom e pode ser ruim. Primeiro, vamos supor... No meu caso, eu vou fala... Eu vou dizer algo particular. Segundo a minha coordenadora, os alunos que são da escola que são do terceiro ao quinto ano né. Que eu sou... Eu só ministro aula do sexto ao nono. Segundo a minha coordenadora, esses alunos não vem o dia de chegar no sexto ano para fazer aula comigo, para ter aula comigo né. Digo, “é mesmo é?” “É Médio, tu

é doido. É uma expectativa grande porque eles veem a tuas aulas”. Eles têm aulas também de recreação né, mas diferenciado. “E eles são doidos para ter aula contigo”. Tudo bem. Aí quando você pega o sexto ano, e o sétimo, e todos eles, de certa forma, eles veem as aulas dos outros né. Então quando eu pego uma aula no sexto, e faço essa aula no sexto, sétimo, oitavo e nono, meu amigo, acabou atrativo. Você tem que ter aulas diferentes, mesmo que o conteúdo seja o mesmo, que não é necessário que seja. Mas aulas diferenciadas pra que cada momento eles percebam que vai ter um aprendizado diferente, vai ter uma percepção diferente né. Então, dá para se fazer com um mesmo conteúdo, mas você tem que ter perspectiva diferente em cada momento. A compreensão do aluno do sexto ano é diferente, lógico você sabe disso, psicologicamente, tudo, do nono ano. Então, como você vai tratar esse aluno com o conteúdo, como você vai conquistar... Porque você pode ser autoritário, e você pode usar de autoridade, ou você pode influenciar né. Autoritário, “todo mundo vai ter que fazer e acabou-se”. Autoridade, “galera, eu sou o professor aqui e vocês tem que seguir minha condução”. Eu tô assumindo a hierarquia. E Influenciar, “galera, vocês já ouviram falar sobre determinado assunto? Vocês já estudaram, vocês já viram isso? Como é que é?” E começa a trazer aí percepções né, para que eles comecem a ter interesse também. “Professor o que é o assunto...?”. “Olhe no seu celular.” “Eu posso olhar o celular?” “Pode. Mas depois você tem que fazer também...” Então, você vai conquistando, você vai influenciando. Então, depende muito do professor, depende muito da condução do professor. É muito difícil, é muito difícil. Mas como eu te falei, você pega uma turma com trinta alunos. Cada aluno é... Tá mal em casa... A mãe não gosta... Não deixa você fazer as coisas... Você dorme num quarto com quinze pessoas junto. Enfim cara, realidades diferentes. É muito difícil, é muito difícil. Mas tem essa diferença na forma de tratamento.

ENTREVISTADOR: tem alguma adaptação que o senhor faça? Por exemplo, o senhor... Com relação a... Questão maturacional dos meninos né, com relação a tudo isso. Tem alguma adaptação que o senhor faz, por exemplo para tratar o conteúdo de uma forma diferente ou coisa parecida?

PROFESSOR 2: pronto. Na capoeira, na capoeira no sexto ano eu trabalho muito o lúdico né, muito o lúdico. No sétimo ano, ele continua ainda no lúdico e tudo né, e a gente trabalha. Já no oitavo e o nono eu já tenho que trabalhar o jogo da capoeira. O lúdico acontece, mas em menos proporção, e eles já querem... “Não, quero ir...”, mei... “Ir pra roda, eu quero... Levantar o pé... E outros...” Aí, tá entendendo? Aí você vai balanceando isso aí né. Então

sexto ano e sétimo ano bem lúdico, bem... E tal, bem simbólico. E bem instrumental, bem musicalidade. Já no oitavo e nono tem essa parte lúdica, tem essa parte simbólica, menos, mas já tem atuação. Já é o nome do movimento, esquivas e exemplo mais enfático, “oh, o movimento é esse. Se bater é assim. Esse aqui derruba. Esse aqui...” Tá entendendo... Aí tem que ter essa diferenciação pela compreensão dos alunos, se não, não... Não rola não.

ENTREVISTADOR: o senhor relaciona, hoje, o ensino da capoeira né, dentro da educação física escolar com alguma legislação, algum documento curricular orientador?

PROFESSOR 2: cara, nós temos um projeto em Maracanaú, que é o... Eu esqueci o nome agora. Mas nós temos um projeto que é baseado na questão da lei né. Da lei do incentivo a questão... É porque eu, eu não sei exatamente o número da lei e tal, essas coisas, eu não me ligo muito nisso entendeu. Tá lá escrito, quando precisar eu vou lá e leio e sei dizer entendeu? Mas pelo incentivo à cultura afro-brasileira na educação... Aí tem a lei que favorece o... Maracanaú ele tem um projeto anual. Que é o Afro-Arte. Afro-Arte. Que no final do ano, se apresenta várias atividades. Eu não me apropriei muito desse projeto. Normalmente quem atua nesse projeto é professor de história né. E aí, a gente dá um auxílio e tal. Mas eu tenho a pretensão de me apropriar desse projeto pra iniciar né... No começo do ano letivo. Pra chegar no final do ano e fazer uma mega apresentação. Porque o Afro-Arte acontece assim atualmente, em quase todas as unidades que é de Maracanaú, por exemplo. O Afro-Arte acontece em novembro, quando é no final de setembro aí eles lançam o projeto. E aí articulam as... Os professores pra fazer alguma coisa. Aí o professor tem ali um mês, quinze dias pra... Fazer uma pinturazinha, um textozinho. “Quem foram os afrodescendentes mais influenciadores?...” Aí faz aquilo... pra não deixar passar. Aquela... Então a questão do inglês... Pro inglês ver né. Minha pretensão, é fazer algo que eu ensino no começo do ano com a questão histórica, da valorização, da compreensão, dos fundamentos. Aí tem a dança guerreira, tem o maculelê, tem o samba de roda. Tem... Tem a questão da própria capoeira né. Aí quando eu conseguir fazer algo parecido com isso né... E isso, isso assim, é... Tá na lei, e a lei é obrigação. Mas você não vai receber um centavo pra implementar, pra fazer aplicação disso daí não. Isso daí é por vontade sua e seu bolso. É do seu bolso né. Aí você chega no final do ano, junto com essas... Com essas, com esses arranjos que são feitos, e você consegue fazer alguma coisa bem interessante. Bem interessante né. Mas aí depende muito, como eu te falei, dá conquista, se você tá numa escola a muito tempo, e você tem envolvimento, e você conseguir mobilizar os alunos. Porque não pode ser diretamente na aula de Educação Física.

Porque você tem 30 alunos, 10 vão querer dançar né, aí vão dançar durante o ano todinho né. Aí você tem que partir, um exemplo, você começa a valorizar a questão da cultura afro no primeiro bimestre. Aí você colocou a... Colocou ali a semente. Aí você percebeu que teve alguns alunos que tiveram interesse. Aí você começa a desenvolver um projeto na escola, com esses alunos, fora da... Da aula, da educação física, mas ligada disciplina de educação física e as demais disciplinas né. Aí você desenvolve até onde é que você pode chegar né, é isso... Mas... Mas é por obrigação. E eu vejo assim: tudo que é feito por obrigação, ela não tem um real... Uma real motivação. Então, a partir do momento né... Que você não tem obrigação e você faz. Aí não, aí é porque você quer fazer, porque você gosta de fazer, porque você acredita que é necessário fazer né. Então... Exemplo, eu não tenho obrigação nenhuma de fazer esse projeto do jeito que eu te falei. Pegar no começo do ano e tal né. Mas eu quero fazer isso porque eu acredito que vai ser bem melhor no final do ano, quando eu chegar dessa forma. Não tenho obrigação de fazer isso. Não sou o professor responsável por fazer isso. Mas eu gostaria de fazer. Por ... Valorizar a cultura afro. E também, para dar... Uma nova percepção... Pra que os alunos tenham uma nova percepção de amplitude da questão da cultural afro né. Mas existe a lei, e a lei, ela obriga né. E enquanto ela obrigar, eu acredito que não é interessante. A gente tem que fazer por achar que é interessante.

ENTREVISTADOR: dentro desses documentos né, orientadores dos currículos, é... da educação física escolar. A respeito da capoeira, o senhor acha que falta alguma coisa?

PROFESSOR 2: Sim. Falta. Falta. Capoeira falta. Nós temos... Exemplo, eu... Eu tenho um sonho, não sei se vai acontecer. Eu também não estudei não, eu num fui atrás de... Buscar embasamento. Isso aí pode ser até um estudo futuro. Mas, já... Já ouvi algumas reportagens, algumas situações. E na China, o kung-fu é uma disciplina né. Então é uma disciplina. Então como é que isso funciona? É para todo mundo? Como é... Aí eu não fui estudar não... Eu tenho que ir atrás disso aí. Mas o meu sonho, é ter, não necessariamente uma disciplina, porque ninguém é obrigado a fazer a capoeira né. Gostar... Mas que, em cada escola ou cada eixo de escola, tenha a capoeira disponibilizada pra aqueles que querem fazer, de uma forma... Não do grupo. Mas de uma forma direcionada ao aprendizado geral da capoeira, de valorização da capoeira, da questão documental, de movimentos. Enfim... De uma forma é... Mais, mais enfática mesmo né. Porque assim, hoje em dia, você vai treinar capoeira porque você gosta né. Ninguém te obriga a treinar capoeira. Então, a escola, a educação, ela tinha que ter esse conhecimento, porque é como eu te falei: é nós. Somos nós. É a nossa história. É o

que nós temos que valorizar. Então, deveria ter né. Aí eu tenho esse sonho né, que um dia... Chegue uma situação... Aí é uma obrigação. Seria uma obrigação né. Seria uma obrigação. Pra você ter um exemplo. A parte... Só pra eu dar um exemplo. A questão da Educação Física... A educação física à noite, ela existe no currículo, mas não é obrigatória. “Ah então... Ah não é obrigatório? Então tira o professor. Não é obrigatória.” Mas seria... Pra ter um professor, deveria ser obrigatória, ia ser um benefício? Aí sim, aí eu concordo né. Porque aí... Porque o profe... O pessoal. Infelizmente, o pessoal tem a compreensão, e infelizmente também era assim, e se entendia a educação física só como movimento. Só existe a educação física com movimento. E não é. É muito além do movimento. Não é que seja só o movimento ou que seja menos o movimento. É além do movimento corporal. Então a capoeira ela, ela se encaixa nisso aí. “Ah, mas... Fica difícil porque os profissionais é...” É realmente fica muito difícil. Mas é uma escalada. É um caminho né. Então já pensou que, determinada região, tivesse um polo de capoeira dentro da escola, direcionado aos alunos da escola ou a comunidade, ou a todo mundo junto. De valorização da escola com uma metodologia determinada. Com... É... Logicamente, por pessoas especializadas na capoeira. De uma forma de aprendizagem que é diferente. Vamos supor... Tem determinados grupos que tem mestres ou alunos que chegam a mestre, que os conhecimentos que ele tem da capoeira foi que ele foi atrás. Ele que correu atrás. Ele que foi né... E eu acredito não... Que nós que estamos na capoeira, nós temos que possibilitar esse conhecimento pro nosso aluno que tá começando. Eu tenho que ter um material pra eu passar pro aluno. Começou a treinar capoeira? A história da capoeira. “Isso aqui ó... Como foi que o... Os africanos escravizados foram capturados e vieram pro Brasil? Começa aqui, a primeira...” “Não mas, me interessa isso aí não...” “Olha, eu vou cobrar esse conhecimento de você. Você não vai receber... Não quer corda? Eu vou cobrar esse conhecimento e você.” “Ah, então vou ter que ler.” “É, vai ter que ler...” Enfim, pra não ficar esse negócio de só pernada, só pernada, só pernada. O cara joga, o cara só falta parar no ar. Mas na hora de falar sobre a questão da capoeira... “Ah, a capoeira é legal.” “Mas fala aí... Fala aí da capoeira... Fale da capoeira...” “Ah, a capoeira é muito bom...” “Não, mas assim, como foi que ela surgiu, como foi o processo...?” “Não, os caras vieram de navio...” Cara quando eu parei pra estudar. Quando eu... A alguns anos atrás. Quando eu parei pra estudar sobre a capoeira né. Que quando eu vi que eles eram capturados, que eles eram transportados em navios né, pelo Atlântico. E eu fui buscar por qual motivo eles eram capturados. Aí entra a questão econômica, a questão mercantilista, entra a questão é... Da igreja. Cara é muita coisa. Muita coisa. Então a gente tem que compreender tudo isso aí pra saber. Não eu... Eu não sei tudo não. Mas eu sei algumas coisas que... Que fazem eu ter ainda

uma revolta muito grande pela... Uma determinada parte de pessoas que se acham melhor do que outras, e tentam escravizar pessoas até o dia de hoje. Hoje em dia cara, você vê notícia aí, de pessoas que trabalham sem receber e só pela comida e tal. E o cara, e o dono da casa, o dono da fazenda, os caras são advogados, juízes... Os caras não... Não é nenhum desinformado não Davi. Não é nem um cara que... Que sempre viveu ali na floresta e não conhece de lei não. São caras... Caramba bicho... É elite. Quem escraviza, hoje em dia, é leite. Né pobre que escraviza outro pobre não cara. Enfim, então esse conhecimento deveria ser focado, e eu acho que a escola é o melhor ambiente para isso. Por que? Porque tem pessoas que deveriam estar preocupados com a educação, com a formação né. Que algumas escolas tem, e outras não. Mas quando você ver um projeto, você ver algo assim, você pode direcionar isso aí. Direcionar um conteúdo, que tá, pode estar vinculado diretamente com educação física ou não. Porque ninguém é dono da capoeira. Ninguém é dono da capoeira. Agora, para ensinar capoeira tem que ser um capoeirista. Tem que ser um capoeirista. Não é professor de história, não é o professor de educação física. É o professor da capoeira. Professor de capoeira, professor que viveu a capoeira. Que entrou em roda, que apanhou em roda, que bateu em roda, que sabe... Enfim, o cara que realmente viveu. Se não, vai ficar aquela visão romântica né. E assim, eu já... Já fui desmaiado em roda, já tive o rosto estourado em roda, já tive a boca estourada em roda. E já vivi muita coisa. Já vi muita coisa com muitos mestres e tal. Então, eu sou um cara apropriado pra ministrar, dar aula né... De capoeira na escola? Eu acredito que sim. Primeiro pela minha vivência na capoeira. E segundo pela formação acadêmica que me dá possibilidade e competência para estar na escola... De aula, dentro dos desafios que a escola propõe, pra que a gente possa fazer um equilíbrio aí desses a... Dessa aprendizagem. E trazer o conhecimento da melhor forma, compreensivo para o aluno. Mas não... Se eu fosse só professor de educação física. Dava não. Se eu fosse só professor de... De capoeira né. Aí eu teria que ter uma pessoa para me auxiliar. Porque senão, eu ia transformar minha escola num ponto do meu grupo. Isso é muito... Muito complicado né. Aí, “ah, eu tô dando aula na escola. Mas é a mesma aula que eu dou lá no grupo” Aí o cara chega... Um exemplo aqui. O cara tava em um determinado grupo, aí ele chegou cinco minutos atrasado na aula. Aí ele foi falar com o mestre dele o motivo pra ele ter chegado atrasado. Parece que o ônibus lá... O ônibus que ele foi lá deu problema né e tal. Quando ele foi falar, o Mestre dele deu um tapão... “*pow.*” O cara virou assim... “Mestre...” “Você chegou atrasado cinco minutos.” Aí um cara desse aí tá preparado pra escola? Um cara desse aí... Tem muito cara bruto. Né só porque o cara é mestre de capoeira que tem condição de ministrar aula na escola não. Tem que ver se ele tem o mínimo... O ensino médio. O mínimo.

O mínimo o ensino médio. E que ele passa aí por uma entrevista... Uma determinada situação. Seja feito um levantamento da vida dele... Criminal. Porque, “ah, o cara é capoeira” Ah, é santo? Não... Nós somos seres humanos, todos nós temos falhas. Enfim, você tem que levar para escola, pessoas que realmente estejam... Que tenham um compromisso com a educação e com o ser. Então, você vai lidar com vidas. E uma vida, pra você lidar com vida, você tem que assumir uma responsabilidade imensa. Porque uma ação sua pode prejudicar o psicológico de uma criança em formação. Positivamente ou negativamente. Mas é isso.

ENTREVISTADOR: aí professor. Só para finalizar. Ia pedir pro senhor duas coisas. Uma delas é que o senhor tentasse definir a capoeira com uma palavra, certo? E a outra é que, se o senhor tivesse que dar, por exemplo, um recado, alguma recomendação, conselho, ou até mesmo uma dica pra um estudante ou um professor né, que tá aí no curso de licenciatura educação física, a respeito da capoeira, qual seria?

PROFESSOR 2: Resumir a capoeira numa palavra né cara... Difícil né Davi. Mas... Pronto. Eu pensei aqui. Uma palavra. Resumir a capoeira... Falando da capoeira. Uma palavra. Eu escolheria hoje, agora, nesse momento, resistência. Ou resistir. Acho que... Ta muito ligado com a capoeira. Ela resistiu... Ela, tal e tal... E... uma dica, um recado, um conselho né, pra um acadêmico, sobre a capoeira. Primeiro, a questão, continuar estudando sempre, e se envolver no mundo da capoeira. Se envolver no mundo da capoeira. Se você quiser ministrar uma boa aula de capoeira, você tem que realmente viver um pouco da capoeira. Você tem que vivenciar um pouco da capoeira né. Uma vez eu fui fazer um treinamento de musculação e eu puxei isso para mim né. Aí o... Até o Waldemar Guimarães. Cara muito bom... Muito conhecimento. Dá... É *personal* de estrelas aí do mundo. Aí ele falou uma coisa. “Os professores de educação física...” Eu não fazia educação física na época. Só era... Só gostava de musculação. E ele falou assim, “você que é professor de Educação Física e vai ministrar aula de musculação... Muito bom. Isso é legal. Mas saiba uma coisa, pra que você realmente dê uma boa aula de musculação, é importante que você, pelo menos, passe dois anos fazendo musculação. Pelo menos dois anos.” Logicamente aí, ele deu esse tempo né. Aí eu peguei aquilo ali pra mim. Achei interessante. Então, o cara vai lá... “Ah, mas... Fazer o movimento aqui...” Cara, mas como eu te falei. Quando você começa a viver várias possibilidades... Eu fui nocauteado numa esquivada. O cara chutou, eu esquivei perfeito. O cara deu um chute velho, no meu olho. Isso aqui saiu todo arrebatado. Numa apresentação de capoeira Davi. Aí eu tava lá no banheiro... Aí eu saí, fui lavar meu rosto. O sangue rolando aqui né... Aí o cara

chegou, “Ei man, o cara te acertou...” O cara do mesmo grupo do cara que me acertou né. “Vish, o cara te acertou pesado né.” E eu na esquina, tava baixo. Foi crueldade mesmo. Eu era menino, adolescente nesse tempo. Ele... Ele disse assim... Aí ele com pena. Eu não tava nem falando né... A boca inchada, Aí ele disse assim, “mas é assim mesmo cara. Capoeira é assim mesmo.” Será cara? Capoeira é assim mesmo? Então, tem que treinar. E essa percepção, depois de uns cinco... Cinco não, depois de uns dez anos. Eu já homem. Esse mesmo cara que deu um chute, ele apareceu na minha academia. Aí entra aquela questão, quem apanha nunca se esquece né. Quando eu vi ele assim... “Esse é meu dia né.” E... Eu acho que ele nem lembrava, ele não sabia mais nem quem eu era. E ele caiu na roda. Quando ele caiu na roda, eu joguei com ele Davi. Mas assim, eu não encostei um dedo nele. Não encostei nem um dedo nele. E por isso que eu digo, você tem que viver a capoeira. Mas aí vai depender de cada pessoa também. Tem gente que mete o pé mesmo, tá nem vendo. Mas só para encerrar aqui, vou dar um exemplo. Uma vez, eu tava terminando um evento, a gente tava no rescaldo ali, conversando. Aí, um cara do Rio Grande do Norte, que tinha vindo pro evento, ele falou assim, “Médio, o senhor se lembra de quando você foi a primeira vez no Rio Grande do Norte?” Eu disse, “eu não me lembro.” “Quando o senhor entrou na roda, o rapaz lá tentou pegar o senhor. E o senhor conseguiu se esquivar bem e tal, e o cara meteu o pé no senhor. Encaixou mesmo o pé.” Aí eu... Eu nem me lembrava dessa história né. “Foi mesmo macho? E o que foi que eu fiz?” “O senhor rodou. Deu a volta ao mundo. Aí o senhor começou a jogar né. Aí o senhor jogando com ele, quando ele vacilou, o senhor parou o seu pé na frente do rosto dele. Quando o senhor parou, o senhor voltou. Aí rodou de novo e deu a mão pra ele.” Aí eu disse assim, “eu fiz isso?” Aí ele, “fez. Quando terminou a roda, a secretária de educação, que tava lá assistindo a apresentação, lhe chamou, e perguntou: por que que você não revidou. Se ele lhe bateu?” Aí eu disse assim... “Aí o senhor disse assim...” Eu nem me lembrava disso viu. “Aí o senhor disse assim: não é preciso bater nele para mostrar que a minha técnica é melhor que a dele.” Aí eu... “Eita macho”. Aí eu... É. Realmente isso... Isso é da minha vida. Isso é minha vida. Então você tem que vivenciar. Você tem que... Não é só levantar o pé não. Capoeira não é só levantar o pé. É muito mais do que isso. Tá bom Davi?

**APÊNDICE D - QUADRO SÍNTESE COM DADOS DO INSTRUMENTAL
ONLINE**

PROFESSOR MÉDIO	PROFESSOR GUNGA
SEXO/GÊNERO	
masculino	masculino
DATA DE NASCIMENTO	
28/09/1974	14/03/1981
ESTADO CIVIL	
Casado	Divorciado
ETNIA/RAÇA	
preto	preto
Há quanto tempo concluiu a licenciatura em Educação Física? É a sua primeira graduação? Tem outra? Em caso afirmativo em qual área?	
15 anos.	Há 13 anos concluí minha única graduação.
Em qual instituição concluiu a licenciatura em Educação Física?	
Universidade Vale do Acaraú	Universidade Estadual do Ceará
Por que escolheu o curso de licenciatura em Educação Física? Por que decidiu trabalhar na Educação Básica?	
Devido a minha vivência na capoeira. Pela a identificação em ministrar aula.	Escolhi Educação Física para ajudar a qualificar minha carreira capoeirística. Decidi trabalhar na Educação Básica inicialmente por gostar de trabalhar com crianças e também ganhar uma boa experiência na base.
Tem Pós-Graduação? Lato Sensu? Em qual área? Strito Sensu? Em qual área?	
Educação Física Escolar.	Especialização em Ed. Física Escolar (Latu Sensu); Mestrado em Ed. Física (Strito Sensu)
Concluiu quando a Pós-Graduação? [especificar se tem mais de uma]	
2012	Especialização (2013); Mestrado (2020).
Há quanto tempo trabalha/trabalhou com o ensino de educação física escolar?	
15 anos	Há 11 anos.

Você trabalha/trabalhou na rede pública (federal, estadual ou municipal) ou particular?	
Na pública e privada, nas esferas municipal e estadual.	Sou professor da rede pública municipal e já trabalhei na rede privada.
Em quantas escolas você trabalha/trabalhou? Com quais níveis de ensino - infantil, fundamental 1 ou 2, ensino médio/ eja – quais anos/séries?	
Em 08 escolas. Infantil, fundamental 1 e 2 e ensino médio.	Rede privada: Ensino Fundamental I/II e Ensino Médio; Pública: Ensino Fundamental I e II..
Há quanto tempo trabalha em cada um dos vínculos atuais [tempo de trabalho em cada uma das escolas]	
08 anos	Atualmente (desde 2020) estou como coordenador de um programa, logo, estou fora de sala de aula. Minhas 2 últimas escolas fiquei durante 3 anos (2017/18/19).

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) professor(a),
 Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: “*A capoeira na Educação Física escolar: vivências e formações que permeiam a práxis pedagógica*”, referente ao Trabalho de Conclusão de Curso de José Davi Leite Castro, matrícula de n.º 399620, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Venâncio, como requisito parcial para conclusão da Licenciatura em Educação Física, no Instituto de Educação Física e Esportes, da Universidade Federal do Ceará. O objetivo geral é compreender as influências da capoeira na vida e na prática pedagógica de professores(as) de Educação Física. É necessário para sua participação, seu consentimento, permitindo que os dados dessa investigação possam ser utilizados no estudo, publicados ou apresentados em reuniões científicas, sendo garantido o respeito quanto aos seus direitos de imagem e privacidade, mantendo em anonimato sua identificação. Quaisquer dúvidas, informações, detalhes ou esclarecimentos que necessitar poderão ser solicitados a qualquer momento. Você não deve participar contra a sua vontade e poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos. Ressaltamos que pela sua participação no estudo, não receberá qualquer valor em dinheiro, e que está isento de qualquer custo envolvido no desenvolvimento da pesquisa. Se estiver de acordo, por favor preencha a declaração fornecida. Desde já, agradecemos pela participação e contribuição.

Atenciosamente,

José Davi Leite Castro
 Graduando/Licenciatura em Educação Física

Profa. Dra. Luciana Venâncio
 Orientadora/IEFEs/UFC

Contatos:

José Davi Leite Castro
 Telefone: (85) 9 9796-6120

E-mail: davileite11@hotmail.com

Luciana Venâncio
 Telefone: (11) 9 7287-4034

E-mail: luciana_venancio@yahoo.com.br

Eu _____, ____anos, RG: _____, declaro ter lido este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estar ciente de todos os objetivos do presente estudo, realizado por José Davi Leite Castro sob orientação da Profa. Dra. Luciana Venâncio, e que minha participação no estudo é de livre e espontânea vontade, dando meu consentimento para posterior utilização dos dados.

Fortaleza, ____ de ____ de 20__.

Assinatura: _____